

**EXPRESSÕES DE MODALIDADE A EXEMPLO DE
SOLLEN E *MÜSSEN* E SUAS TRADUÇÕES
PARA PORTUGUÊS**

centro de investigação em estudos germanísticos

**EXPRESSÕES DE MODALIDADE
A EXEMPLO DE *SOLLEN* E
MÜSSEN E SUAS TRADUÇÕES
PARA PORTUGUÊS**

Coordenação:

Judite Carecho, Rute Soares e Maria António Hörster

Coimbra, 2014
cadernos do cieq
n.º 34

cadernos do cieg

COORDENAÇÃO:

Maria Manuela Gouveia Delille

TÍTULO:

Expressões de modalidade a exemplo de *sollen* e *müssen*
e suas traduções para português

COORDENAÇÃO DESTE CADERNO:

Judite Carecho, Rute Soares e Maria António Hörster

© 2014 Centro de Investigação em Estudos Germanísticos,
Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, P-3004-530 Coimbra
MinervaCoimbra, Rua João de Ruão, Torre do Arnado, n.º 12 - 1.º
3000-229 Coimbra

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Composição gráfica: Pedro Bandeira

Impressão: PMP, Lda.

1ª edição – Dezembro de 2014

Maria Francisca Athayde
In memoriam

Índice

Nota Prévia	9
1. Verbos modais e modalidade em alemão e português: uma introdução aos casos de <i>sollen</i> e <i>müssen</i> – Rute Soares e Judite Carecho	13
1.1. Expressão de modalidade em alemão e em português	13
1.2. Descrições de <i>sollen</i> e <i>müssen</i>	19
1.3. Descrições de <i>sollen</i> e <i>müssen</i> e a sua tradução por <i>dever</i>	29
1.4. Apresentação do <i>corpus</i>	39
2. <i>Sollen</i>: contextos de uso e traduções – Maria António Hörster, Maria Francisca Athayde, Judite Carecho e Rute Soares.....	41
2.1. <i>Sollen</i> em leitura reportativa – informação relatada	42
2.2. <i>Sollen</i> em leitura normativa – referência a normas ou padrões	46
2.3. <i>Sollen</i> em leitura volitiva – expressão de vontade alheia ao sujeito.....	54
2.4. <i>Sollen</i> em leitura teleológica – formulação de objetivos	59
2.5. Outros usos de <i>sollen</i>	61
3. <i>Müssen</i>: o provável, o necessário e o incontornável – traduções para português – Maria António Hörster, Maria Francisca Athayde, Judite Carecho e Rute Soares.....	68
3.1. <i>Müssen</i> em leitura epistémica – avaliação de probabilidade ...	70
3.2. <i>Müssen</i> em leitura normativa – referência a normas ou padrões	79
3.3. <i>Müssen</i> em leitura volitiva – expressão da vontade	90
3.4. <i>Müssen</i> em leitura teleológica – atingir objetivos.....	94
3.5. <i>Müssen</i> em leitura circunstancial – a força das circunstâncias..	101
3.6. <i>Müssen</i> em expressões fixas ou semifixas.....	115
Notas finais	120
Anexo – Tabela-resumo	123
Referências bibliográficas	133

Os presentes estudos inserem-se nas linhas de investigação do Centro de Investigação em Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I & D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projeto Estratégico UI25 – 2011-2012/2013 (PEst-OE/ELT/ /UI0025/2011). Este volume enquadra-se na linha n.º 1, “Linguística, Literatura, Tradução. Abordagens Interdisciplinares” (coord. Maria António Hörster).

Nota Prévia

A expressão, em português, dos valores carreados pelos verbos modais alemães constitui, indubitavelmente, uma questão complexa com que se debatem tradutores profissionais e lexicógrafos, bem como todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de Tradução e de Português e de Alemão como Línguas Estrangeiras. Esta complexidade decorre, em grande medida, da natureza polifuncional desses verbos, resultado de um processo evolutivo em que a um uso original se foram agregando outros. Os verbos *sollen* e *müssen* e as múltiplas interpretações que suscitam são disso um exemplo particularmente ilustrativo: para a ativação de uma determinada leitura, contribui toda uma constelação de elementos contextuais a que não se pode deixar de atender. A tradução de *sollen* e *müssen* implica, pois, um exercício de atenção a essa pluralidade de fatores, que, com mais frequência do que pode imaginar-se, escapam à percepção dos tradutores. Da necessidade de equacionar todo esse conjunto de condicionalismos dará conta o presente volume, concebido na sequência de Hörster/Athayde/Carecho (2011, 2012, 2013) como contributo para o aperfeiçoamento da lexicografia bilingue, bem como para a Didática da Tradução, e ainda do Alemão e do Português como Línguas Estrangeiras. Assim, considerando o objetivo predominantemente prático deste volume, a reflexão teórica sobre a semântica e a pragmática dos dois verbos modais, longamente tematizada por diversos autores, não constituirá o núcleo do trabalho por nós desenvolvido. Os aspetos semântico-pragmáticos presentes na descrição de *sollen* e *müssen* serão aflorados apenas na estrita medida em que permitem explicitar as relações que é desejável estabelecer na comparação entre línguas, subjacente às atividades lexicográfica, tradutiva e de ensino-aprendizagem.

O capítulo introdutório trata a expressão da modalidade em alemão e em português e, mais especificamente, os sentidos de *sollen* e *müssen*, bem como de *dever*, enquanto verbo modal

português que constitui uma das possibilidades de tradução de ambos os verbos alemães. Seguem-se dois capítulos dedicados a *sollen* e *müssen* em que são apresentadas as diversas leituras de cada um dos verbos e discutidas alternativas de tradução recolhidas nos diferentes textos incluídos no *corpus* que serviu de base a este trabalho.

**Expressões de modalidade a exemplo de *sollen* e *müssen*
e suas traduções para português**

1. Verbos modais e modalidade em alemão e português: uma introdução aos casos de *sollen* e *müssen*

1.1. Expressão de modalidade em alemão e em português

A modalidade é a possibilidade que as línguas nos oferecem de descrever uma situação como não sendo necessariamente real, mas antes possível, provável, permitida, desejável, necessária, inevitável, obrigatória, proibida, improvável, impossível, irreal, incerta, relatada, etc. (Portner, 2009: 1; Götze/Hess-Lüttich, 2002: 114).

Tanto em alemão como em português, a modalidade pode ser expressa através de uma variada gama de recursos, alguns de tipo morfossintático e outros de tipo lexical, que passamos a exemplificar, privilegiando aqueles que são relevantes para a análise que pretendemos desenvolver. Entre os recursos morfossintáticos da língua portuguesa estão os modos verbais como o Imperativo, que nos permite, por exemplo, dar ordens, instruções, fazer pedidos, ou o Conjuntivo, com o qual falamos de uma situação improvável ou de algo que não sabemos se existe (cf. os exemplos da tabela 1). Também as formas usualmente designadas como tempos verbais são, por vezes, usadas com sentido não temporal, mas antes modal, como é o caso do Pretérito Imperfeito para exprimir um desejo, do Futuro para exprimir dúvida, do Futuro Composto para reproduzir uma informação de fonte externa ao locutor ou, ainda, do Condicional/Futuro do Pretérito¹ para fazer uma recomendação (cf. os exemplos da tabela 1). Outros recursos para exprimir

¹ Usamos a designação Condicional/Futuro do Pretérito, tendo em conta que esta forma verbal é usada na tradução dos verbos modais alemães aqui analisados, quer com valor modal, quer com valor temporal. Por um lado, no seu sentido temporal, esta forma é adequadamente descrita como indicando o futuro a partir de um ponto de referência no passado (cf. Cunha/Cintra, 1984: 379); por outro lado, o termo 'Condicional' remete para uma dimensão modal e, por ser de uso muito frequente (cf., por ex., Oliveira, 2013: 527), também no contexto do ensino da língua (cf. Silva, 2013), pareceu-nos adequada para permitir uma identificação imediata da forma em causa por parte dos leitores.

modalidade em português passam pelo sufixo *-vel*, que veicula a noção de possibilidade, ou pela construção de *que*+Conjuntivo, através da qual se exprimem tipicamente ordens ou pedidos não destinados ao interlocutor.

RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS
Modos verbais
Imperativo: <i>Entre!</i> Conjuntivo: <i>Se eu fosse rica...</i> <i>Quero um carro que gaste pouco.</i>
Tempos verbais
Preterito Imperfeito: <i>Agora eu bebia uma água fresca.</i> Futuro: <i>Quem será?</i> Futuro Composto: <i>Três pessoas terão ficado feridas.</i> Condicional/Futuro do Pretérito: <i>Eu não faria isso.</i>
Outros recursos morfossintáticos
sujeito + <i>que</i> + Conjuntivo: <i>Ele que venha cá.</i> Sufixo derivacional <i>-vel</i> : <i>lavável, concebível, solúvel, aceitável</i>

Tabela 1 – Exemplos de recursos morfossintáticos para exprimir modalidade em português

Entre os recursos para expressão de modalidade de tipo lexical, sobressaem os verbos modais e outros com valor modal,² que, como se ilustra com as frases da tabela 2, permitem exprimir, respetivamente, probabilidade, (im)possibilidade, obrigação, vontade,

² Não trataremos aqui o conceito de verbo modal e o seu estatuto de verbo auxiliar ou semiauxiliar, uma questão de grande complexidade cuja discussão tem uma tradição mais longa no espaço de língua alemã do que no espaço de língua portuguesa, mas que, tanto numa como na outra, culmina, em geral, com a atribuição a estes verbos de um estatuto intermédio entre verdadeiros auxiliares e verbos plenos. Dado que o nosso interesse reside unicamente no significado modal, as tabelas que apresentamos incluem tanto verbos modais como outros verbos considerados plenos e/ou semimodais (por exemplo, *scheinen/parecer, drohen/ameaçar, versprechen/prometer, precisar (de)*) que carregam também significados modais. Quanto ao comportamento dos verbos modais face aos critérios de auxiliaridade, veja-se, para o português, Raposo (2013: 1230ss) e, para o alemão, Helbig (2009: 6-10); sobre o estatuto dos verbos de modalidade (*Modalitätsverben*) ou semimodais, veja-se Engel (2009: 251ss) e Lima (2006).

preferência, necessidade, capacidade ou inferências baseadas em indícios. Estes valores podem igualmente ser transmitidos por advérbios ou locuções com função adverbial, e ainda por adjetivos e nomes, como mostram os últimos exemplos da tabela.

RECURSOS LEXICAIS	
Verbos modais e outros com significado modal	
<p><i>Ela <u>deve</u> chegar amanhã.</i> <i>Ele não <u>pode</u> falar.</i> <i>Tu <u>tens</u> de comer a sopa.</i> <i>Não <u>quero</u> ficar em casa.</i> <i><u>Havias</u> de ter visto a cara dele.</i> <i><u>Gosto</u> de ler.</i> <i><u>Preciso</u> de ler esse livro.</i> <i>Ele não <u>sabe</u> andar de bicicleta.</i> <i>Ela <u>parece</u> conhecer o livro.</i> <i>A casa <u>ameaça</u> ruir.</i> <i>O trabalho <u>promete</u> tornar-se interessante.</i></p>	
Advérbios e locuções com função adverbial	
<p><i><u>Possivelmente</u></i> <i><u>Provavelmente</u></i> <i><u>Se calhar</u></i> <i><u>Pelos vistos</u>,</i></p>	<p><i>ele ainda vem hoje.</i></p>
<p><i><u>Talvez</u> ele ainda venha hoje.</i> <i>Esta é, <u>certamente</u>, a parte mais complexa deste livro.</i></p>	
Adjetivos	
<p>É <i><u>possível</u></i> <i><u>provável</u></i> <i><u>necessário</u></i> <i><u>preciso</u></i></p>	<p><i>que ele ainda venha hoje.</i></p>
<p><i>Ele não teve o cuidado <u>desejável</u> na elaboração do trabalho.</i></p>	
Nomes	
<p><i>Há <u>possibilidade</u> de reservar quartos.</i> <i>Ele tem <u>obrigação</u> de saber isso.</i></p>	

Tabela 2 – Exemplos de recursos lexicais para exprimir modalidade em português

Também em alemão existem recursos morfossintáticos para a expressão da modalidade que podem ser, na aparência, semelhantes

aos portugueses, mas que nem sempre transmitem valores modais idênticos (cf. tabelas 1 e 3). Enquanto o *Imperativ* pode veicular, como em português, ordens ou pedidos, o *Konjunktiv* apresenta um uso semelhante ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo português em frases condicionais (*Wenn ich reich wäre...* e *Se eu fosse rica...*), mas, na maior parte dos restantes usos, não corresponde a formas de Conjuntivo: por exemplo, em *Drei Menschen seien verletzt worden* a forma portuguesa correspondente é o Futuro Composto (*terão ficado*, cf. a tabela 1), mas já no equivalente português de *Ich würde das nicht machen* encontramos uma forma de Condicional/Futuro do Pretérito: *Eu não faria isso*. Alguns tempos verbais alemães permitem igualmente leituras modais, como é o caso do *Futur I* e *Futur II* com sentido de probabilidade. Tal como em português, há em alemão sufixos com valor modal de possibilidade, como *-bar* e *-lich* em adjetivos deverbais. E existem ainda outras estruturas com valor modal, como por exemplo *haben/sein* + *zu* seguidos de *Infinitiv* para exprimir necessidade ou obrigação.

RECURSOS MORFOSSINTÁTICOS
Modos verbais
<i>Imperativ: Kommen Sie rein!</i> <i>Konjunktiv: Wenn ich reich wäre...</i> <i>Drei Menschen seien verletzt worden.</i> <i>Ich würde das nicht machen.</i>
Tempos verbais
<i>Futur I: Er wird (jetzt) im Büro sein.</i> <i>Futur II: Er wird (gestern) die Stadt besichtigt haben.</i> ³
Outros recursos morfossintáticos
<i>haben/sein</i> + <i>zu</i> + <i>Infinitiv: Das Buch ist gründlich zu lesen.</i> <i>Er hat das Buch zu lesen.</i> ⁴ Sufixos derivacionais como <i>-bar</i> e <i>-lich</i> : <i>brauchbar, denkbar, essbar, waschbar, zugänglich, zerbrechlich, unsterblich, vergesslich</i>

Tabela 3 – Exemplos de recursos morfossintáticos para exprimir modalidade em alemão

³ Exemplos retirados de Helbig/Buscha (1996: 154, 156). Os restantes exemplos são da responsabilidade das autoras, exceto quando acompanhados da respetiva fonte.

⁴ Exemplos retirados de Helbig (2009: 3).

Os recursos lexicais para expressão de modalidade em alemão incluem, em lugar de destaque, os verbos modais (e outros com significado modal)⁵, que podem indicar, como mostram os exemplos da tabela seguinte, obrigação, vontade, auscultação da vontade, possibilidade, permissão, necessidade ou inferência baseada em indícios, respetivamente. Estes usos aproximam-se, por vezes, dos dos verbos modais portugueses – como é o caso da expressão de obrigação em *Tu tens de comer a sopa* e *Du musst die Suppe essen*, nas tabelas 2 e 4, respetivamente –, ficando, no entanto, muito longe de uma correspondência perfeita. Exemplo dessa falha de correspondência é a frase *Ele não pode falar*, que pode ser lida como veiculando proibição ou impossibilidade física; a primeira leitura corresponde direta e inequivocamente ao verbo alemão *dürfen* – *Er darf nicht sprechen* –, enquanto a segunda só pode ser suscitada pelo verbo *können* – *Er kann nicht sprechen*, embora esta frase seja também ambígua. Alguns dos valores que foram descritos para os verbos modais podem, tal como em português, ser também transmitidos por advérbios ou locuções com função adverbial, por adjetivos e por nomes. O alemão dispõe ainda de partículas discursivas com valor modal, como o valor de probabilidade veiculado por *wohl*.

RECURSOS LEXICAIS
Verbos modais e outros com significado modal
<p><i>Du <u>musst</u> die Suppe essen.</i> <i>Ich <u>will</u> nicht zu Hause bleiben.</i> <i>Ich <u>möchte</u> ihn einladen.</i> <i><u>Soll</u> ich das Fenster aufmachen?</i> <i>Er <u>kann</u> nicht sprechen.</i> <i>Er <u>darf</u> nicht sprechen.</i> <i>Sie <u>braucht</u> nicht zu kommen.</i> <i>Sie <u>scheint</u> das Buch zu kennen.⁶</i> <i>Das Haus <u>droht</u> einzustürzen.</i> <i>Die Arbeit <u>verspricht</u> interessant zu werden.</i></p>

⁵ Cf. nota 2.

RECURSOS LEXICAIS		
Advérbios e locuções com função adverbial		
	<i>Wahrscheinlich</i> <i>Vielleicht</i> <i>Möglicherweise</i>	<i>kommt er heute noch.</i>
Adjetivos		
<i>Es ist</i>	<i>wahrscheinlich,</i> <i>möglich,</i> <i>nötig,</i>	<i>dass er heute noch kommt.</i>
Nomes		
<i>Es besteht die <u>Möglichkeit</u>, Zimmer zu reservieren.</i>		
Partículas modais		
<i>Sie ist <u>wohl</u> nicht da.</i>		

Tabela 4 – Exemplos de recursos lexicais para exprimir modalidade em alemão

De entre os recursos acima exemplificados para a língua alemã, os verbos modais estão entre os mais recorrentes. Pela sua frequência e por serem usados em contextos muito variados com diferentes interpretações, sem que haja em português correspondentes diretos que abarquem todas essas leituras, os verbos modais constituem elementos problemáticos tanto na tradução como na aprendizagem da língua alemã por falantes de português como língua materna (cf. Harden, 1989: 135-6).⁷ No presente trabalho, escolhemos como ponto de partida dois verbos modais alemães, *sollen* e *müssen*, e a forma como podem ser traduzidos para português, em exemplos reais de proveniências diversas, que serão analisados, respectivamente, nos capítulos 2 e 3, após uma reflexão inicial sobre o modelo mais adequado para descrever e comparar as duas línguas no que respeita aos verbos modais.

⁶ Os exemplos com *scheinen*, *drohen*, *versprechen*, *parecer*, *ameaçar* e *prometer* foram retirados de Lima (2006: 39, 41).

⁷ Esta é também a experiência didática das autoras, tendo constituído o grande impulso para a elaboração do presente estudo.

1.2. Descrições de *sollen* e *müssen*

Para uma apresentação sistematizada de diferentes possibilidades de tradução de *sollen* e *müssen*, é imprescindível conhecer os seus sentidos e contextos de uso, enquadrando-os numa estrutura que permita compreender a forma como lhes correspondem diferentes recursos de tradução. Mas os verbos modais alemães, com a complexidade que lhes é reconhecida, têm sido objeto de diferentes descrições, assentes em princípios diversos, de entre as quais se destaca o trabalho de G. Diewald (Diewald, 1999; Diewald/Smirnova, 2010; Smirnova/Diewald, 2013), desenvolvido e aprofundado ao longo de diversos anos no âmbito dos estudos de gramaticalização, e o de A. Kratzer (Kratzer, 1981; Kratzer, 2012), que se enquadra na semântica formal e que foi adaptado para outras publicações, como a gramática de Zifonun *et al.* (1997). No âmbito do presente trabalho, mais do que a diversidade das bases teóricas das duas propostas, são relevantes as diferenças entre os modelos de descrição dos significados dos verbos modais, para que possamos determinar qual é o mais adequado para sustentar uma comparação esclarecedora com a língua portuguesa. As secções seguintes serão, pois, dedicadas à apresentação de dois modelos de descrição dos significados de *sollen* e *müssen*, dos quais o segundo se revelará mais apropriado aos fins deste trabalho, tendo em conta a reflexão sobre os usos de *dever* que desenvolveremos na secção 1.3.

1.2.1. *Sollen* e *müssen* segundo Diewald (1999)

Diewald apresenta uma proposta muito pormenorizada de descrição dos verbos modais alemães, entre os quais *sollen* e *müssen*. A autora faz uma distinção entre dois tipos de uso dos verbos modais,⁸ um lexical e outro mais gramaticalizado, historicamente

⁸ A distinção básica entre duas subclasses de usos dos verbos modais é relativamente consensual em diferentes tipos de estudos realizados sobre este tópico. Helbig (2009: 11ss) faz uma apresentação das diferenças entre estes dois

proveniente do primeiro⁹ (Diewald, 1999: 1 e 2). No que diz respeito ao uso lexical, a autora distingue três tipos de leituras dos verbos modais: (i) a deôntica, que encontramos em contexto de atos de fala diretivos, que visam influenciar o comportamento do interlocutor, e é frequentemente expressa por *sollen* e *dürfen*, (ii) a volitiva, veiculada tipicamente por *wollen* e *mögen*, e que se relaciona com preferências, desejos e intenções do sujeito e (iii) a disposicional, que é expressa por *können* e *müssen* e está relacionada com o que o sujeito da frase é capaz de fazer ou é compelido a fazer (Diewald, 1999: 74-76). Estes conceitos serão em seguida ilustrados com exemplos de uso dos dois verbos em análise, *sollen* e *müssen*.

No caso de *sollen*, o uso lexical é exemplificado na seguinte frase, que apresentamos a par com a respetiva paráfrase:

- (1) Die Teilnehmer **sollen** ihre Lieblings-CD **mitbringen**.
 (= Die Teilnehmer **sind aufgefordert**, ihre Lieblings-CD **mitzubringen**.) (Diewald, 1999: 120)¹⁰

subsistemas da modalidade, referindo também as designações variadas que eles têm recebido.

⁹ A noção de ‘uso gramaticalizado’ provém dos estudos de gramaticalização, que analisam a forma como algumas palavras desenvolvem novos significados, perdendo alguns traços do seu significado original e ganhando novas funções, muitas vezes mais fortemente ligadas ao sistema da língua (gramática) e menos de referência direta à realidade exterior. Este tipo de evolução histórica pode levar à coexistência de usos diferentes de uma mesma palavra, alguns relativos a significados lexicais, historicamente anteriores, e outros mais recentes e mais gramaticalizados. No caso dos verbos modais, mesmo o uso que aqui – por uma questão de simplicidade terminológica – designamos como lexical, já será fruto de um processo de gramaticalização e, portanto, diferente do significado lexical original. Diewald (1999, 321-322) refere, por exemplo, um significado lexical de *sollen* como ‘dever dinheiro’, hoje inexistente, mas que esteve presente até ao sec. XVIII, encontrando-se ainda atestado em Goethe: »Was soll ich ihnen für den Tee?«.

¹⁰ Nas citações da bibliografia e nos exemplos do *corpus*, não se procedeu a qualquer atualização ortográfica.

Esta leitura deôntica de *sollen* indica que, no tempo a que se reporta o verbo, o sujeito da frase – no exemplo (1), os participantes – se encontra no estado de ter recebido indicações de uma pessoa ou entidade externa, não nomeada na frase, para concretizar a situação designada pelo verbo que está no Infinitivo – no caso de (1), trazer o seu CD favorito (Diewald, 1999: 124-5). O sujeito da frase com *sollen* é, portanto, destinatário de um ato de fala diretivo que é pressuposto e, simultaneamente, ele é também sujeito da ação referida pelo Infinitivo. A descrição de Diewald prevê alguma variação para este sentido de *sollen*, contemplando também frases como (2), em que não há um sujeito (humano) que receba indicações, mas em que *sollen* continua a transmitir a ideia da referência ao que está previsto (e foi comunicado a alguém) por uma entidade externa à frase, nomeadamente os planos de inaugurar o edifício em 1998.

- (2) Das Auswärtige Amt warnte [...] vor dem »Sicherheitsrisiko« in dem Bürobau, der 1998 eingeweiht werden soll.
 (= [...] in dem Bürobau, der – so ist es geboten/festgelegt – 1998 eingeweiht wird.) (Diewald, 1999: 88)

O uso de *sollen* patente nos exemplos anteriores é, no entanto, radicalmente diferente do que encontramos em (3):

- (3) Der Arzt und die Kosmetikerin sollen 1993 noch zwei weitere Morde geplant haben.
 (= Jemand sagt: „Der Arzt und die Kosmetikerin haben 1993 noch zwei weitere Morde geplant.“) (Diewald, 1999: 179)

Trata-se de um uso reportativo¹¹ do verbo modal, em que é relatada informação proveniente de uma pessoa ou entidade

¹¹ A designação ‘reportativo’ aplicada a *sollen* é a atualmente usada por Diewald e outros autores, por ex. »reportiv« em Smirnova/Diewald (2013: 444), «reportive» em Diewald/Smirnova (2010: 59), «reportative» em Kratzer (2012: 22). Em Diewald (1999: 225) era ainda aplicado a *sollen* o conceito de »quotativ«;

externa, normalmente não mencionada na frase. A marcação de uma determinada informação como proveniente de uma fonte externa não significa necessariamente dúvida acerca da sua veracidade, embora, em função das circunstâncias contextuais, essa interpretação possa surgir.¹²

Também *müssen* apresenta um uso lexical de base e um uso mais gramaticalizado. O primeiro está exemplificado em (4):

- (4) Aber jetzt **mußt** du natürlich das Semester zu Ende bringen, ne?
 (=Aber jetzt **bist** du natürlich **genötigt**, erst das Semester zu Ende zu bringen, ne.) (Diewald, 1999: 76)

Trata-se de uma leitura que a autora designa como disposicional, segundo a qual o sujeito de *müssen* se encontra num estado em que é impelido a executar a ação designada pelo Infinitivo (Diewald, 1999: 76): em (4), o sujeito não tem outra opção a não ser a de acabar o semestre. A origem deste condicionamento pode estar em circunstâncias internas ou externas ao sujeito (em (4),

no entanto nos trabalhos de 2010 e 2013, em colaboração com Smirnova, a autora revê a sua posição anterior e passa a distinguir entre marcadores de citação como o *Konjunktiv I*, designados como «quotativ(e)», e marcadores de informação relatada («mediated information»), designados como «reportiv(e)», nos quais se inclui *sollen*.

¹² Segundo Diewald (1999: 228), a dúvida não faz parte da semântica de *sollen*, mas poderá ser uma implicatura conversacional. A distanciação do locutor relativamente ao conteúdo da informação relatada com recurso ao verbo *sollen* é, no entanto, sistematicamente referida em gramáticas do alemão: Helbig/Buscha (1991: 137; 2001: 122) falam de »vom Sprecher gewöhnlich distanziert gesehene Rede«; Engel (1996: 472) refere *sollen* »verbunden mit Skepsis des Sprechers«, reformulando mais tarde essa indicação como »zusätzlich Skepsis des Sprechers« Engel (2009: 250); Zifonun *et al.* (1997: 1892) afirma que »Häufig distanziert sich der Sprecher von diesen ‚Behauptungen‘ Dritter«. Para uma posição recente sobre a semântica de *sollen* e a dúvida sobre a veracidade da informação relatada, vejam-se os exemplos e argumentos referidos em Smirnova/Diewald (2013: 452), que mostram que, a uma frase com *sollen* reportativo, é possível adicionar quer uma afirmação que confirme o conteúdo da primeira, quer uma afirmação que o desmintas.

por exemplo, a necessidade que o sujeito tem de concluir as disciplinas do semestre para iniciar outra atividade que pretende desenvolver, ou a obrigação de acabar o semestre que os pais lhe impõem). Assim, a origem do condicionamento apresenta-se como uma entidade sem contornos definidos, que não tem localização explícita (Diewald, 1999: 150). A proposta da autora prevê alguma variação para este sentido de *müssen*, contemplando também frases como (5), em que não há um sujeito (humano) que é impelido a executar uma determinada ação, mas em que uma situação é determinada pelas circunstâncias – em (5), trata-se da necessidade de pôr termo à indefinição:

- (5) Dieses zwischen den Stühlen stehen **muß aufhören**.
 (=Es ist nötig, daß dieses zwischen den Stühlen stehen aufhört.) (Diewald, 1999: 273)

Segundo Diewald, em determinados contextos específicos, *müssen* pode igualmente receber outras leituras diferentes da disposicional. Por exemplo, no contexto de (6) encontramos uma instrução ou ordem no sentido de se adotar um determinado comportamento – nomeadamente, por parte do ministro da Defesa, para que os responsáveis pela gestão de assuntos militares não falem sobre a falência iminente do serviço militar obrigatório –, o que configura, para a autora, uma leitura deôntica de *müssen*:

- (6) Über die Risse im »Auslaufmodell Wehrpflichtarmee«
 [...] **müssen** die Militärplaner schweigen. Ruhe will es so.
 (Diewald, 1999: 154)

Por outro lado, em (7), encontramos um questionamento acerca da vontade do sujeito de levar consigo uma máquina fotográfica, fazendo com que, contextualmente, *müssen* assuma uma interpretação volitiva.

- (7) Sagen sie, **müssen** sie denn unbedingt n Fotoapparat mitnehmen? (Diewald, 1999: 154)

Distingue-se claramente dos usos de *müssen* ilustrados nos exemplos anteriores aquele que encontramos em (8):

- (8) Dann **muß** ihm langsam sein Kollege Heiner Müller unheimlich geworden sein.
 (=Ich **halte es für wahrscheinlich**, daß ihm langsam sein Kollege Heiner Müller unheimlich geworden ist.)
 (Diewald, 1999: 216)

Trata-se daquele que é, segundo Diewald, o uso mais gramaticalizado deste verbo, cuja função é indicar que o falante avaliou a situação descrita na frase no que toca à sua potencial concretização no mundo real, e transmitir o resultado dessa avaliação (Diewald, 1999: 215). Assim, no exemplo (8), o falante considera provável a situação de Heiner Müller se ter tornado estranho aos olhos do sujeito da frase, que era seu colega.

1.2.2. *Sollen* e *müssen* segundo Kratzer (1981, 2012) e Zifonun *et al.* (1997)

A proposta de descrição dos verbos *sollen* e *müssen* apresentada em Kratzer (1981, 2012) e adotada em Zifonun *et al.* (1997)¹³ baseia-se numa noção geral de necessidade, entendida como

¹³ Trata-se de uma descrição formulada em Kratzer (1981) a partir de Kratzer (1978), que foi aplicada à apresentação dos verbos modais alemães na gramática de Zifonun *et al.* (1997), tendo sido parcialmente reformulada em Kratzer (2012). Kratzer formula as suas propostas no quadro da semântica dos mundos possíveis, um enquadramento formal que não se coaduna com o objetivo do presente trabalho. No entanto, o resultado dessas propostas no que toca à distinção entre diferentes leituras de *sollen* e *müssen*, que foi retomado em Zifonun *et al.* (1997), é válido para os propósitos descritivos que norteiam a nossa reflexão sobre estes verbos. Assim, com vista a uma descrição tão funcional e transparente quanto possível, também para um público não linguista mas interessado em tradução, retomamos aqui exemplos das três publicações referidas, mas adotamos a terminologia usada em Zifonun *et al.* (1997), com exceção das atualizações introduzidas por Kratzer (2012).

ausência de alternativa possível de um ponto de vista lógico.¹⁴ Esta necessidade manifesta-se em leituras diversas, em função do tipo de cenário conversacional¹⁵ concreto no qual os verbos ocorrem.

Um dos cenários conversacionais em que *müssen* pode ocorrer dá origem à interpretação epistémica do verbo, aquela em que *müssen* assinala uma avaliação por parte do falante acerca da veracidade do conteúdo da sua afirmação, partindo dos dados disponíveis e considerando os padrões da normalidade (Kratzer, 2012: 23, 37). Essa interpretação é ilustrada no exemplo seguinte:

- (9) Der Gauzner-Michl **muss** der Mörder sein. (Kratzer, 2012: 30)

Neste caso, com base nas informações relevantes disponíveis no contexto, a conclusão necessária é que o mais provável é Gauzner-Michl ser o assassino.

Noutros tipos de cenário conversacional, não se trata de inferir o que é mais provável de acordo com a normalidade, mas de indicar que um dado comportamento ou situação é o que se ajusta às normas relevantes no contexto. Exemplo deste uso normativo de *müssen* é a frase (10), uma norma inserida num folheto destinado aos utentes de uma biblioteca, no qual se explicita que as publica-

¹⁴ Outros verbos modais, nomeadamente *können* e *dürfen*, são descritos com recurso ao conceito de possibilidade.

¹⁵ Este conceito recebe as designações de «conversational background» em Kratzer (1981; 2012: 32ss) e de »Redehintergrund« em Zifonun *et al.* (1997: 1882ss). Simplificadamente, trata-se do conteúdo de afirmações sobre o mundo real ou mundos possíveis, que dizem respeito ao que é verdade («realistic conversational background», Kratzer, 2012: 33), ao que é considerado normal («stereotypical conversational background», Kratzer, 2012: 37), às normas vigentes (»normativer Redehintergrund«, Zifonun *et al.*, 1997: 1884), aos objetivos que se pretende atingir (»teleologischer Redehintergrund« Zifonun *et al.*, 1997: 1884), à vontade de uma pessoa ou instituição (»volitiver Redehintergrund« Zifonun *et al.*, 1997: 1884), ou ainda a informações transmitidas por uma determinada fonte («informational conversational background» Kratzer, 2012: 33). É relativamente a determinado cenário conversacional que diferentes verbos modais indicam que uma situação é possível ou necessária.

ções da instituição a que pertence a biblioteca estão, por princípio, disponíveis para consulta:

- (10) Prinzipiell **muß** die gesamte IDS-Literatur im Institut zugänglich sein. (Merkblatt für die Benutzung der IDS-Bibliothek) (Zifonun *et al.*, 1997: 1890)

Existem ainda cenários conversacionais diferentes, nos quais *müssen* indica que um determinado comportamento ou situação se adequa à consecução de um determinado objetivo. Nestes casos, falamos do uso teleológico de *müssen*, ilustrado no exemplo (11), em que o falante afirma a necessidade de uma pessoa se comportar de forma pouco ética para atingir o objetivo de singrar num mundo em que a ética não existe:

- (11) Lump **muss** man sein, nur als Lump zwingt man die lumpige Welt. (Kratzer, 2012: 58)

Müssen pode ainda indicar que uma determinada situação ou comportamento corresponde à vontade de uma pessoa ou instituição, isto no contexto de um cenário conversacional volitivo, que determina o uso correspondente do verbo *müssen*. Exemplo deste uso volitivo é a frase (12), em que o falante exprime os seus desejos:

- (12) Es **muss** mir gehören, es **muss**. (Kratzer, 2012: 57)

Por vezes, são as circunstâncias específicas do contexto que restringem o leque de possíveis alternativas a uma determinada opção, como sucede em (13):

- (13) Ich **muß** rasch zu einem Ende kommen; die Zeit erlaubt eine ausführliche Darstellung leider nicht. (Zifonun *et al.*, 1997: 1888)

Neste exemplo de uso circunstancial, o sujeito/falante vê-se obrigado a abreviar a sua apresentação, por ter atingido já o tempo limite de que dispunha.

O verbo *sollen* pode, de igual modo, apresentar diferentes leituras, dependendo dos cenários conversacionais em que ocorre. Num cenário conversacional normativo, a função de *sollen* é indicar que um procedimento ou situação é uma alternativa boa, tendo em conta uma norma ou padrão que é relevante num contexto específico. No exemplo (14), *sollen* indica que o procedimento que se coaduna com as normas vigentes é o de, quando da abertura de uma vaga ou de um concurso, o empregador não indicar o sexo dos candidatos, nem internamente nem na comunicação para o exterior:¹⁶

- (14) Der Arbeitgeber **soll** einen Arbeitsplatz weder öffentlich noch innerhalb des Betriebs nur für Männer oder nur für Frauen ausschreiben [...] (Bürgerliches Gesetzbuch (BGB)) (Zifonun *et al.*, 1997: 1914)

O exemplo (15) está inserido num cenário conversacional teleológico, em que o assunto são os objetivos que se pretende atingir, por isso *sollen* indica a finalidade com que são usadas as substâncias designadas pelo sujeito da frase.

- (15) [...] Die Zusatzstoffe **sollen** in erster Linie die sensorischen Eigenschaften, also Aroma und Geschmack, Farbe sowie Konsistenz, verbessern. (Zifonun *et al.*, 1997: 1892)

Uma outra leitura possível para *sollen* ocorre num cenário conversacional volitivo como o do exemplo seguinte:

- (16) Ich bitt' euch [...] der hochwürdige Herr Pfarrer **soll kommen**. (Kratzer, 2012: 58)

¹⁶ Segundo Zifonun *et al.* (1997: 1914), »Soll-Bestimmungen sind charakteristisch für präskriptive Texte wie Gesetze, Verordnungen, Satzungen. Sie werden in der Regel als nicht bindend interpretiert [...]. Bindende Forderungen werden mit *müssen*, *sein zu*, *haben zu*, oder im *Indikativ Präsens* formuliert, Verbote mit *nicht dürfen*.«

À beira da morte, o falante manifesta a vontade de que o padre seja chamado. Como é característico do uso volitivo de *sollen*, o sujeito da frase em que surge este verbo – »der hochwürdige Herr Pfarrer« – não é, nem pode ser, o portador da vontade.¹⁷

Num cenário conversacional informacional, constituído por informação transmitida por uma determinada fonte, a função de *sollen* é indicar que o conteúdo da frase provém dessa fonte, não sendo a sua veracidade garantida pelo falante:

- (17) Dem Artikel in der Hampshire Gazette nach,[sic] **soll**
Mary Clare Higgins wiedergewählt worden sein. (Kratzer,
2012: 21)

Embora o exemplo (17) inclua uma referência introdutória que identifica a fonte da informação, a frase teria a mesma leitura se essa referência fosse omitida (cf. o exemplo (18), abaixo), isto é, se coubesse apenas a *sollen*, em leitura reportativa,¹⁸ a função de

¹⁷ A respeito de exemplos semelhantes, Zifonun *et al.* (1997: 1891) refere, por isso, um uso volitivo extrasubjetivo de *sollen*.

¹⁸ Kratzer (1981) não refere este uso de *sollen*, Zifonun *et al.* (1997: 1892-3) menciona-o, equiparando-o a uma extensão do uso epistémico – a mesma posição que foi adotada em Hörster/Athayde/Carecho (2011) – e, mais recentemente, Kratzer (2012: 22) refere-se ao uso reportativo de *sollen* como pertencendo à família evidencial/epistémica. Esta evolução terminológica deve-se ao facto de diferentes estudos terem revelado a existência quer de marcadores epistémicos – que codificam a avaliação do falante sobre a veracidade do conteúdo da sua afirmação –, quer de marcadores de evidencialidade – que indicam que estamos perante informação proveniente de uma fonte externa ao sujeito e caracterizam essa fonte. *Sollen* (com a leitura que tem nos exemplos (17) e (18)) situa-se no campo destes últimos, enquanto *müssen* (na leitura de (9)) pertence ao âmbito dos primeiros. Sobre a distinção entre os dois tipos de marcadores, vejam-se por exemplo as observações de Diewald/Smirnova (2010, 86): «while epistemic markers, which are usually treated as the grammatical core of modality, instantiate speaker-based factuality judgments, i.e. the degree of certainty, with which the speaker is willing to assert the proposition, evidential markers serve to indicate the information source, which is the speaker's basis for his/her statement. While epistemics judge modal values on a scale of certainty/factuality, evidentials refer to different kinds of information sources» (cf. também De Haan 1999: 98-99). Entre as fontes de

sinalizar que a informação transmitida pelo falante provém de uma fonte externa:

(18) Mary Clare Higgins **soll** wiedergewählt worden sein.

1.3. Descrições de *sollen* e *müssen* e a sua tradução por *dever*

Nas secções 1.2.1. e 1.2.2. expusemos duas descrições do significado de *sollen* e *müssen* propostas por autoras de referência na investigação sobre verbos modais alemães. Trata-se de descrições com pontos de partida teóricos muito diferentes, os estudos de gramaticalização – Diewald, 1999; Diewald/Smirnova, 2010; Smirnova/Diewald, 2013 – e a semântica dos mundos possíveis – Kratzer, 1981 e 2012 – cujos resultados também diferem, ao nível da classificação dos diferentes usos de *sollen* e *müssen*, que é o aspeto mais relevante para a análise a efetuar nas secções 2 e 3. Sobretudo no caso de *sollen*, há uma clara diferença entre a descrição bipartida que é feita por Diewald, distinguindo um uso reportativo e um uso deontico, e a descrição de Kratzer (1981), adotada por Zifonun *et al.* (1997) e parcialmente revista em Kratzer (2012), que contempla quatro usos contextuais diferentes de *sollen*: normativo, teleológico, volitivo e reportativo.

informação diretas encontram-se, por exemplo, a perceção visual e auditiva do falante, enquanto as fontes de informação indiretas abrangem informação relatada por terceiros (marcada, por exemplo, através do verbo *sollen*) e ainda a inferência a partir do conhecimento disponível. Tratando-se embora de áreas autónomas, para as quais a língua alemã disponibiliza recursos linguísticos específicos, Diewald/Smirnova (2010) reconhecem que existe alguma permeabilidade entre os domínios epistémico e evidencial, considerando que «the higher the degree of certainty a speaker assigns to a statement the more likely it is that the speaker has ‘good reasons’ (i.e. evidence) for it» (Diewald/Smirnova, 2010: 93). Nesta perspetiva, as autoras admitem que tanto os marcadores de evidencialidade como os marcadores epistémicos podem assumir, respetivamente, leituras epistémicas e evidenciais, mas apenas por implicatura conversacional (cf. Diewald/Smirnova, 2010: 94).

Cada uma das descrições tem os seus méritos, atestados pelas relações que se estabelecem entre elas e diferentes gramáticas de referência, como a própria Zifonun *et al.* (1997) – baseada em Kratzer – que, por sua vez, informa Duden (2005); por outro lado, Helbig/Buscha (2001), sendo originalmente anterior ao trabalho de Diewald, está em consonância com a descrição que esta faz, sobretudo no que respeita a *sollen*.

Uma vez que o presente trabalho tem como objetivo relacionar os dois verbos modais alemães com as suas potenciais traduções portuguesas, um critério muito relevante para escolher uma proposta de descrição dos significados de *müssen* e *sollen* é a sua compatibilidade com a distribuição de possíveis correspondências de tradução. Entre essas correspondências destaca-se o verbo *dever*, uma alternativa de tradução relativamente frequente, quer para *müssen*, quer para *sollen*. Por esse motivo, a secção 1.3.1. é dedicada à explicitação dos usos deste verbo, que permitirá, na secção 1.3.2., fundamentar a nossa opção por um dos modelos de descrição de *sollen* e *müssen* acima apresentados.

1.3.1. Propostas de descrição de *dever*

O facto de *dever* figurar entre os potenciais equivalentes portugueses de ambos os verbos alemães¹⁹ revela a sua complexidade e justifica uma observação mais detalhada da forma como ele é descrito. *Dever* apresenta um sentido epistémico descrito por Johnen (2003: 436) como indicando que o falante avalia a situação referida na frase como altamente provável, ao passo que Oliveira/Mendes (2013: 629, 631) lhe atribui uma leitura de «probabilidade fraca»: ²⁰

¹⁹ *Dever* é a primeira opção para a tradução de *sollen*, tanto em DBLP (2001: 1068) como em DPEAP (1996: 722), sendo também a primeira opção para a tradução de *müssen* em ambos os dicionários (DBLP, 2001: 965; DPEAP, 1996: 577).

²⁰ A divergência entre Johnen (2003) e Oliveira/Mendes (2013) no que respeita à descrição de *dever* decorre do contraste entre este verbo e *ter* (*de*). Para Johnen (2003: 436), *dever* veicula a noção de probabilidade alta, enquanto *ter* (*de*) sinaliza

(19) **Deve** ter havido um acidente. (Oliveira/Mendes, 2013: 629)

Este sentido epistémico corresponde àquele que é definido em Campos como um juízo emitido pelo locutor, no qual este valida (ou não) a relação predicativa modalizada. O juízo do locutor baseia-se no seu conhecimento «de factos que interpreta como indícios da realização (ou da não realização)» da situação representada por essa relação predicativa (Campos, 1998: 145). No caso de (19), as informações de que o falante dispõe – por exemplo, o ruído de ambulâncias ou o facto de haver um engarrafamento pouco habitual – levam-no a inferir que houve um acidente.²¹

Um outro valor de *dever* é descrito como «obrigação fraca»²² em Oliveira/Mendes, (2013: 629), inserindo-se no que as autoras designam como «modalidade deôntica», isto é, no âmbito da «obrigação impost[a] por um participante ou por normas sociais» (Oliveira/Mendes, 2013: 633), como no exemplo (20), que podemos imaginar no contexto de uma conversa entre o chefe do governo e um ministro acusado de corrupção:

(20) **Deves** sair já. (Oliveira/Mendes, 2013: 633)

que a situação referida na frase é a única possibilidade concebível (Johnen, 2003: 439). Já em Oliveira/Mendes (2013: 629, 631), a expressão de «probabilidade fraca» atribuída a *dever* surge em contraste com a descrição do verbo *ter* (*de*) associado a «probabilidade forte». No entanto, o sentido básico atribuído a *dever* em Oliveira (1988: 245) é o de possibilidade com restrições, em que a situação referida pela frase “se não única, é, pelo menos, uma de um leque bastante reduzido de alternativas.”

²¹ Este valor epistémico de *dever* correspondente a um juízo sobre a probabilidade de situações passadas ou presentes é designado pela autora como *suputativo*, sendo ainda atribuído ao verbo *dever* um segundo valor epistémico, o de *predição*, em que o juízo de probabilidade se aplica a situações posteriores à enunciação (Campos, 1998: 138, 153ss). Note-se que, ao apresentar aqui o trabalho desta autora, nos atemos fundamentalmente aos valores atribuídos a *dever*, não sendo nosso objetivo reproduzir aspetos formais ou teóricos do estudo.

²² A designação de «obrigação fraca» surge em contraste com a descrição do verbo *ter* (*de*), que é apresentado como expressão de «obrigação forte».

As mesmas autoras atribuem ainda a *dever* o valor de «necessidade/obrigação fraca», no âmbito da «modalidade externa aos participantes», em que a necessidade depende de «circunstâncias externas, que se impõem aos participantes» (Oliveira/Mendes, 2013: 633-4) – cf. o exemplo (21), em que a rede de transportes disponível condiciona as possibilidades de atuação:

- (21) Para ir para o centro da cidade, deve apanhar o metro.
(Oliveira/Mendes, 2013: 634)

Os exemplos (20) e (21) são adequados para ilustrar uma outra descrição de *dever*: segundo Johnen (2003: 382), este verbo remete para uma ponderação de alternativas de atuação que resulta na seleção de uma tida como a única ou uma das poucas a considerar; a ponderação pode ser condicionada ou por normas vigentes ou, prospectivamente, tendo em conta um determinado objetivo (em (21), ir para o centro da cidade).²³

Tal como Oliveira/Mendes (2013: 633), também Campos (1998: 158-9) atribui a *dever* um valor que designa como deôntico. Este pode assumir o estatuto de obrigação, quando o locutor impõe ao(s) seu(s) interlocutor(es) que realize(m) a situação representada, que se considera a mais adequada «com base em critérios morais, estéticos, etc., explicitados ou não» (Campos, 1998: 159). O exemplo (20), acima, constituiria um caso de obrigação com base em critérios morais ou éticos, enquanto o exemplo (22), abaixo, representa uma instrução norteadas por critérios de organização eficaz do serviço prestado aos passageiros em trânsito:

²³ A análise do significado de *dever*, em exemplos do tipo de (20), como restrição das possibilidades de conduta do interlocutor tendo em conta um conjunto de normas que é conhecido do falante, provém de Oliveira (1988: 245). Comparando esta interpretação de (20) com a leitura de (19) à luz da mesma autora, referida na nota 20, verificamos que se trata de um único sentido básico de *dever* como restrição de possibilidades que, de acordo com o contexto em que surge, opera ou com base em indícios ou com base em normas, dando origem a uma leitura epistémica no primeiro caso e deôntica no segundo. Segundo a autora, a «aparente ambiguidade lexical» de *dever* é, na verdade, «um efeito do facto de um mesmo sentido básico ser aplicado a domínios diferentes» (Oliveira, 1988: 241).

- (22) Os passageiros em trânsito **devem** dirigir-se aos balcões da Companhia Aérea X. (Campos, 1998: 158)

O uso de *dever* neste sentido pressupõe que haja, entre o locutor e o(s) seu(s) interlocutor(es), uma relação social adequada para que o que é dito seja aceite como obrigação (Campos, 1998: 170). Mas, de acordo com a mesma autora, o valor deôntico do verbo *dever* não se limita aos contextos em que é imposta uma obrigação ao interlocutor, podendo assumir a forma de uma «asserção estrita» (Campos, 1998: 158), como a que figura num texto sobre uma receita de cozinha:

- (23) [bavaroise de ananás] **deve** ser servido bem fresco, é como é bom. (Campos, 1998: 158)

A autora ressalva que «quando a obrigação referida no enunciado faz parte de um corpo de princípios morais, políticos, religiosos, jurídicos, militares, etc.», *dever* «não exprime necessariamente a identificação entre o enunciador-locutor e a fonte da obrigação», tratando-se em geral «apenas da retoma de um termo da metalinguagem da regulamentação» (Campos, 1998: 177-8), como no exemplo seguinte:

- (24) Em certos grupos islâmicos as mulheres **devem** trazer sempre a cabeça coberta. (Campos, 1998: 178)

Para além de analisar os valores de *dever* quando ocorre no Presente, Campos (1998: 249-54) considera ainda exemplos deste verbo no Futuro, mencionando casos em que estas formas «podem ser vist[a]s como criadoras de normas em diferentes tipos de regulamentações» (Campos, 1998: 252):²⁴

²⁴ Johnen (2003: 393) refere que, em normas legais brasileiras, existe um uso quase exclusivo do verbo modal *dever* quando se trata de designar obrigações dos cidadãos perante a lei.

- (25) A presença de bandas ou fanfarras **deverá ser** previamente regulada [...] (Academia Militar, *Manual de Continências e Honras Militares*: 54) (Campos, 1998: 252)

O discurso de criação de normas pode ser posteriormente reportado, dando origem a exemplos como (24).

Mas os usos de *dever* no Futuro não se limitam à criação de normas. Campos (1998: 252) refere ainda uma função de atenuação que pode aplicar-se nos casos de valor deôntico,²⁵ em que é reduzida a tensão entre os participantes, amenizando-se a noção de obrigatoriedade.²⁶ Imagine-se a afirmação seguinte, proferida no contexto de uma polémica sobre a função do teatro:

- (26) [...] a função do teatro **deverá ser** de informação e de formação [...] (Campos, 1998: 251)

Em Campos (1998: 186-7), é igualmente analisado o valor das formas de Pretérito Imperfeito de *dever* em exemplos nos quais esta forma não tem um significado temporal,²⁷ mas sim modal, como o seguinte:

- (27) **Devias sair** imediatamente. (Campos, 1998: 187)

²⁵ A atenuação pode também incidir sobre *dever* com valor epistémico, enfraquecendo ainda mais a sua assertividade: *Os termómetros de Lisboa deverão ter registado hoje o dia mais quente do ano.* (Campos, 1998: 251).

²⁶ A variação no grau de obrigatoriedade consoante a forma verbal usada é também referida por Oliveira/Mendes (2013: 643) a propósito de exemplos como *A biblioteca deve/devia/deverá/deveria ter mais luz.* As autoras realçam a diferença entre o Presente, por um lado, e o Imperfeito, o Futuro, o Condicional/Futuro do Pretérito, por outro, podendo estes transmitir, para além de uma eventual informação temporal, um menor grau de vinculação.

²⁷ Veja-se o contraste entre (27) e um exemplo em que o Pretérito Imperfeito apenas acrescenta ao verbo *dever* a transferência da situação para um tempo passado: *Nos meus tempos de liceu todos os estudantes deviam pertencer à Mocidade Portuguesa.* (Campos, 1998: 184).

Nestes casos, embora considere desejável a realização da situação representada, o locutor não tem estatuto para se assumir como fonte da obrigação, pelo que apenas faz uma sugestão ou dá um conselho.²⁸

Segundo a mesma autora, há ainda casos como o seguinte, em que a frase com *dever* se refere a uma situação incompatível com o valor deôntico, a qual não pode ser apresentada como obrigação nem como sugestão, o que leva a que o enunciado seja interpretado como «uma constatação apreciativa»:

(28) **Devia** chover hoje! O ar ficava menos abafado. (Campos, 1998: 187)

Entre os valores de *dever*, Campos (1998: 190-196) distingue ainda um valor de previsão ilustrado pelo exemplo seguinte:

(29) Vou, **devo** ir dia quatro ou cinco de Agosto. (Campos, 1998: 190)

Nestes casos, em que *dever* é equivalente a *estar previsto*, atribui-se à situação modalizada uma localização temporal posterior à enunciação, que pode também ser veiculada por uma forma de *dever* no Futuro:

(30) João Paulo II visita a Igreja Evangélica de Roma e **deverá** recitar, com o pastor alemão Christoph Meyer, uma oração para a unidade dos cristãos, redigida por Martinho Lutero. (*Diário de Lisboa*, 10.12.83) (Campos, 1998: 253)

A exclusão das outras interpretações possíveis (deôntica ou epistémica) decorre de restrições contextuais: «não compete ao

²⁸ Como Oliveira (1988: 242) refere, o contexto desempenha um papel importante na diferenciação de obrigações mais ou menos fortes, já que a sua força «advém da imposição (e reconhecimento) da autoridade emissora (quer seja individual, quer de um código de normas)», existindo, por isso, a possibilidade de usar *dever* para exprimir tanto instruções de diferentes tipos como sugestões.

jornalista impor ou, sequer, sugerir o que o papa irá fazer; e dificilmente ele poderá, a partir de algum conhecimento que tenha, inferir tais pormenores da visita papal» (Campos, 1998: 253).

1.3.2. Compatibilidade das descrições de *sollen* e *müssen* com as suas traduções por *dever*

Confrontando a descrição de *dever* com as que apresentámos anteriormente para *müssen* e *sollen*, constata-se que o sentido epistémico de *dever*,²⁹ que corresponde a uma inferência sobre probabilidade (cf. o exemplo (19), aqui repetido como (31)), se aproxima do sentido epistémico de *müssen* (cf. os exemplos (8) e (9), aqui repetidos como (32) e (33)).

(31) **Deve ter havido** um acidente. (Oliveira/Mendes, 2013: 629)

(32) Dann **muß** ihm langsam sein Kollege Heiner Müller unheimlich **geworden sein**. (Diewald, 1999, 216)

(33) Der Gauzner-Michl **muss** der Mörder **sein**. (Kratzer, 2012: 30)

Tanto Diewald (1999) como Kratzer (1981, 2012) e Zifonun *et al.* (1997) discriminam este sentido epistémico de *müssen*, em que o falante avalia a situação representada na frase e, na sequência dessa avaliação, a apresenta como provável, do seu ponto de vista. Assim, todas as propostas de descrição de significados de *müssen* acima referidas são compatíveis com a tradução por *dever*, na medida em que isolam este sentido epistémico de *müssen*, o único que pode ser reproduzido através de *dever*.

²⁹ Embora Campos (1998) distinga dois valores epistémicos de *dever* – suposição e predição –, não teremos aqui em conta esta diferença, pois, para efeitos de comparação com os dados das traduções de *sollen* e *müssen* analisados neste volume, é suficiente uma noção básica de probabilidade.

Por outro lado, a maior parte das restantes ocorrências de *dever* corresponde ao valor designado em Campos (1998) como deôntico, ou seja, à obrigação (imposta ou constatada) de se concretizar uma determinada situação considerada conveniente com base em determinados critérios.

Algo bastante diferente é a leitura deôntica atribuída por Diewald (1999) ao verbo *sollen*, que indica que o sujeito, no tempo a que o verbo da frase se refere, se encontra no estado de ter recebido indicações de uma pessoa ou entidade externa para concretizar a situação designada pelo verbo que está no Infinitivo. Como o confronto entre estas descrições de *dever* e *sollen* deônticos sugere, as ocorrências concretas destes verbos podem assumir em contexto valores semelhantes, como acontece nos exemplos (22) e (1), acima, aqui repetidos como (34) e (35):

(34) Os passageiros em trânsito **devem** dirigir-se aos balcões da Companhia Aérea X. (Campos, 1998: 158)

(35) Die Teilnehmer **sollen** ihre Lieblings-CD mitbringen. (Diewald, 1999: 120)

No entanto, como se pode concluir do exemplo seguinte, retirado de Harden (1989, 132), noutras ocorrências de *sollen* deôntico (na definição de Diewald, 1999) não há correspondência de tradução possível com *dever* deôntico:³⁰

³⁰ A referência ao exemplo de Harden não significa que concordemos com a conclusão que o autor retira deste e de outros casos semelhantes, nomeadamente a de que não há qualquer tipo de correspondência de significado entre *sollen* e *dever*, uma vez que a necessidade expressa por *sollen* tem como origem »der Wille einer Person« (Harden, 1989: 128), enquanto a que é expressa por *dever* tem como base »eine moralische Verpflichtung« (Harden, 1989: 132). As definições apresentadas para a origem da obrigação são, em ambos os casos, demasiado redutoras, como é visível comparando-as com as descrições dos dois verbos apresentadas nas secções anteriores do presente texto. No entanto, há outros autores que associam o conceito de dever moral ao significado de *dever* deôntico, nomeadamente Gärtner (1998: 43) e Martins (1982: 362).

- (36) Du **sollst** nach Hause kommen, hat deine Mutter gesagt.
A tua mãe disse **que fosses** para casa. (Harden, 1989: 132)

A definição de *sollen* deôntico por Diewald (1999) revela-se, pois, demasiado abrangente para possibilitar o estabelecimento de uma relação direta com *dever*, que é equivalente a *sollen* apenas em determinados contextos. Por outro lado, se observarmos a proposta de Zifonun *et al.* (1997), baseada em Kratzer, verificamos que a leitura normativa de *sollen* ilustrada pelo exemplo (14), aqui repetido como (37), corresponde aproximadamente ao valor deôntico de *dever*:

- (37) Der Arbeitgeber **soll** einen Arbeitsplatz weder öffentlich noch innerhalb des Betriebs nur für Männer oder nur für Frauen ausschreiben [...] (Bürgerliches Gesetzbuch (BGB)) (Zifonun *et al.*, 1997: 1914)

Além disso, a proposta de Zifonun *et al.* (1997) contempla ainda, em outros contextos, uma leitura volitiva de *sollen*, exemplificada em (16), aqui repetido como (38):

- (38) Ich bitt' euch [...] der hochwürdige Herr Pfarrer **soll** kommen. (Kratzer, 2012: 58)

Nesta leitura volitiva, em que não é possível traduzir *sollen* por *dever*, enquadram-se exemplos do tipo de (36), acima, como indica a versão portuguesa proposta por Harden (1989).

Na medida em que discrimina usos de *sollen* a que correspondem diferentes possibilidades de tradução em português, a proposta de descrição por Zifonun *et al.* (1997) e Kratzer (1981, 2012) afigura-se-nos mais adequada do que a de Diewald (1999) para este propósito específico de conciliar a apresentação das leituras de *sollen* com diferentes opções de tradução adequadas a essas leituras, sendo o verbo *dever* uma dessas opções, embora apenas em determinados contextos.

1.4. Apresentação do *corpus*

Como foi referido na nota prévia, o trabalho que pretendemos desenvolver consiste num cotejo sistemático das diferentes leituras de *sollen* e *müssen* com as respetivas alternativas de tradução. Para tal, constituímos um *corpus* de textos contemporâneos da literatura de língua alemã com a respetiva tradução portuguesa, complementado por textos utilitários, nomeadamente documentação da União Europeia em versão bilingue.³¹ Uma das vantagens desta base empírica é a inserção dos verbos modais num contexto que é indispensável para a discriminação dos diferentes valores que estes verbos apresentam. Além disso, o trabalho a partir de exemplos autênticos permite abranger um leque mais vasto de usos dos verbos modais, ao contrário do que sucede quando se utilizam exemplos construídos, que tendem a cingir-se a casos prototípicos e fáceis de enquadrar em categorias pré-definidas. Deste modo, a autenticidade do material garante tanto a proximidade do uso linguístico real quanto a diversidade e complexidade dos dados a analisar.³² A nossa opção por um *corpus* com uma componente substancial de textos literários justifica-se exatamente pela amplitude e variedade de situações que aí ocorrem. Apesar de se tratar de um *corpus* escrito, os diálogos contidos em muitos dos textos literários possibilitam uma aproximação à linguagem oral (Kanala, 2006: 54), sendo as ocorrências de discurso direto também relevantes por evidenciarem a atitude do falante (Kanala, 2006: 55).

Nos capítulos seguintes, será apresentada uma seleção de ocorrências de *sollen* e *müssen* neste *corpus*, com comentários à respetiva tradução. Essas ocorrências estão organizadas em diferentes secções, a partir das aceções de *sollen* e *müssen* identificadas no modelo de descrição pelo qual optámos na secção 1.3. Trata-se do modelo de Kratzer (1981, 2012) aplicado em Zifonun *et al.* (1997),

³¹ Como observa Kanala (2006: 55), a ocorrência dos verbos modais apresenta especificidades associadas a diferentes géneros textuais.

³² Deve, no entanto, considerar-se a possibilidade de não estarem representadas num *corpus* deste tipo todas as leituras possíveis.

descrito na secção 1.2.2. Tanto o capítulo 2, relativo às traduções de *sollen*, como o capítulo 3, respeitante às traduções de *müssen*, se iniciam com a apresentação de exemplos ilustrativos de cada uma das aceções.

2. *Sollen*: contextos de uso e traduções

As traduções de *sollen* que serão comentadas³³ neste capítulo estão organizadas por aceções que passamos a ilustrar com exemplos representativos, revelando igualmente a diversidade de traduções exigida pelas diferenças entre usos deste verbo.

A secção 2.1. será dedicada ao uso reportativo de *sollen*, em que este verbo indica que o falante refere informação que obteve a partir de relatos de uma terceira pessoa ou entidade:

- (39) Und sie **soll**, als schon sein Koffer griffbereit neben ihm stand, gesagt haben: [...]. (UR1029)³⁴
E quando a mala dele já estava pronta a seu lado, **parece** que ela disse: [...].

Na secção 2.2. serão comentadas traduções de *sollen* em leitura normativa,³⁵ que se reporta a uma obrigação baseada numa norma:

- (40) [...] obwohl er wußte, wie eine gute Zeitung aussehen sollte [...]. (UMITM76)
[...] embora soubesse como **deveria ser** um bom jornal [...].

A secção 2.3. contempla a aceção volitiva de *sollen*, ou seja, os casos em que *sollen* exprime a vontade de uma entidade externa

³³ Os exemplos do *corpus* paralelo serão comentados exclusivamente do ponto de vista da tradução do verbo modal.

³⁴ Os códigos que acompanham os exemplos identificam a sua fonte: a sigla corresponde ao texto, e os algarismos, ao número do exemplo no *corpus*, ou, se indicados tanto no original como na tradução, à página. No final do volume encontra-se uma lista dos textos do *corpus* com as respetivas siglas.

³⁵ Optámos pelo termo ‘normativo’, proveniente de Zifonun *et al.* (1997: 1891), por o considerarmos mais transparente, mas esta mesma aceção de *sollen* é designada como deontica em Kratzer (2012: 55).

ao sujeito da frase e que, como se pode observar no exemplo, requerem recursos de tradução bastante diferentes:

- (41) **Soll** ich Sie abholen? (Haus, 270)
Quer que a vá buscar? (Casa, 46)

Na secção 2.4. serão comentadas traduções de *sollen* num uso teleológico, que diz respeito à consecução de determinados objetivos, e que é exemplificado na frase seguinte:

- (42) Neben den Fuchsien staken Holzgitter in dem Boden, [...] an denen sich die Fuchsien ranken **sollten** [...] (HOH 552)
 Junto das fúcias estavam espetadas no chão grades de madeira **para** elas treparem [...].

Por fim, na secção 2.5., são discutidos outros usos de *sollen* que, como Zifonun *et al.* (1997: 1893) admite, não se enquadram nas categorias anteriores.

2.1. *Sollen* em leitura reportativa – informação relatada

Abordaremos, em primeiro lugar, ocorrências de *sollen* reportativo e as soluções encontradas para a sua tradução no *corpus* analisado. Na ausência de um verbo modal português que, tal como *sollen*, sinalize a dissociação entre locutor e fonte da informação, ou seja, que tenha uma função reportativa, os tradutores lançam mão de diversos tipos de estratégias que marcam a evidencialidade,³⁶ como sejam o uso de estruturas completivas com os verbos *parecer* e *dizer* ((43) e (44)), o emprego de locuções como *segundo parece* e *ao que*

³⁶ Como foi referido na nota 18, os marcadores de evidencialidade indicam que se trata de informação de fonte externa ao locutor e caracterizam o tipo de fonte (direta ou indireta).

parece (com uma função de advérbios de frase), em (45) e (46), ou a utilização do Futuro Composto,³⁷ ilustrada em (47).³⁸

- (43) Sogar Gedichte **sollen** sie zitiert haben: [...]. (UR583)
Parece que até disseram poemas: [...].
- (44) Ich **soll** Präservative [...] in der Klasse verteilt haben. (UR507)
 [...] **diz que** eu distribuía preservativos [...] na turma.
- (45) Timmstedt **soll** das Gelächter ausgelöst, Marczak mitlachend legitimiert haben. (UR, 286)
Segundo parece, foi Timmstedt quem soltou a primeira gargalhada e Marczak, rindo também, legitimou-a. (MA, 279)
- (46) Alexandra **soll sich** an einer mit Äpfeln und Beifuß gefüllten Martinsgans versucht haben. (UR, 173)
Ao que parece Alexandra arriscou fazer um ganso recheado com maçãs e artemísia pelo São Martinho. (MA, 171)
- (47) Er **soll** »zuerst kichernd, dann hellauf wiehernd« gelacht haben. (UR, 286)
 Ele **terá** «começado por rir à socapa, mas depois às gargalhadas.» (MA, 279)

Nalguns casos, até, tem-se a sensação de que o tradutor, eventualmente por não confiar na potencialidade expressiva de um dos recursos, opta por acumular dois destes meios, como os seguintes exemplos testemunham:

³⁷ Esta dimensão modal do Futuro Composto em português é referida, por exemplo, em Oliveira (2013, 532) e em Mateus *et al.* (2003: 256s).

³⁸ Talvez em função da natureza do *corpus*, não encontramos documentada uma solução que, *a priori*, esperaríamos ser das mais frequentes – o uso do verbo *constar* (*consta que...*) –, de elevada recorrência no discurso oral.

- (48) Vor dem klassizistisch gegliederten Kirchenportal **soll** Alexandra wieder einmal gelacht haben. (UR, 228)
Parece que Alexandra **terá voltado a rir-se** diante do portal neo-clássico articulado. (MA, 224)
- (49) Zu Chatterjee, der sie bei verbilligtem Tarif fahren ließ, **soll** die Alte gesagt haben: [...]. (UR, 203)
 A Chatterjee, que lhe fazia desconto, **parece que terá dito**: [...]. (MA, 199)

E se existem ocorrências de dupla marcação, também foram detetadas situações em que o tradutor, seja por razões de ritmo e de simplificação sintática ou, inclusivamente, por não detetar o valor modal em causa, não o reproduz:

- (50) Und ihr Mann, der zudem fließend Englisch gesprochen haben soll, muß wie ein Pauker gewesen sein: [...]!
 (UR462)
 E o marido, que também falava inglês fluentemente, deve ter sido um marrão: [...]!
- (51) Die Piatkowska sah das historisch. [...] Meist holte sie weit aus und führte die Schlacht bei Liegnitz ins Feld, bei der ein Herzog aus ruhmreichem Piastengeschlecht zwar den Tod gefunden, doch die Mongolen zur Umkehr gezwungen haben soll. (UR, 288)
 A Piatkowska via o caso do ponto de vista histórico. [...] Na maior parte das vezes recuava muito no tempo para trazer à liça a batalha de Lignitz, em que um duque da gloriosa estirpe dos Piasten é certo que encontrou a morte, mas obrigou os mongóis a dar meia volta. (MA, 281)

No exemplo (50), em que *gesprochen haben soll* surge, em português, apenas como *falava*, uma locução como *pelos vistos* seria um meio simples e eficaz para sinalizar a existência de uma fonte externa em que o locutor se baseia para fazer uma determinada

asserção: *E o marido, que, pelos vistos, também falava inglês fluentemente [...]*.³⁹ No exemplo (51), em que *gezwungen haben soll* corresponde apenas a *obrigou*, o Futuro Composto parecer-nos-ia uma solução adequada, dado tratar-se de um registo mais formal: *mas terá obrigado os mongóis a dar meia volta*.

Note-se que todos os exemplos alemães até agora aduzidos contêm uma forma de *Infinitiv Perfekt* do verbo que se liga a *sollen* – por ex. (*soll*) *gesprochen/gesagt/gelacht/geschluckt haben*. Não sendo a única forma associada à interpretação reportativa de *sollen*, o *Infinitiv Perfekt* dependente de *soll* requer contextos muito especiais para ter leituras modais que não esta,⁴⁰ funcionando, assim, para os tradutores, como um indicador relativamente seguro da aceção reportativa de *sollen*. Veja-se o contraste entre estas formas e as de *Perfekt* do próprio modal, ou, com uso mais frequente, a respetiva forma de *Konjunktiv II* composto⁴¹ – *hat/hätte sprechen/ sagen/ lachen/ schlucken sollen* –, sinalizadoras de um outro valor de *sollen*, que pode ser o valor normativo de que nos ocuparemos seguidamente.⁴²

³⁹ Uma outra possibilidade de tradução de *sollen* neste exemplo poderia ser o Condicional/Futuro do Pretérito: *E o marido, que também falaria inglês fluentemente [...]*. Este é, no entanto, um recurso para tradução de *sollen* reportativo a usar com alguma cautela, dado que, por ter outros sentidos diferentes deste, em certos contextos pode tornar-se pouco claro.

⁴⁰ Um exemplo desses contextos é o seguinte: *jene Orte in Deutschland, die man unbedingt gesehen haben sollte* (Mortelmans, 2013: 80).

⁴¹ Optámos pelas designações *Konjunktiv I* e *Konjunktiv II*, por serem as mais comuns na aprendizagem do Alemão como Língua Estrangeira, sendo também usadas em gramáticas como Duden (2005). Por uma questão de simplicidade e transparência, usaremos aquelas designações para as respetivas formas simples, referindo-nos como forma ‘composta’ à que é construída com o verbo auxiliar *haben* ou *sein* no *Konjunktiv I* ou *II* e o *Partizip II* do verbo principal (ou o *Infinitiv*, se se tratar de um verbo modal).

⁴² Relativamente a esta questão concreta, cf. Weinrich (1993: 310ss).

2.2. *Sollen* em leitura normativa – referência a normas ou padrões

Nos contextos em que recebe uma leitura normativa, *sollen* indica que um determinado procedimento ou situação é uma boa alternativa mediante uma determinada norma ou padrão que é relevante num contexto específico. Podemos encontrar este uso de *sollen* num conjunto de contextos muito diversificado, em que os graus de vinculação à norma variam muito, daí resultando um leque de usos de *sollen* normativo que vão desde o preceito de natureza moral expresso em (52), passando pelas prescrições ou recomendações (ex. (53) e (54)) até aos conselhos (ex. (55)) ou à descrição do que é considerado sensato pelo falante (56).⁴³

(52) Wer weiß denn hier nicht, daß man nicht töten **soll**?!
(UMITM285)

Quem é que aqui não sabe que não se **deve** matar?!

(53) Diese Pläne **sollten** auf der Integrierten Leitlinie Nr. 23 **aufbauen** [...]. (MultDE)

Estes planos **deverão apoiar-se** na Orientação Integrada n.º 23 [...]. (MultPT)

(54) Der Unterricht von Regional- und Minderheitensprachen **sollte** ebenfalls in geeigneter Form **berücksichtigt werden** [...]. (MultDE)

O ensino das línguas regionais e minoritárias **deverá** também **ser considerado**, quando oportuno [...]. (MultPT)

(55) »Dennoch **sollten** Sie, liebe Alexandra, **stolz** auf diesen polnischen Europäer **sein!**« rief er und hob das Glas. Worauf die Witwe mit ihm anstieß und zum ersten Mal

⁴³ Zifonun *et al.* (1997: 1887) afirma que *sollen* é um verbo neutro no que diz respeito ao grau de vinculação à norma, podendo, por isso, ser usado em contextos com características muito diferentes. No entanto, o leque de contextos de uso possíveis pode sofrer alterações se forem usadas formas de *Konjunktiv II*.

nachgab: »Sie haben mich versöhnt mit großer polnischer Künstler. Ich danke Ihnen, Professorchen!« (UR962-966)
 «Contudo, querida Alexandra, devia ter orgulho neste polaco europeu!» exclamou ele elevando o copo. Ao que a viúva brindou cedendo pela primeira vez: «Consegui reconciliar-me com grande artista polaco. Agradeço-lhe professorzinho!»

- (56) [...] es tut mir leid, daß ich es zum Streit kommen ließ wegen dieser alten Geschichte, die wir nicht mehr erwähnen sollten. (HOH719)
 [...] lamento ter consentido que discutíssemos por causa desta velha história em que não deveríamos falar mais.

Estes diferentes graus de vinculação decorrem, por um lado, do contexto em que *sollen* se insere e, por outro lado, estão também ligados ao emprego de duas formas verbais diferentes – compare-se o *Indikativ Präsens* na reformulação do mandamento («Du sollst nicht töten»), em (52), com o *Konjunktiv II* de um conselho, em (55). Refira-se que a forma *sollte(n)* apresenta uma amplitude considerável de usos, evidenciada pelos exemplos (53) a (56), cuja tradução se discutirá em seguida.

Como pode concluir-se da observação dos exemplos, a solução mais imediata para a tradução desta dimensão normativa de *sollen* é o verbo modal português com valor deôntico equivalente, *dever*. À semelhança do que sucede no alemão, também em português há diferentes formas verbais – não duas, mas quatro: Presente, Futuro, Condicional/Futuro do Pretérito e Pretérito Imperfeito – e essas formas revelam diferentes graus de vinculação ao cumprimento da norma. Por um lado, temos o Presente do Indicativo que encontramos em (52), acima (*não se deve matar*) e o Futuro, presente nas disposições oficiais de (53) e (54) (*deverão apoiar-se* e *deverá ser considerado*): no primeiro caso, trata-se de evocar uma norma geral de procedimento tida como incontestável; nos dois exemplos seguintes, retirados de um documento da União Europeia sobre um quadro estratégico para o multilinguismo, temos normas

para regular procedimentos no âmbito de uma determinada comunidade, formuladas por uma entidade reconhecida como competente para as criar.⁴⁴ Por outro lado, as formas de Pretérito Imperfeito e de Condicional/Futuro do Pretérito com valor modal⁴⁵ (*devia ter orgulho* em (55) e *não deveríamos falar* em (56), acima, bem como *deveria ser* em (57), abaixo) apresentam menor força vinculativa: trata-se de conselhos ou referências ao procedimento considerado recomendável em determinados contextos, formulados do ponto de vista de falantes que não têm estatuto para emitir normas mais vinculativas.⁴⁶

- (57) Er allein konnte den Niedergang nicht aufhalten, obwohl er wußte, wie eine gute Zeitung **aussehen sollte** [...].
(UMITM76)
Ele sozinho não conseguia sustentar a decadência, embora soubesse como **deveria ser** um bom jornal [...].

Se observarmos as formas de *sollen* e *dever* presentes nos exemplos (52) a (57), acima, verificamos que só no primeiro encontramos *Präsens* e Presente. Em todos os restantes, a forma alemã é a de *Konjunktiv II*, *sollte(n)*, alternando as versões portuguesas entre Futuro e Condicional/Futuro do Pretérito ou Imperfeito. A opção entre estas formas de *dever* surge, pois, como uma estratégia dos tradutores para diferenciarem o grau de vinculatividade da norma expressa por *sollte(n)* em contextos diversos, que vão desde um conselho informal até uma norma geral emitida por uma entidade com essa função, e, portanto, muito mais vinculativa do que um conselho. Contudo, há outros dados no *corpus* que reforçam ainda

⁴⁴ Vejam-se, na secção 1.3.1., acima, as observações de Campos (1998: 252) acerca do uso de *dever* no Futuro em contextos de criação de normas e referência a essas normas.

⁴⁵ O valor modal do Pretérito Imperfeito é semelhante ao do Condicional/Futuro do Pretérito, mas estas formas distinguem-se nos seus contextos de aplicação, sendo a forma de Imperfeito mais frequente na oralidade e em contextos informais.

⁴⁶ Vejam-se, na secção 1.3.1., acima, as observações de Campos (1998: 186-7) acerca do uso modal de *dever* no Pretérito Imperfeito.

mais a ideia da versatilidade de *sollte(n)*, nomeadamente os exemplos seguintes, em que a solução de tradução escolhida foi o Presente de *dever*:

(58) [...] das würde ich nur um Martins willen tun, aber es scheint mir, daß man eine Frau allein um eines Kindes willen eben nicht heiraten sollte [...]. (HOH522)

Isso só o faria por amor de Martin, mas quer-me parecer que não se deve casar com uma mulher só por causa de uma criança [...].

(59) Die Konferenz kommt überein, dass die Mitgliedstaaten Phasen der wirtschaftlichen Erholung aktiv nutzen sollten, um die öffentlichen Finanzen zu konsolidieren [...]. (VL)
A Conferência acorda em que os Estados-Membros devem utilizar activamente as fases de retoma económica para consolidar as finanças públicas [...]. (TL)

Tal como nos exemplos (52) a (54), analisados acima, em (58) e (59) encontramos quer a referência a normas gerais (58), quer a formulação de normas por uma entidade com competência para tal (cf. (59), extraído do Tratado de Lisboa). São exemplos bem distintos dos casos observados acima em que *sollte* surge traduzido por *devia* ou *deveria* ((55) a (57), acima), caracterizados pela expressão de um ponto de vista individual sobre um procedimento adequado, tomando por referência um determinado padrão. Também no exemplo seguinte a tradutora optou pelo Presente de *dever* para traduzir *sollten*:

(60) Deshalb bitte ich Sie herzlich, nicht voreilig zu handeln. Sie sollten, verehrte Frau Piatkowska, gemeinsam mit unserem lieben Herrn Professor, Ihren Entschluß noch einmal bedenken. (UR, 248)

Por isso peço-lhes, do coração, que não se precipitem. Cara senhora Piatkowska, juntamente com o nosso querido Professor, deve repensar a sua decisão. (MA, 243)

Sollen surge aqui no contexto de um pedido insistente que o falante pretende tornar tão vinculativo quanto possível, na medida em que tem todo o interesse em defender o seu negócio de potenciais problemas. Considerando a globalidade da situação, a forma de Presente *deve* constitui, de facto, o equivalente mais adequado. Assim, e tal como nos exemplos anteriores, as decisões de tradução orientaram-se não tanto pela forma de *Konjunktiv II*, mas mais pelo contexto em que ela se insere, uma estratégia que se revela fundamental para uma tradução adequada de itens lexicais com leituras tão diversificadas como *sollen* e, em particular, *sollte(n)*.

Nas ocorrências de *sollen* normativo já analisadas, o eventual cumprimento da norma para que o modal remete projeta-se no futuro. Todavia, existe também a possibilidade de um enunciado com *sollen/dever* se reportar a uma situação passada em que teria sido recomendável cumprir a norma enquanto comportamento adequado num determinado contexto. É o que sucede nestes exemplos, em que *sollen* se encontra na forma composta do *Konjunktiv II* e a respetiva versão portuguesa contém um Infinitivo Composto associado ao Imperfeito de *dever*, resultando num valor de censura ou autocensura do falante⁴⁷ – em (61), por ter aceitado um espólio documental que o obrigava a narrar uma história que não era a sua e, em (62), por não ter reagido energeticamente perante a hipótese de trasladações serem encaradas como oportunidade de negócio chorudo:

(61) Ich hätte ihm seinen Kram zurückschicken sollen, aber wohin? (UR128)

Devia ter-lhe devolvido toda aquela tralha, mas para onde?

(62) Ich hätte ihn ohrfeigen sollen. (UR, 186)

Eu devia era tê-lo esbofetado. (MA, 183)

Até este momento observámos apenas ocorrências em que *sollen* normativo corresponde, em português, a *dever*. A tradução do modal alemão pelo modal português equivalente nestes contextos

⁴⁷ Cf. Campos (1998: 188).

não é, todavia, a única estratégia adotada, como confirmam os exemplos que passamos a apresentar:

- (63) Keiner hat mich je gefragt, warum ich so genaue Erkundigungen über das feindliche Land einzog. Und warum tat ich es denn, zu einer Zeit, als auch mir sicher schien, daß wir siegten? Da man den Feind schlagen, nicht aber kennen sollte? (Kass, 15)

Nunca nenhum me perguntou o que me levava a recolher informações tão detalhadas sobre a terra inimiga. E por que razão é que eu fazia isso, numa altura em que eu própria estava convencida da nossa vitória? Numa altura em que a palavra de ordem era vencer o inimigo, não conhecê-lo? (Cass, 19)

- (64) [...] derzeit für die Verwaltung des Programms, das ersetzt oder verlängert werden soll, zugewiesene Stellen [...]
(MultDE)

[...] Lugares actualmente afectados à gestão do programa a substituir ou a prolongar [...] (MultPT)

Em (63), a ideia de norma presente em *sollen* é veiculada, na versão portuguesa, por um sintagma fixo, *a palavra de ordem*, que remete igualmente para um contexto prescritivo. Outro dos recursos utilizados para a transposição desta mesma noção é a frase infinitiva atributiva de nome, introduzida pela preposição *a*, que encontramos em (64), acima, e que pode ser parafraseada pela relativa atributiva (*programa*) que *deve ser substituído ou prolongado*. Como outras alternativas surgem ainda estruturas completivas e infinitivas dependentes de adjetivos predicativos como *conveniente* e *necessário*, que comportam já, eles mesmos, um valor normativo:

- (65) Für diese Überprüfung sollten außerdem Verfahrensregeln festgelegt werden. (SegDE)
É necessário que o respectivo procedimento de revisão seja igualmente previsto. (SegPT)

- (66) Den Mitgliedstaaten **sollte** jedoch die Möglichkeit gegeben werden, in bestimmten begrenzten Fällen die Einschaltung der betreffenden Stelle auszuschließen [...]. (SegDE)
 É, todavia, **conveniente**, dar aos Estados-Membros a possibilidade de aplicarem certas exclusões limitativas [...]. (SegPT)

Observe-se ainda, no exemplo (67), como o modificador adjetival *bom*, ao reenviar para uma ideia de ‘adequação’, se harmoniza com a noção de cumprimento da norma que *soll* transmite neste enquadramento.⁴⁸

- (67) Ohne Mehrsprachigkeit kann die Europäische Union nicht so funktionieren, wie sie **sollte**. (MultDE)
 O multilinguismo é essencial para o **bom funcionamento** da União Europeia. (MultPT)

O *corpus* regista, ainda, um conjunto importante de enunciados com *sollen* em contexto de interrogativas diretas e indiretas:

- (68) «Aber», sagte ich, «wenn er an ein ordentliches und anständiges Leben nicht gewöhnt ist, wie **soll** dann das werden? [...]» (SW51)
 “Agora”, voltei, “se ele não está habituado a uma vida disciplinada e decente, então como é que **há-de ser**? [...]”
- (69) Im bewegungslosen erinnern, vor der Abreise, vor allen Abreisen, was **soll** uns aufgehen? (JOS138)
 No recordar imóvel, antes da partida, antes de todas as partidas, o que nos **há-de alumiar**? (TS)

⁴⁸ Na versão inglesa do mesmo extrato, de que o texto português mais se aproxima, o adjetivo *proper* é o veículo desta mesma noção de norma:

Multilingualism is essential for the proper functioning of the European Union (multEN) (<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0596:FIN:EN:PDF>)

No recordar estático, antes da partida, antes de todas as partidas, que luz se há-de fazer dentro de nós? (TM)

(70) Haderer lachte und sagte: »Ich weiß nicht, wie ich Sie verstehen soll, aber das ist wirklich eine unglaubliche Störung [...].« (UMI344)

Haderer riu-se e disse: «Não sei muito bem como hei-de interpretar as suas palavras, mas isto é realmente incomodativo [...].» (TS)

O Haderer riu e disse: «Não sei como o deva entender, mas é realmente um distúrbio incrível [...].» (TM)

(71) Er tat es an einem Nachmittag, nachdem er auf dem Friedhof gewesen war und dort lange überlegt hatte, ob er Leens Aufforderung nachkommen sollte. (HOH1084)
Fê-lo certa tarde depois de ter estado no cemitério a ponderar longamente se deveria proceder de acordo com o que Leen lhe pedira.

Nestes contextos interrogativos, *sollen* exprime a perplexidade do sujeito e a busca de uma norma que o oriente relativamente ao comportamento mais adequado numa determinada situação. As soluções de tradução encontradas no *corpus* envolvem o verbo modal *dever* ((70TM) e (71)), mas também um outro, o auxiliar *haver* (*de*) (em (68) a (70TS)), que figura igualmente entre as opções de tradução para *sollen* em leitura volitiva, tratadas na secção seguinte.

Em outros contextos, a interrogação pode ainda veicular desgosto, questionando o falante a existência de uma norma que torne expectável um determinado comportamento da sua parte:

(72) »Berlin wird ihm sicher gefallen. [...] Und die Autos!«
berichtete Frau Wirth aus der Tiefe des Waschbeckens.
»Sehr viele ausländische Wagen?« fragte Emil.
»Woher soll ich das wissen?«, sagte Frau Wirth [...]. (Emil: 27)

– Berlim vai certamente agradar-lhe muito. [...] E todos aqueles automóveis! exclamou a Sra. Wirth, do fundo da bacia.

– Muitas marcas estrangeiras? perguntou Emílio. – Como **queres** tu que eu saiba? disse a senhora Wirth [...]. (Emílio: 38-39)

Neste exemplo, retirado de uma obra publicada no dealbar dos anos 30 do século XX, o que a senhora Wirth estranha é que o adolescente Emílio considere expectável que ela, padeira de profissão, tenha conhecimentos que lhe permitam identificar as marcas de automóveis estrangeiras que circulam no tráfego berlinense.

2.3. *Sollen* em leitura volitiva – expressão de vontade alheia ao sujeito

Esta secção será dedicada aos casos em que *sollen* exprime a vontade de uma entidade externa ao sujeito da frase e, portanto, não é o portador da vontade que é posto em evidência, mas antes o objeto ou executor dessa vontade. Os exemplos seguintes ilustram a expressão da vontade externa ao sujeito e incluem ainda casos em que o falante recorre a *sollen* para inquirir sobre a vontade do interlocutor, como (73):

(73) »**Soll** ich Sie abholen?« (Haus, 270)

– **Quer** que a vá buscar? (Casa, 46)

(74) Aber wir brauchen einander alle, wenn je etwas gut und ganz werden soll. (UMI224)

(TS) Mas todos precisamos uns dos outros, se **quisermos** que alguma coisa alguma vez se torne boa e completa.

(TM) Mas precisamos todos uns dos outros, se alguma vez **há-de** haver algo de bom e de completo.

(75) Das **soll** mir einer sagen, und ich werde zuhören. (UMI294)

(TS) Isso é que eu **gostava** que me dissessem, e eu escutaria com todo o gosto.

(TM) Alguém mo **há-de dizer** e eu vou prestar atenção.

(76) Und er fing noch einmal an: »Sagen **soll** mir einer, warum wir hier beisammen sitzen. [...]« (UMITS293)

E recomeçou de novo: «o que eu **gostava** é que alguém me dissesse porque estamos todos juntos à mesma mesa. [...]»

(77) Ihr Hohn **sollte** nicht verschwendet sein. (G25)

O escárnio deles não **havia de ficar em vão**.

(78) Und nun **soll** Land genommen werden. (UR, 246)

E agora **pretendem** apropriar-se da terra. (MA, 241)

Ao invés do que sucedia em contextos normativos, em que o verbo *dever* constitui uma opção de tradução apropriada e recorrente de *sollen*, a dimensão volitiva não pode, em regra, ser veiculada por este verbo modal português, como atesta o *corpus* recolhido.⁴⁹ Entre as alternativas à disposição do tradutor contam-se verbos que exprimem vontade, intenção ou preferência, como *querer*, *haver (de)*,⁵⁰ *gostar* e *pretender*.

Característico desta leitura volitiva de *sollen* é o facto de, ao contrário do que acontece com o modal *wollen*, o portador da vontade não poder coincidir com o sujeito frásico, o que se reflete

⁴⁹ Uma exceção a esta exclusão de *dever* em traduções de *sollen* volitivo é o caso dos desejos formulados através de *sollte*. O *corpus* analisado não contém ocorrências deste tipo, mas elas estão atestadas em dicionários. No exemplo seguinte, *sollte* poderia ser traduzido por *devia* ou *havia de*: *So sollte das Wetter immer sein!* (LGDaF, 2000, 907b) *O tempo devia/havia de estar sempre assim!*

⁵⁰ Segundo Cunha/Cintra (1984: 458-459) *haver (de)* é um substituto das formas de futuro que exprime «a intenção de realizar um acto futuro». Também Oliveira/Mendes (2013: 650-1) refere que este verbo pode exprimir intenção ou vontade. Sobre os valores de *haver de*, ver também a nota 64, adiante.

na designação deste uso como extrassubjetivo.⁵¹ Uma observação do exemplo (73), em que *sollen* surge na primeira pessoa, revela que o enunciador coincide com o sujeito frásico, não podendo, por isso, assumir o papel de portador da vontade. Tratando-se de uma interpelação direta, o sujeito da volição é perfeitamente identificável como sendo o interlocutor do falante. Esta dissociação entre falante e portador da vontade no texto original alemão tem, em português, um evidente reflexo sintático: a tradução portuguesa é uma frase complexa em que o sujeito da frase encaixada coincide com o locutor, tal como acontece na frase simples alemã; mas a tradução com *querer* exige ainda do tradutor a recuperação contextual do sujeito da frase matriz, uma vez que, ao contrário do que sucede com *sollen*, a generalidade dos verbos volitivos portugueses, entre os quais *querer*, tem uma natureza intrassubjetiva, isto é, requer a convergência entre sujeito frásico e portador da vontade.⁵² Em termos muito simples: o sujeito de *querer* é aquele que *quer*, mas o sujeito de *sollen* volitivo nunca é aquele que *quer*.

Por outro lado, quando *sollen* não ocorre na primeira pessoa (singular ou plural), o sujeito frásico não é o locutor, que pode, assim, convergir com o portador da vontade, como acontece nos exemplos (74), (75), (76) e, implicitamente, em (77). Nas traduções com *querer* e *gostar (de)*, registamos de novo uma estrutura sintática complexa que espelha a natureza extrassubjectiva do significado de *sollen*: *se quisermos que alguma coisa alguma vez se torne boa e completa* (74TS), *eu gostava que me dissessem* (75TS),

⁵¹ Para uma informação mais detalhada sobre os usos extrassubjetivos e intrassubjetivos dos verbos modais alemães, veja-se Zifonun *et al.* (1997: 1267ss) e Duden (2005: 563ss).

⁵² Segundo Oliveira/Mendes (2103: 634), «a modalidade desiderativa veicula valores de vontade, desejo e esperança por parte do sujeito da frase», o que se aplica aos verbos prototipicamente volitivos do português, como *querer* e *gostar (de)*. No entanto, como adiante se explicará, o verbo *haver de*, que também tem uma leitura volitiva, exprime, nesse caso, a vontade do falante, que pode ou não coincidir com o sujeito. Aliás, mesmo em outros exemplos apresentados por Oliveira/Mendes – como *Não pode chover amanhã. Combinei ir à praia.* – não é da vontade do sujeito que se trata, mas sim da vontade do falante.

eu *gostava* é que alguém me *dissesse* (76). No entanto, quando os tradutores recorrem ao verbo *haver de*, não se regista essa necessidade de um desdobramento em duas frases com sujeitos diferentes, como atestam as formulações *há-de haver* (74TM), *Alguém há-de dizer* (75TM), *O escárnio deles não havia de ficar* (77). Este facto resulta de, na sua aceção volitiva, *haver de* admitir um uso extrasubjectivo semelhante ao de *sollen*, ao contrário dos outros verbos portugueses que surgem habitualmente como tradução deste modal alemão.

Para a tradução de (78), um caso de passiva impessoal ou neutra em que, geralmente, se omite o agente, o tradutor português que recorre ao verbo *pretender* tem de propor um agente contextualmente legitimado – *Und nun soll Land genommen werden/ E agora pretendem apropriar-se da terra* [eles pretendem]. O mesmo mecanismo tradutivo se verifica na passiva impessoal de (79), em que o tradutor tem de especificar um sujeito sugerido pelo contexto, nomeadamente «os vivos»:

- (79) Wenn bisher freiwillig und zu Lebzeiten der Beschluß gefaßt wurde, in der Heimat letzte Ruhe zu finden, **soll** fortan über Tote verfügt werden. (UR, 215)
 Se até aqui era tomada em vida e de livre vontade a decisão de encontrar o último repouso na terra natal, a partir de agora **são os vivos** que passam a dispor dos mortos. (MA, 215)

Entre as soluções tradutivas a que frequentemente se recorre para reproduzir o valor volitivo de *sollen*, encontram-se ainda as frases completivas com o verbo no Presente ou no Imperfeito do Conjuntivo:

- (80) Er hatte für vierzehn Tage die Besorgungen, die Einkäufe niedergelegt: **sollte** die Mutter es tun, **sollte** Leo sich drum kümmern, [...]. (HOH260)
 Durante quinze dias recusara-se a fazer as compras: a mãe **que** as fizesse, Leo **que** se ralasse com isso [...].

- (81) Leben sollte sie, aber weit weg, denn vor allem beunruhigten ihn ihre Überfälle. (HOH1342)
Que vivesse, sim, mas longe, pois os seus acessos eram o que mais o inquietava.
- (82) Er wollte von Tierhäuten und dem braunen Leder nichts wissen, und wenn es schon sein mußte, so sollte es eine helle Haut sein. (LE177)
 Não queria saber de peles de animais nem de couro castanho; já que tinha de ser, que fosse uma pele clara.
- (83) Und er fing noch einmal an: »Sagen soll mir einer, warum wir hier beisammen sitzen. [...].« (UMITM293)
 E recomeçou mais uma vez: «Alguém que me diga por que razão nos sentamos juntos à mesa. [...]»

Em alguns destes casos trata-se mesmo de reproduzir de forma indireta ordens, intimações ou exigências (Duden, 2005: 565), introduzidas ou não por verbos performativos ou *verba dicendi* como *rufen*, em (84):

- (84) Sie rief, sie sollten ihm nicht glauben, wenn sie ihm nicht glauben wollten [...]. (G241)
 Ela bradou que se não queriam acreditar nele que não acreditassem [...].
- (85) [...] und wenn er sagte, »wir werden ein neues Leben anfangen«, sagte er hinterher, »ich will wieder Ordnung in unser Leben bringen, Wilma, Ordnung«, und zu dieser Ordnung gehörte, daß Heinrich nicht Onkel, sondern Vater zu ihm sagen sollte. (HOH304)
 [...] e quando dizia: «Vamos começar uma nova vida», acrescentava: «Quero que ponhamos novamente a nossa vida em ordem, Wilma, ordem», e aliada a essa ordem andava a condição de Heinrich não o tratar por tio mas sim por pai.

Nestes contextos, atesta-se o recurso dos tradutores, quer às construções completivas com Imperfeito do Conjuntivo, dependentes de verbos do dizer – *bradar*, em (84) –, quer a estruturas de outro tipo que veiculem a mesma noção de ordem ou exigência, como *a condição de* em (85).

2.4. *Sollen* em leitura teleológica – formulação de objetivos

Sollen apresenta ainda uma terceira vertente, que podemos designar como teleológica, na qual é veiculada a noção de finalidade. Nesta leitura de *sollen*, tipicamente, o infinitivo dependente de *sollen* indica o objetivo que se pretende atingir por meio do sujeito:

(86) Ihre Brillenfassung – »Hab‘ mir schönes Geschenk gemacht in Antwerpen« – **soll** dank Straßbesatz auffällig wirken. (UR385)

A armação dos óculos dela – «Ofereci a mim mesma em Antuérpia» – **devia dar nas vistas** com as aplicações de *strass*.

(87) Die Witwe sagte: »Das war mal gewesen Solidarnosc«, und hatte dann doch einen weiteren Satz übrig, der die Schroffheit ihres Nachrufs ein wenig mildern sollte: »[...]!« (UR174)

A viúva disse: «Isto foi dantes Solidarnosc», e ficou-se com uma frase que **deveria amaciar** um pouco a rudeza da evocação: «[...]!»

(88) Man braucht den Kindern nicht mehr zu sagen, daß Frieden ist. Sie gehen fort, die Hände in ausgefranten Taschen und mit einem Pfiff, der sie selber warnen soll. (JOS127/8TS)

Não é preciso dizer às crianças que se está em tempo de paz. Elas afastam-se, as mãos nos bolsos esfriados, com um assobio que lhes **deve servir** a elas próprias de aviso.

Como os exemplos (86) a (88) testemunham, a opção mais imediata, desde logo porque induzida pelos dicionários bilingues, é a tradução por *dever*. Em muitos casos, esta não se revela, todavia, a forma mais adequada de transmitir em português a noção de ‘fim’ ou ‘objetivo’, gerando uma impressão de artificialidade. Expressões como *ser para* afiguram-se-nos como alternativas válidas. Veja-se, a título de exemplo, uma outra versão possível para (86): «A armação dos óculos dela [...] **era para dar nas vistas** com as aplicações de strass.»

Noutras traduções literárias e nas versões portuguesas de textos emanados das instituições europeias, encontramos uma gama variada de recursos para exprimir a noção de finalidade, como *para+Infinitivo* Pessoal:

(89) Neben den Fuchsien staken Holzgitter in dem Boden, unten schmale, oben verbreiterte Gitter aus Holzstäbchen, an denen sich die Fuchsien ranken **sollten**, und trägt es ihn nicht, so summten Wespen um das Holz des Lusthauses. (LE49)

Junto das fúcsias estavam espetadas no chão grades de madeira **para** elas treparem, grades de pauzinhos, estreitas em baixo e mais largas em cima, e ou era impressão sua ou zumbiam vespas em torno da madeira do pavilhão.

(90) Die Kommission wird zum Thema Mehrsprachigkeit eine hochrangige Gruppe unabhängiger Expertinnen und Experten einrichten. Diese Gruppe **soll der Kommission** bei der Analyse der von den Mitgliedstaaten erzielten Fortschritte helfen [...]. (MultDE)

A Comissão instituirá um grupo de alto nível para o multilinguismo, constituído por peritos independentes **para a assessorar** na análise dos progressos realizados pelos Estados-Membros [...]. (MultPT)

O *corpus* recolhido revela ainda outras formas de veicular uma dimensão teleológica, como sejam as locuções *com a finalidade de*,

a fim de, e no intuito de, dispendo o português, para a expressão deste valor, de um conjunto ainda mais vasto de estruturas.

- (91) Die Kommission wird im Rahmen von i2010 eine Pilotinitiative zu digitalen Bibliotheken starten, die die Nutzung multimedialer Quellen einfacher und interessanter machen soll (MultDE)

A Comissão irá lançar, no contexto do i2010, uma iniciativa emblemática sobre bibliotecas digitais, **com a finalidade de tornar** as fontes multimédia mais fáceis e interessantes de usar (MultPT)

- (92) Bei einer Ministerkonferenz zur Mehrsprachigkeit soll den Mitgliedstaaten Gelegenheit geboden werden, sich über die von ihnen bis dato erzielten Fortschritte auszutauschen und die weiteren Arbeiten zu planen. (MultDE)

Será realizada uma conferência ministerial sobre multilinguismo **a fim de permitir** aos Estados-Membros partilhar os progressos alcançados até ao momento e planear o trabalho futuro. (MultPT)

- (93) Die Kommission schlägt vor, eine pro-aktive, mehrsprachige Kommunikationspolitik zu entwickeln, die auf den genannten Initiativen aufbaut. Sie soll die breiter angelegte Initiative [...] ergänzen. (MultDE)

A Comissão propõe-se partir destas iniciativas para estabelecer uma política de comunicação multilingue dinâmica, **no intuito de complementar** [...] a sua iniciativa [...]. (MultPT)

2.5. Outros usos de *sollen*

Como fazem notar Zifonun *et al.* (1997: 1893s), há usos da forma *sollte* (*Präteritum* e *Konjunktiv II*), que se furtam ao modelo de descrição apresentado na secção 1.3. deste trabalho, nomeada-

mente ocorrências (i) no âmbito de frases condicionais, (ii) em perguntas retóricas e (iii) em contextos narrativos nos quais *sollte(n)* remete para o futuro do passado.

Em construções condicionais, *sollte(n)* pode coocorrer com as conjunções *falls* ou *wenn* (cf. (94), abaixo), ou até substituí-las, veiculando por si só a leitura condicional da frase:⁵³

- (94) [...] wenn dies sich durchsetzen **sollte**, auch mit Zustimmung des Rates, wäre eine wunderbare Handhabe gegeben, diese Entwicklung zu stützen. (PE)
 [...] **se** tudo isto se conseguisse impor, com a anuência do Conselho, seria uma excelente oportunidade para apoiar este desenvolvimento. (PE)

O nosso *corpus* revelou ainda a ocorrência concessiva de *sollen* no *Konjunktiv II* não inventariada por Zifonun *et al.* (1997) mas referida em Helbig/Buscha (2001: 120):

- (95) Und **sollten** sie mich verzeihen, diese hinrichtenden Gedanken, die in mir aufgestanden waren, sie würden niemand treffen (UMI446)
 E **ainda que** me devorassem, esses pensamentos justiceiros que em mim se tinham insurgido, não apanhariam ninguém (TS)
 E **ainda que** me roessem por dentro aqueles pensamentos justiceiros que se tinham insurgido em mim, eles não atingiriam ninguém (TM)

⁵³ Veja-se o exemplo retirado de Zifonun *et al.* (1997: 1893), acompanhado das nossas propostas de tradução:

Sollte der erkrankte deutsche Botschafter am Vatikan [...] nicht mehr auf diesen Posten zurückkehren können [...].

Caso o embaixador alemão no Vaticano [...] não possa regressar [...] / **No caso de** o embaixador alemão no Vaticano [...] não poder regressar [...] / **Se** o embaixador alemão no Vaticano [...] não puder regressar [...].

Em perguntas retóricas, as formas de *Konjunktiv II* de *sollen* podem exprimir dúvida acerca da possibilidade de uma determinada situação ser verdadeira:

- (96) Hätte ich darauf hören sollen? (UR, 144)
Será que devia ter-lhe dado ouvidos? (MA, 143)

Em português, podemos exprimir um sentido dubitativo semelhante ao do verbo alemão, não através de um verbo modal, mas iniciando a pergunta com *será que*.

Por último, *sollte(n)* surge igualmente como expressão de futuro do passado. Nestes casos, *sollte(n)* encontra correspondência em perífrases verbais compostas por verbo no Condicional/Futuro do Pretérito + verbo principal no Infinitivo – nomeadamente *ir+Infinitivo* (cf. (97), abaixo), *vir a+Infinitivo* ((98) e (99)) e *haver de+Infinitivo* (100) – ou, até, apenas numa forma verbal não perifrástica de Condicional/Futuro do Pretérito (101):

- (97) [...] Geld, ausreichend viel Deutschmark sollte dort Ordnung stiften. (UR, 180)

[...] dinheiro, marcos alemães em quantidade suficiente, iria fazer reinar a ordem por lá (MA, 178)

- (98) Und jetzt erst klickte es, fiel der Groschen, wurde, ohne Schmerz, ein Gedanke geboren, gelang es dem Witwer und der Witwe, eine Idee abzustimmen, deren einfache Melodie sich als Ohrwurm erweisen sollte [...]. (UR426)

E só então se fez luz nos seus espíritos, nasceu sem dor um pensamento: o viúvo e a viúva conseguiram conciliar uma ideia cuja simples melodia viria a tornar-se uma constante [...].

- (99) Solche Rückgriffe sollten schon bald den Aufsichtsrat der Deutsch-Polnischen Friedhofsgesellschaft in Schwierigkeiten bringen; doch will ich nicht vorgreifen. (UR, 149)

Estes regressos ao passado em breve viriam a levantar dificuldades ao Conselho Fiscal da Sociedade Germano-

-Polaca dos Cemitérios; mas não quero estar a anteciparme. (MA, 148)

- (100) Wirklich ein Geschenk, als ich für mich erstmals ohne Beigeschmack auf die Frage nach meiner Herkunft sagen konnte, ich komme aus *Deutschland* (es **sollte** Jahre dauern). (HFL78)

Foi realmente um presente quando, pela primeira vez sem qualquer laivo de reserva dentro de mim, pude responder a quem me perguntava de onde vinha, que vinha da *Alemanha* (este sentimento **haveria de perdurar** durante anos).

- (101) Die Idee zahlte sich aus. Bald **sollte** die erste Million rund sein. (UR, 115)

A ideia estava a compensar. Em breve **se atingiria** o primeiro milhão, em números redondos. (MA, 114)

Para além da leitura de *sollte(n)* como futuro do passado, a análise do *corpus* revelou também a existência de casos em que *sollen*, no *Präsens*, anuncia uma situação prevista para o futuro, à qual pode vir explicitamente associada a indicação do momento temporal previsto para a sua realização.⁵⁴ É o que sucede no exemplo seguinte, em que um deputado do Parlamento Europeu aprecia uma proposta sobre etiquetagem de bebidas já referida numa intervenção anterior e que continha uma previsão de 3 anos para a sua entrada em vigor:

- (102) Wir können auch damit leben, daß dies innerhalb von drei Jahren geschehen soll, aber alles andere ist vertragswidrig [...]. (PE)

⁵⁴ Para além de uma referência à aceção »geplante Handlung oder Maßnahme« no dicionário LGDaF (com o exemplo *Nächstes Jahr sollen die Steuer erhöht werden*), de entre a bibliografia consultada, apenas Diewald (1999: 281-2) se refere a um uso futuro de *sollen*, sempre acompanhado de indicações temporais explícitas.

Também podemos aceitar que a sua adoção tenha lugar dentro de três anos, mas tudo o resto é contrário ao Tratado [...]. (PE)

Este uso de *sollen* é especialmente frequente em textos jornalísticos, que não constam do *corpus* de tradução que analisámos, mas de que apresentamos em seguida alguns exemplos, acompanhados de formulações retiradas de notícias semelhantes em português (cf. (103) e (105)) ou das nossas propostas de tradução (104):

- (103) Am Mittag **soll** Merkel in Lissabon zu einem sechsstündigen Kurzbesuch eintreffen und mit dem konservativen Regierungschef Pedro Passos Coelho über die Lage des Euro-Krisenlandes beraten. (MerkelD)

A chefe do Governo alemão **desloca-se** a Portugal no dia 12 de Novembro, segunda-feira, para se reunir com o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, e com o primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho. (MerkelP)

- (104) Nicht nur die Preise für die Tickets in den öffentlichen Verkehrsmitteln werden steigen. Auch das Schwarzfahren **soll** künftig mehr kosten. Statt 40 Euro werden dann 60 Euro fällig. (Schwarz)

As subidas de preço não se limitam aos bilhetes dos transportes públicos. Está também **previsto** um aumento das multas por viajar sem título de transporte válido. Os infratores passarão a pagar 60 euros em vez de 40. (tradução das autoras)

- (105) Den Plänen zufolge wird der Papst bereits einige Stunden zuvor den Vatikan verlassen und im Hubschrauber zu seiner Sommerresidenz Castel Gandolfo 25 Kilometer südlich von Rom fliegen. Dort **soll** er die nächsten zwei Monate verbringen. (Papst)

Às 16h viaja de helicóptero para Castel Gandolfo, situado a 25 quilómetros de Roma, onde **ficará a viver** durante dois meses na residência de Verão do sumo pontífice. (Papa)

A referência ao futuro é salientada por expressões temporais (*Am Mittag, künftig, die nächsten zwei Monate*) e/ou pela presença, no cotexto, de formas de *Futur* (*werden steigen, wird verlassen/fliegen*). Trata-se de situações em que o jornalista se faz eco de informações públicas sobre algo que está planeado ou previsto, veiculando o seu conteúdo. A fonte das informações pode ser referida na própria frase (cf. *Den Plänen zufolge*, em (105)), ou no cotexto,⁵⁵ ou pode estar apenas implícita, considerando que se trata de um género de texto jornalístico que é habitualmente informado por fontes. Nestes casos, o uso de *sollen* aproxima-se do valor reportativo descrito na secção 2.1. Nas versões portuguesas, encontramos três correspondências possíveis para *sollen*: o Presente com valor de futuro *desloca-se* (103), a expressão *está previsto* (104) e a forma de Futuro *ficará a viver* (105). Em alguns destes casos, são também possíveis traduções por formas de *dever* no Futuro, que correspondem ao valor de previsão descrito por Campos (1998: 253) para este verbo (cf. a secção 1.3.1., acima, nomeadamente os exemplos do tipo de (30)):

- (106) [...] bei den Vorbereitungsarbeiten zur Ernennung des Hohen Vertreters der Union für Außen- und Sicherheitspolitik [...], die am Tag des Inkrafttretens des Vertrags von Lissabon erfolgen soll [...]. (VL,
 [...] durante os trabalhos preparatórios que precederão a nomeação do Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança, que deverá ocorrer na data de entrada em vigor do Tratado de Lisboa [...]. (TL)

Gostaríamos ainda de acrescentar uma breve nota a respeito de outras ocorrências de *sollen* atestadas no nosso *corpus*, em que este verbo não pode, em rigor, ser classificado como verbo modal –

⁵⁵ Cf. um parágrafo posterior do texto de que foi retirado o exemplo (104): »Das geht aus Aussagen des Vorsitzenden der Verkehrsministerkonferenz und Schleswig-Holsteins Wirtschaftsminister Reinhard Meyer gegenüber der ARD hervor.« (Schwarz)

como é possível observar nos exemplos seguintes, *sollen* não faz parte de uma construção regular com Infinitivo, mas antes de uma estrutura elíptica (sem Infinitivo) de natureza tendencialmente idiomática (Milan, 1995: 173):

(107) Was **sollen** denn diese Unkenrufe? (UR, 247)
A que propósito vem esse mau agoiro? (MA, 242)

(108) Was **sollte** mir eine Mutter, die Schwäche zeigte? (Kass, 23)
De que me servia uma mãe que mostrava fraqueza? (Cass, 28)

Estas formas têm uma leitura próxima da interpretação teleológica (relativa à finalidade) de *sollen* modal e, à semelhança de *sollen* em leitura teleológica, também aqui é impossível uma tradução por *dever*, como os exemplos corroboram.

3. *Müssen*: o provável, o necessário e o incontrolável – traduções para português

Neste capítulo, serão comentadas traduções de *müssen* com diferentes valores, que se encontram distribuídos por diferentes secções e dos quais passamos a apresentar sucintamente alguns exemplos ilustrativos.

A secção 3.1. será dedicada a *müssen* epistémico, que traduz um juízo do falante quanto à probabilidade de a situação descrita pelo verbo no infinitivo ser verdadeira. Trata-se de casos como o de (109), em que a avaliação de probabilidade é feita por inferência a partir dos dados conhecidos pelo falante:

- (109) Damals war es, ja: damals **muß** es gewesen sein, daß diese Träume begannen, in denen Aineias mir erschien [...]. (Kass, 40)

Foi nessa altura, sim, **deve ter sido** por essa altura que começaram aqueles sonhos em que Eneias me aparecia [...]. (Cass, 48)

Nas secções seguintes, ocupar-nos-emos das restantes leituras de *müssen*, em que o verbo não apresenta um juízo do falante, mas indica a necessidade de concretizar a situação referida. Essa necessidade pode ter origens diversas, que correspondem a diferentes aceções de *müssen*. Na secção 3.2., analisaremos os casos em que a necessidade veiculada por *müssen* decorre de normas, e o comportamento ou situação referidos são os adequados ao cumprimento dessas normas. Um exemplo desta aceção normativa de *müssen* é o seguinte, no qual está em causa o cumprimento de normas legais:

- (110) Wird ein solcher Antrag angenommen, so **müssen** die Mitglieder der Kommission geschlossen ihr Amt niederlegen, und der Hohe Vertreter der Union für Außen- und Sicherheitspolitik **muss** sein im Rahmen der Kommission ausgetübtes Amt niederlegen. (VL)

Caso tal moção seja adoptada, os membros da Comissão **devem demitir-se** colectivamente das suas funções e o Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança **deve demitir-se** das funções que exerce na Comissão. (TL)

Na secção 3.3. discutiremos exemplos de *müssen* volitivo, em que a necessidade de realizar a situação referida pelo verbo infinitivo advém da vontade do falante ou de outra pessoa. É o que sucede no exemplo (111), em que a expressão *hatte sie plötzlich Lust* remete claramente para os desejos da personagem:

- (111) Nachts um ein Uhr hatte sie plötzlich Lust, sich einen Salat zu machen [...]: »Sauerei – die Flasche ist wieder leer, und ich **muß**, ich **muß** einen Salat **haben**.« (HOH 368,1)
 À noite, por volta da uma hora, assaltava-a o desejo repentino de fazer uma salada [...]: «Mas que chatice, a garrafa está outra vez vazia e eu **tenho, tenho de comer** uma salada.»

Em exemplos como (112), abaixo, são os objetivos a atingir pelo falante, nomeadamente a possibilidade de continuar a escrever (*wenn ich weiterschreiben wollte*), que tornam um determinado comportamento ou situação necessários, tendo em vista esse objetivo:

- (112) [...] nirgends stand ein Wort davon. Und ich **mußte** es doch genau **wissen**, wenn ich weiterschreiben wollte. (Emil, 8-9)
 [...] não encontrei em parte alguma a informação desejada. E, no entanto, para continuar o meu livro, **era-me** absolutamente **necessário** [sic] uma certeza sobre este ponto: uma certeza de extrema precisão. (Emílio, 6)

Trata-se de uma ocorrência de *müssen* com um valor teleológico, como as que serão analisadas na secção 3.4.

A necessidade veiculada por *müssen* pode ainda ficar a dever-se às características da própria situação, que não deixa ao falante outras alternativas de procedimento. Um exemplo deste valor circunstancial de *müssen*, ao qual será dedicada a secção 3.5., é a frase seguinte:

- (113) Ihr Licht fiel auf sein Gesicht, so daß er die Augen wieder schließen mußte; [...]. (G 2)
A claridade acertou-lhe no rosto e **foi forçado a fechar** os olhos novamente; [...].

Este capítulo contempla ainda uma última secção, na qual se discute a tradução de *müssen* em expressões fixas ou semifixas como *ich muss sagen* ou *ich muss zugeben*.

3.1. *Müssen* em leitura epistémica – avaliação de probabilidade

A partir da análise global dos exemplos de *müssen* em leitura epistémica contidos no *corpus*, constatamos, em primeiro lugar, que o verbo português *dever* constitui, claramente, a opção de tradução mais frequente para exprimir o juízo do falante quanto à probabilidade de a situação descrita pelo verbo no infinitivo ser verdadeira. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (114) »Grüße deine Mutter, wenn du nach Hause kommst. Es muß eine sehr liebe Frau sein.« (Emil, 115)
– Dá os meus cumprimentos à tua mãe quando voltares para a tua casa. **Ela deve ser** uma mulher encantadora. (Emílio2, 120)
- (115) Er mußte wohl schon ins vierte Stockwerk gelangt sein, als er oben eine Tür gehen hörte. (LE 65)
Já **devia ter chegado** ao quarto andar quando ouviu uma porta abrir-se lá em cima.

(116) So **muß** es gewesen sein. (UR1000)

Deve ter sido assim.

No exemplo (114) – que quase dispensa comentários – *müssen* veicula a conclusão a que o falante chega a partir do conhecimento de que dispõe sobre a mãe do interlocutor. Já no exemplo seguinte, é de realçar a presença da partícula modal *wohl*, uma indicação adicional que reforça a ideia de que estamos perante uma suposição. Na versão portuguesa, apenas o verbo modal está traduzido, na medida em que não existe um correspondente específico para a partícula modal.⁵⁶ Esta decisão do tradutor parece-nos justificada, uma vez que corresponde ao uso linguístico habitual, tanto numa língua como na outra.

As partículas modais não são, todavia, os únicos indícios de que estamos perante um caso de *müssen* em leitura epistémica. Também certas formas verbais podem auxiliar a interpretação deste verbo polivalente. As formas verbais alemãs *muss gewesen sein*, *musste bekommen haben*, que encontramos em (116), acima, e em (117), abaixo, com o verbo modal seguido de *Infinitiv Perfekt*, constituem um sinal claro de que *müssen* recebe, aqui, uma leitura epistémica:

(117) Er **mußte** einen Schlag auf den Kopf bekommen haben.

(G23)

Devia ter apanhado uma pancada na cabeça.

O mesmo não se pode dizer das formas portuguesas equivalentes: sem um contexto mais alargado, uma formulação como *devia ter apanhado uma pancada* permite diversas interpretações: uma epistémica (*alguém julgou que ele tinha apanhado uma pancada*) e outra que pode ser normativa (*devido ao seu mau comportamento, merecia ter apanhado uma pancada*) ou volitiva (*eu queria que ele tivesse apanhado uma pancada*).⁵⁷ Note-se que essa ambiguidade

⁵⁶ Sobre a coocorrência de *wohl* e de *müssen* e a respetiva tradução, vejam-se as notas 66 e 67.

⁵⁷ O mesmo se aplica a uma expressão como ...*devias ter ouvido o que ela disse a teu respeito*, que permite tanto uma leitura epistémica – por ex. em *Eu percebi*

do verbo *dever* se regista sobretudo com formas de Imperfeito – como *devia* em (117) –, e não existe na mesma medida quando o verbo está no Presente – como *deve* em (116).⁵⁸ Em contraste com a ambiguidade da forma portuguesa *devia ter apanhado*, a língua alemã dispõe de duas formas verbais alternativas: *musste einen Schlag bekommen haben* – de interpretação tendencialmente epistémica – e a forma *hatte einen Schlag bekommen müssen*, que não tem uma leitura epistémica (Duden, 2005: 563; Weinrich, 1993: 310ss).⁵⁹

Para além do verbo *dever*, *müssen* com valor epistémico pode ainda ser traduzido com recurso a outros meios, como o verbo *ter del ter que*.⁶⁰ Esta alternativa de tradução, que é muito menos frequente do que *dever*, veicula um grau de probabilidade mais elevado, de acordo com a avaliação do falante.⁶¹ Por vezes, o texto de partida já contém pistas que indicam tratar-se de uma probabili-

que devias ter ouvido o que ela disse a teu respeito, isto é, *Pela tua reação, eu deduzi que tu tinhas ouvido o que ela tinha dito a teu respeito* – como uma interpretação de tipo volitivo – *Eu queria que tu tivesses ouvido as palavras dela* – ou de tipo normativo – *Teria sido sensato teres ouvido as palavras dela*.

⁵⁸ Na verdade, na ausência de outro contexto, as frases que combinam o Presente de *dever* com o Infinitivo Composto recebem uma interpretação epistémica: *Ele não deve ter comido nada*. No entanto, é possível encontrar contextos muito específicos em que essa combinação de formas tem uma leitura diferente – normativa ou teleológica –, por ex.: *Para poder fazer o exame o paciente não deve ter comido nada nas 8 horas imediatamente anteriores*. (cf. Campos (1997: 173-175) e Oliveira (1988: 98)).

⁵⁹ Sobre estruturas paralelas com *sollen*, vejam-se as observações finais da secção 2.1.

⁶⁰ No português atual, utilizam-se indiferenciadamente as formas *ter de* e *ter que* (Cunha/Cintra (1984: 459, nota 10); Bechara (1999: 232); Houaiss e Villar (2002: 3495). Como atestam os exemplos (119) e (120), o mesmo tradutor recorre quer a uma, quer a outra forma, sem alterações semânticas visíveis. A escolha da forma poderá eventualmente reger-se por um simples critério fonético.

⁶¹ Cf. Oliveira/Mendes (2013: 629), em que se fala de «probabilidade forte» no caso de *ter de* e de «probabilidade fraca» no caso de *dever*. Segundo Johnen (2003: 439), o uso epistémico de *ter de* indica que a situação referida pelo infinitivo é a única concebível. Sobre *ter de* com significado epistémico, vejam-se também Mateus *et al.* (2003: 249) e Campos (1998: 129-130).

dade elevada, como o advérbio modal *unzweifelhaft* no exemplo (118):

- (118) [...] so daß unzweifelhaft dahinter noch ein Hof liegen mußte, in den die Sonne ungehindert ihre Strahlen sendete. (LE 16)
 [...] de forma que, para lá dela, **tinha de haver sem qualquer dúvida** outro pátio ainda, onde os raios de sol penetrassem livremente.

O exemplo seguinte evidencia, no entanto, maior complexidade:

- (119) – Wie: Kalchas zu den Griechen übergelaufen? Unser hochverehrter Seher, der in die innersten Staatsgeheimnisse eingeweiht war, ein Abtrünniger? – Eben das. – Die Nachricht mußte falsch sein. (Kass, 41-42)
 – Quê? Calcas tinha-se passado para os gregos? O nosso venerável profeta, iniciado nos mais íntimos segredos do Estado, um trânsfuga? – Nem mais nem menos. – A notícia **tinha de ser falsa**. (Cass, 50)

Em (119), o contexto permite uma leitura epistémica (*penso que a notícia é falsa*). Era difícil acreditar na apostasia do adivinho troiano Calcas, em vista da sua lealdade comprovada ao Estado. O verbo modal *ter de* aproxima a probabilidade de uma quase-certeza, sendo, portanto, adequado para transmitir essa avaliação perentória por parte do falante. Mas este valor epistémico de *müssen* parece aqui sobreposto a um valor de natureza volitiva: *julgo que a notícia é falsa e ela é tão horrível que eu quero que seja falsa*.⁶² A tradução por *ter de* preserva esta sobreposição de interpretações. Também no exemplo (120) o recurso a *ter de* conserva uma leitura que é, por um lado, epistémica (*Penso que isto tem um sentido*) e, por outro, volitiva (*Eu quero muito que isto tenha um sentido*).

⁶² Zifonun *et al.* (1997: 1883) admite a existência de sobreposições e ambiguidades entre leituras dos verbos modais associadas a cenários conversacionais diferentes.

- (120) Das hab ich lange nicht begriffen: daß nicht alle sehen konnten, was ich sah. Daß sie die nackte bedeutungslose Gestalt der Ereignisse nicht wahrnahmen. Ich dachte, sie hielten mich zum Narren. Aber sie glaubten sich ja. Das **muß** einen Sinn haben. (Kass, 46)

Isso era uma coisa que eu durante muito tempo não consegui entender: que nem todos pudessem ver aquilo que eu via. Que não se apercebessem da pura forma dos acontecimentos, sem outras implicações. Pensei que me tomavam por louca. Mas eles acreditavam em si. Isto **tem que ter** um sentido. (Cass, 55)

O *corpus* analisado continha ainda outros casos de ambiguidade na interpretação de *müssen*. A frase (121), *Du müßttest es wissen*, é um exemplo de sobreposição de um valor epistémico (*penso que sabes se tenho razão ou não*) com um valor de natureza normativa (*era tua obrigação saber se eu tenho razão ou não*). Neste caso, o tradutor opta por usar na versão portuguesa o verbo *dever*:

- (121) »Rai war mein Mann [...] manchmal meine ich, er wollte sterben. [...] du, du sprichst nie über Rai. Du **müßttest** es wissen, aber darüber sprichst du nie.« (HOH737)
– Rai era meu marido [...] muitas vezes chego a pensar que ele queria morrer. [...] mas tu, tu nunca falas em Rai. **Devias** saber se tenho razão, mas é coisa em que nunca falas.

Os exemplos comentados, até ao momento, nesta secção apresentam traduções de *müssen* por *dever* e *ter del/ter que*. Uma outra possibilidade de tradução, com recurso a *haver de*, não ocorre no *corpus* alemão-português, mas figura num *corpus* paralelo português-alemão ainda em elaboração. Em exemplos como (122) e (123), o verbo modal *haver de* em leitura epistémica é traduzido por *müssen*.⁶³

⁶³ Estes dados mostram que, no caso de estudos baseados num *corpus* de tradução, há vantagem em se considerarem traduções a partir de ambas as línguas.

- (122) – Não, tu **hás-de** ter qualquer segredo, qualquer mistério...
 – insinuava o Languna, a sondar. (NCM, 39)
 »Nein, du **mußt** irgendeinen Geheimtrick **haben**, irgendein Rätsel steckt dahinter...«, unterstellte Laguna ihm, um ihn auszuforschen. (NEG, 32)
- (123) O rapaz não caiu do céu! **Há-de** ter vindo de alguma parte.
 Ao menos perguntar-lhe a terra onde nasceu! (NCM, 203)
 Der Junge ist doch nicht vom Himmel gefallen! Er **muß** doch irgendwoher **kommen**. Frage ihn wenigstens, wo er geboren ist! (NEG, 164)

Estes dados são especialmente interessantes devido ao que nos parece ser a singularidade do verbo *haver* (*de*). Este verbo apresenta, de facto, um leque muito variado de leituras possíveis, em diferentes contextos: para além do valor epistémico, pode exprimir obrigação ou vontade (cf., por ex., (74), (75) e (77), acima), sendo usado em contextos tão diversos como anúncios, previsões, ameaças (cf. nota 77), promessas, perguntas (retóricas) (cf., por ex., (68) a (70), acima)), etc. Talvez devido a essa multiplicidade de leituras, é descrito na bibliografia de formas muito diversas e raros são os autores que o tratam de modo abrangente, como faz Johnen (2003).⁶⁴ No que

Este tipo de dados pode também constituir um argumento em favor da inclusão de seminários de tradução a partir de ambas as línguas nos cursos de formação de tradutores.

⁶⁴ Alguns exemplos: em Cunha/Cintra (1984: 459, 393), que inclui *haver de* nos substitutos de Futuro, é-lhe atribuída a função de exprimir a intenção de realizar uma ação no futuro; Bechara (1999) inclui-o no grupo dos verbos modais que exprimem necessidade e obrigação; no capítulo sobre modalidade da gramática de Mateus *et al.* (2003: 245ss), este verbo não é sequer mencionado; em Oliveira/Mendes (2013: 650-1), ele figura como semiauxiliar que pode ter uma leitura temporal ou leituras modais de intenção ou obrigação, podendo esta ser modalizada para exprimir conselhos ou sugestões; a dimensão epistémica não é mencionada em nenhum destes trabalhos. Note-se, no entanto, que, numa edição anterior de Mateus *et al.* (1989: 110), havia uma referência à leitura epistémica de *haver de*. Também Campos (1998: 248) afirma que este verbo tem uma leitura epistémica próxima de *dever*. Martins (1982: 341ss) e Gärtner (1998: 33s, 44s) indicam,

diz respeito à dimensão epistémica, ilustrada pelos exemplos (122) e (123), no primeiro caso o falante exprime uma suposição, enquanto no segundo se trata de uma conclusão necessariamente válida: se a pessoa de quem se fala existe, ela nasceu em algum lugar. Estes exemplos confirmam a afirmação de Johnen (2003: 444) segundo a qual o verbo *haver (de)* pode ter leituras que »von einer bloßen Vermutung [...] über die Einschätzung, dass der epistemisch qualifizierte Sachverhalt der einzig denkbare [...] oder ein sich aufdrängender Schluss aus den Fakten der Wirklichkeit ist [...] bis hin zu einer festen religiösen Überzeugung [...] reichen«.

Para além da tradução de *müssen* epistémico através dos verbos portugueses *dever* e *ter del ter que*, e também do verbo *haver de*, atestado no *corpus* de tradução português-alemão, os dados que analisámos revelam ainda a existência de outros recursos que podem ser usados em português para transmitir esse valor de *müssen*, nomeadamente expressões adverbiais epistémicas, como *com toda a certeza*, no exemplo (124):

- (124) [...], so **mußte** das Haus bei der beträchtlichen Länge des Grundstückes sogar bei mäßiger Steigung zu außerordentlicher Höhe anwachsen. (LE 91)
 [...] a casa, tendo em conta o comprimento considerável do terreno, **crecia com toda a certeza** até uma altura extraordinária, mesmo que se fosse elevando de forma pouco acentuada.

Uma outra opção de tradução foi a escolhida pelo tradutor do exemplo (125), em que o valor epistémico é expresso pela forma de Condicional/Futuro do Pretérito *haveria*, que pode veicular não-factualidade:⁶⁵

para além do valor temporal, a expressão de »Wille«, »Absicht«, »Wunsch« e, entre outros, também de »Annahme«/»Vermutung«; Schemann (1982: 41ss e 110ss) menciona todos estes e ainda outros usos de *haver de*. Esta heterogeneidade no tratamento de *haver de* é visível também em dicionários portugueses de referência (cf. DLPC (2001), Houaiss/Villar (2003), DELP (2004), DELP (2013)).

⁶⁵ Cf. a descrição dos valores do Futuro do Pretérito em Cunha/Cintra (1984: 461-462), um dos quais é caracterizado como expressão de «incerteza

(125) Die Wand hatte im Erdgeschoß keine Öffnungen, denn wo einst Türen und Fenster gewesen, da waren sie zugemauert worden, und es **mußte wohl** ein Magazin dahinter **liegen**, das vielleicht zur Buchbinderei des ersten Hofes gehörte. (LE 30)

No rés-do-chão a parede não tinha aberturas, porque tinha sido tapada onde antes houvera portas e janelas, e **decerto haveria** atrás dela um armazém, que talvez pertencesse à oficina de encadernação do primeiro pátio.

No texto alemão, a partícula modal *wohl* sublinha o valor epistémico de *müssen*.⁶⁶ Na versão portuguesa, a partícula modal é traduzida por um advérbio modal de valor semelhante – *decerto*. Possivelmente, a presença deste advérbio no contexto e o reforço

(probabilidade, dúvida, suposição)», como no exemplo: *Eu teria, talvez, uns doze anos*. [...]. Também Oliveira (2013: 527) refere o «valor modal epistémico de incerteza ou de probabilidade não confirmada, por parte do falante» que esta forma verbal transmite em determinados contextos, nomeadamente «quando ocorre com verbos de tipo durativo e o tempo de referência introduzido por adjuntos adverbiais é Passado». O exemplo (125) está de acordo com esta descrição no que respeita ao tipo de verbo, mas não apresenta expressões de localização temporal explícita. Estas não são necessárias, pois trata-se de um exemplo autêntico proveniente de um contexto narrativo que lhe proporciona, ele próprio, a localização temporal adequada.

⁶⁶ A propósito desta sobreposição de recursos para exprimir a modalidade epistémica, Droessiger (2009: 19) afirma: »In einigen deutschen Belegen befindet sich neben dem Modalverb *müssen* auch die Modalpartikel *wohl*. In solchen Fällen beeinflusst sie den ausgedrückten Wahrscheinlichkeitsgrad kaum und wirkt eher pleonastisch«. Assim se explica que, como a autora observa, as traduções lituanas por ela analisadas ignorem a partícula *wohl*. A nosso ver, a coocorrência de *müssen* epistémico com a partícula modal *wohl* pode, de facto, ser considerada redundante, se nos ativermos apenas ao valor epistémico do verbo, aquele que é analisado em Droessiger (2009). No entanto, se tivermos em conta que, noutros contextos, o mesmo verbo tem usos muito diferentes, a partícula modal *wohl* poderá ser vista como um meio de precisar o valor de *müssen* que é selecionado em contexto epistémico (cf. Zifonun *et al.*, 1997: 1883), desempenhando assim um papel relevante na leitura do texto alemão – também pelos seus tradutores –, mas sem ter necessariamente reflexos formais nas traduções.

do valor modal que daí resulta condicionou também a opção do tradutor pela forma de Condicional/Futuro do Pretérito: sem o advérbio, o efeito da forma verbal isolada não seria suficiente para transmitir o valor epistémico de probabilidade; por outro lado, se o tradutor tivesse optado por usar o verbo *dever*, o reforço do valor modal através do advérbio tornar-se-ia pleonástico.⁶⁷

Há ainda casos de traduções em que o próprio verbo modal *dever* surge no Condicional/Futuro do Pretérito, como o seguinte:

- (126) Andreas aber war indessen zu einem der Fenster getreten, unter welchen seiner Ansicht nach das Gärtchen mit den Wespen liegen mußte [...]. (LE, 118)
 Andreas, porém, tinha-se entretanto chegado a uma das janelas, por sob a qual deveria estar, a seu ver, o jardimzinho das vespas [...].

Neste caso, tanto o texto original como a tradução contêm expressões adverbiais que sublinham o valor epistémico do modal (*seiner Ansicht nach/ a seu ver*).

Por vezes, encontramos no *corpus* exemplos em que o verbo *müssen* surge no contexto de uma frase subordinada, dependente de um verbo pleno com um matiz epistémico, como *schätzen* ou *scheinen*:

- (127) Ich schätzte, er müsse ein Patient Mahlers sein oder jedenfalls ein Freund, der sich von ihm behandeln ließ. (UMITM332)

⁶⁷ Esta ideia é confirmada por exemplos do *corpus* em que *müssen* é traduzido por *dever* e a partícula modal *wohl* não tem correspondente no texto português, como (115), já comentado acima, e ainda a frase seguinte:

Er konnte nicht viel erspähen, doch war es kaum glaublich, daß solch großer freier Raum sich im Rücken der Geschäftshäuser befinden sollte, wenn es auch wohl so sein mußte, da erst in weiter Ferne Gebäude [...] auszunehmen waren. (LE 32)

Não conseguiui lobrigar grande coisa, mas era quase inacreditável que houvesse nas traseiras das casas comerciais um espaço livre tão grande, embora devesse ser mesmo assim, já que só a grande distância se conseguiam distinguir edifícios [...].

Calculei que fosse um doente do Mahler ou, em qualquer caso, um amigo que andasse a ser tratado por ele.

- (128) Ihm schien immer, Glum müßte älter sein als die Großmutter, aber Glum war fünfzehn Jahre jünger als die Großmutter. (HOH1181)

Aparentava mais idade do que a avó, mas era quinze anos mais novo do que ela.

Provavelmente devido à consciência de alguma duplicação do valor epistémico, nestes casos, os tradutores abdicaram de um correspondente português para *müssen*, ficando a expressão do valor epistémico concentrada no verbo pleno, neste caso, *calcular* e *aparentar*, respetivamente. O exemplo (129) é do mesmo tipo dos anteriores, tendo o verbo *scheinen* sido traduzido pela expressão fixa *dar a impressão*, que apresenta igualmente uma dimensão epistémica:

- (129) Glum [...] vollführte mit der Zunge merkwürdige Turnübungen vor dem dunkler geröteten Hintergrund, und es schien, als müßte etwas Rundes, Dickes aus seinem Mund gerollt kommen, aber es kam nur ein Wort: »Die«. (HOH1182)

Glum [...] executava estranhos movimentos com a língua num fundo vermelho-escuro, e dava a impressão de ir sair dela algo de rotundo, grosso, mas afinal, saía só uma palavra: «A».

3.2. *Müssen* em leitura normativa – referência a normas ou padrões

Para além da sua dimensão epistémica, o verbo *müssen* pode apresentar outros valores, entre os quais o normativo. Encontramos este valor em contextos discursivos em que a necessidade de um determinado comportamento ou situação, veiculada por *müssen*, é condição para o cumprimento de uma norma, a qual pode

apresentar uma natureza diferente de acordo com o contexto. Pode tratar-se, por exemplo, de uma norma institucional como as que encontramos em (130), extraído do Tratado de Lisboa, ou em (131), uma afirmação que se reporta ao tratado que institui a Comunidade Europeia, ou ainda em (132), uma indicação incluída num documento contendo propostas estratégicas para uma política europeia de línguas:

(130) *Artikel 63* (1) Diese Politik **muss** mit dem Genfer Abkommen vom 28. Juli 1951 und dem Protokoll vom 31. Januar 1967 über die Rechtsstellung der Flüchtlinge sowie den anderen einschlägigen Verträgen im Einklang stehen. (VL)

Artigo 63.º 1. Esta política **deve** estar em conformidade com a Convenção de Genebra, de 28 de Julho de 1951, e o Protocolo, de 31 de Janeiro de 1967, relativos ao Estatuto dos Refugiados, e com os outros tratados pertinentes. (TL)

(131) Gemäß Vertrag **müssen** Wein und Spirituosen nach der Weinmarktordnung gekennzeichnet werden. (PE)
[...] de acordo com o Tratado CE, o vinho e as bebidas espirituosas **devem** ser rotulados segundo a organização comum do mercado vitivinícola. (PE)

(132) Die Etikettierung **muss** für die Konsumentinnen und Konsumenten klare und genaue Informationen in leicht verständlicher Sprache bieten und darf nicht irreführend sein. (MultDE)

A rotulagem **deve** apresentar a informação de maneira clara e exacta, numa língua facilmente compreendida pelo consumidor e não deve induzir o comprador em erro. (MultPT)

Neste tipo de contexto institucional, o equivalente mais frequente de *müssen* é o verbo português *dever*.⁶⁸ Esta correspondência

⁶⁸ Note-se, a título de exemplo, que num dos textos do *corpus*, o Tratado de Lisboa, num total de 49 ocorrências de *müssen*, surgem 26 traduções por *dever*.

pode colocar alguns problemas, na medida em que, como já foi referido na secção 2.2., *dever* é também o lexema preferido para veicular o uso normativo de *sollen*, um verbo usado em contextos diferenciados, em que as normas em causa são em geral menos vinculativas do que aquelas a que *müssen* se reporta.⁶⁹ Os leitores das versões portuguesas não dispõem, assim, de um apoio lexical para a distinção entre diferentes graus de vinculação, sendo obrigados a basear a sua interpretação de *dever* apenas no contexto⁷⁰ e numa eventual alternância de formas verbais, uma vez que ao verbo *sollen* (e nomeadamente à forma *sollte(n)*) corresponde com frequência, nas versões portuguesas, o Futuro do Indicativo de *dever*, como se verificou nos exemplos (53) e (54) da secção 2.2., o primeiro dos quais se reproduz em seguida:

- (133) Diese Pläne **sollten** auf der Integrierten Leitlinie Nr. 23 **aufbauen** [...]. (MultDE)
 Estes planos **deverão apoiar-se** na Orientação Integrada n.º 23 [...]. (MultPT)

O recurso a equivalentes portugueses para *müssen* que não passem por *dever* constitui uma forma de tornar mais clara a distinção entre este verbo modal e *sollen*, como sucede no seguinte exemplo:

- (134) Die Konferenz ist der Auffassung, dass die Kommission, wenn ihr nicht mehr Staatsangehörige aller Mitgliedstaaten angehören, besonders beachten sollte, dass in den Beziehungen zu allen Mitgliedstaaten vollständige Transparenz **gewährleistet sein muss**. (VL)

⁶⁹ Como afirma Zifonun (1997: 1887), »*Müssen* bezieht sich [...] bei normativer Verwendungsweise auf Redehintergründe mit sehr hohem Grad an sozialer Verbindlichkeit, auf das Befohlene, Angeordnete, während *sollen* auch normative Redehintergründe mit geringem Grad an Verbindlichkeit zulässt [...]« Cf. também a nota 16.

⁷⁰ A relevância do contexto para a distinção entre normas mais ou menos vinculativas, referida por Zifonun (1997: 1887) para o alemão, é, pois, mais vinculada ainda na língua portuguesa.

A Conferência considera que a Comissão, quando deixar de incluir nacionais de todos os Estados-Membros, deverá prestar especial atenção à **necessidade de garantir** total transparência nas suas relações com todos eles. (TL)

Para além do nome *necessidade*, surgem igualmente no *corpus* outros recursos linguísticos que veiculam o valor normativo de *müssen*, como o particípio *obrigado* e o advérbio *obrigatoriamente*:

(135) Die Mitgliedstaaten **müssen** diese Unterstützung nicht in Anspruch nehmen. (VL)

Nenhum Estado-Membro **é obrigado a recorrer** a este apoio. (TL)

(136) Artikel 262 wird wie folgt geändert: [...] In Absatz 1 werden die Worte „**muss ... gehört werden**“ durch die Worte „wird ... gehört“ ersetzt. (VL)

O artigo 262.º é alterado do seguinte modo: [...] No primeiro parágrafo [onde se lê «é obrigatoriamente consultado»], é suprimido o termo «**obrigatoriamente**»; (TL)

O verbo *determinar* e o adjetivo predicativo *aplicável* são outros equivalentes de *müssen* que podemos encontrar na versão portuguesa:

(137) In Fällen, in denen nach Maßgabe des Vertrags [...] Gesetzgebungsakte vom Rat gemäß einem besonderen Gesetzgebungsverfahren erlassen werden müssen, kann der Europäische Rat einen Beschluss erlassen, wonach die Gesetzgebungsakte gemäß dem ordentlichen Gesetzgebungsverfahren erlassen werden können. (VL)

Quando o Tratado [...] **determine** que o Conselho delibera por unanimidade num determinado domínio ou num determinado caso, o Conselho Europeu pode adoptar uma decisão que autorize o Conselho a deliberar por maioria qualificada [...]. (TL)

- (138) Ein Staat, der aus der Union ausgetreten ist und erneut Mitglied werden möchte, **muss** dies nach dem Verfahren des Artikels 49 beantragen. (VL)
 Se um Estado que se tenha retirado da União voltar a pedir a adesão, é aplicável a esse pedido o processo referido no artigo 49.º. (TL)

A seleção destes itens lexicais revela-se adequada e não é surpreendente, na medida em que ambos se situam no domínio do léxico usado para descrever normas e a sua aplicação. No entanto, é possível encontrar no *corpus* alternativas a *dever* que não parecem constituir equivalentes adequados a *müssen*, como sucede no exemplo seguinte, em que o nome *importância* fica aquém do verbo alemão no que respeita à intensidade do valor modal:

- (139) DIE HOHEN VERTRAGSPARTEIEN – UNTER HINWEIS DARAUF, dass die Bestimmungen des Vertrags zur Gründung der Europäischen Atomgemeinschaft weiterhin volle rechtliche Wirkung entfalten müssen [...] SIND über folgende Bestimmungen ÜBEREINGEKOMMEN, [...]. (VL)
 AS ALTAS PARTES CONTRATANTES, RECORDANDO a importância de que as disposições do Tratado que institui a Comunidade Europeia da Energia Atómica continuem a produzir plenos efeitos jurídicos [...] ACORDARAM nas disposições seguintes [...]. (TL)

Por outro lado, surgem também contextos em que uma afirmação com *müssen* pode ter um contraponto português em que não figura qualquer expressão modal, como é o caso do exemplo seguinte:

- (140) Unionsbürgerinnen und Unionsbürger, deren Anzahl mindestens eine Million betragen und bei denen es sich um Staatsangehörige einer erheblichen Anzahl von Mitgliedstaaten handeln muss, können die Initiative ergreifen [...]. (VL)

Um milhão, pelo menos, de cidadãos da União, nacionais de um número significativo de Estados-Membros, pode tomar a iniciativa [...]. (TL)

Na construção da frase portuguesa, as condições que legitimam a capacidade de «tomar a iniciativa» (tratar-se de pelo menos um milhão de cidadãos que sejam oriundos de um número significativo de Estados-Membros) estão incluídas na formulação que identifica o sujeito da frase, tornando clara a interpretação restritiva dessas condições. É, pois, dispensável um equivalente do verbo modal da versão alemã, este, sim, necessário para explicitar a obrigatoriedade das condições que não são diretamente associadas ao sujeito, mas descritas nas duas frases relativas coordenadas (*deren Anzahl mindestens eine Million betragen und bei denen es sich um Staatsangehörige einer erheblichen Anzahl von Mitgliedstaaten handeln muss*).

Na verdade, mesmo independentemente de qualquer construção específica, estes textos de carácter institucional – leis, tratados, regulamentos, etc. – têm por si só uma natureza regulamentar que faz com que seja possível exprimir um valor normativo, mesmo na ausência de qualquer recurso linguístico especificamente modal, como se pode verificar no exemplo seguinte, em que a uma frase contendo *müssen/dever* se segue uma outra, também normativa, na qual encontramos apenas um verbo pleno no *Indikativ Präsens* /Presente do Indicativo:⁷¹

- (141) Artikel 235a [...] Der Antrag **muss** binnen eines Monats nach der jeweiligen Feststellung gestellt werden. Der Gerichtshof entscheidet binnen eines Monats nach Antragstellung. (VL)
 Artigo 235.º-A [...] Esse pedido **deve ser formulado** no prazo de um mês a contar da data da referida constatação. O Tribunal pronuncia-se no prazo de um mês a contar da data do pedido. (TL)

⁷¹ Cf. a referência ao *Indikativ Präsens* na nota 16.

Todos os exemplos mencionados até este ponto foram extraídos de textos regulamentares ou de referências a estes, mas o verbo *müssen* com valor normativo ocorre também, naturalmente, em textos de natureza diferente, sendo que, nesses casos, predomina a tradução por *ter de/ter que*. Este equivalente português não tinha ainda sido mencionado a respeito de *müssen* com valor normativo, uma vez que, situando-se num registo menos formal, está ausente dos textos institucionais até agora analisados, mas ocorre abundantemente noutros textos,⁷² como se pode verificar nos exemplos seguintes, extraídos, respetivamente, de uma intervenção no Parlamento Europeu e de um texto literário:

(142) Die Menschenrechte und das Selbstbestimmungsrecht der Völker **müssen** Vorrang vor wirtschaftlichen Interessen haben. (PE)

Os direitos do Homem e o direito dos povos à autodeterminação **têm de ser prioritários** relativamente a interesses económicos. (PE)

(143) Er versuchte ihr beizubringen, was er unter Ordnung verstand, pedantisch aufgeräumte Schränke und einen sauberen Kocher. [...] räumte alles schön ordentlich ein: Leens ganzen Krempel und ihre Kleider auf Bügeln, ordentlich und deutsch, so wie er es bei seiner Mutter gesehen hatte. »Es **muß** nach Linnen riechen, frischem Linnen« – [...]. (HOH 909-911)

Procurou ensinar-lhe o que era ordem, armários meticulosamente arrumados e um fogão limpo. [...] arrumando tudo lá dentro na maior ordem: toda a tralha de Leen, e os seus vestidos em cabides, muito bem arrumados, tal como vira a mãe fazer. «**Tem de cheirar** a roupa branca, fresquinha» – [...].

⁷² *Ter de/ter que* é, aliás, a tradução globalmente predominante no corpus analisado, com 40% das ocorrências, enquanto *dever* surge apenas em cerca de 20% dos casos. Esta proporção contrasta claramente com a total ausência de *ter de/ter que* no subcorpus extraído do Tratado de Lisboa.

Ao contrário do que sucede nos textos regulamentares em que surge o verbo português *dever* como correspondente de *müssen* normativo (cf. exemplos (130) a (132) e (141), acima), noutra tipo de textos, o seu correspondente é *ter del/ter que*. Esta alternância lexical na tradução permite que, fora dos textos regulamentares, se faça uma distinção entre *müssen* normativo, usado em normas altamente vinculativas, e *sollen* normativo, que encontramos em contextos de carácter menos vinculativo, predominantemente traduzido por *dever* (cf. exemplos (52) a (56), acima).⁷³

Mas também em textos que não têm um carácter regulamentar encontramos versões portuguesas alternativas à tradução dominante por *ter del/ter que*:

(144) [...] denn er mußte jetzt jede Woche eine Serie von Witzen für »Wochenend im Heim« zeichnen [...]. Vielleicht waren die Zeichnungen gut, und er war den Druck los, sich jede Woche etwas aus den Fingern saugen zu müssen. (HOH 879, 932)

[...] agora tinha de desenhar todas as semanas uma série de anedotas para Fim de Semana no Lar [...]. Talvez os desenhos fossem bons e ele estivesse, afinal, liberto da obrigação de, todas as semanas, produzir qualquer coisa.

(145) Ein großartiges Drama, wirklich wahr. Das muß man dem Schiller lassen. (Emil, 11)

Um drama realmente magnífico; é preciso fazer essa justiça ao Schiller. (Emílio, 9)

(146) Wir müssen doch endlich mal den Makel loswerden, daß bei Diskussionen über Wein und Bier im Europäischen Parlament sehr oft der Sachverstand ausgeschaltet wird. (PE)

⁷³ Entre os verbos portugueses *dever* e *ter (de)/ter (que)* existe uma distinção semelhante, como refere Oliveira/Mendes (2013: 633): «Os verbos *dever* e *ter (de)* são utilizados para indicar obrigação fraca e obrigação forte, respetivamente [...]». Este contraste é visível em frases como *Tu tens de fazer a cama antes de sair de casa* e *Tu deves fazer a cama antes de sair de casa*.

É imperativo que, finalmente, nos libertemos da acusação de que, ao longo dos debates no Parlamento Europeu acerca do vinho e da cerveja, é muito frequente perder-se a objetividade. (PE)

Trata-se de recursos menos frequentes, neste caso o nome *obrigação* e os adjetivos predicativos *preciso* e *imperativo*, que remetem igualmente para um valor normativo – respetivamente, o de cumprimento dos termos de um contrato, o de avaliar justamente uma obra mediante um padrão de qualidade literária e o de uma instituição eleita agir de acordo com padrões de objetividade.

Quando está em causa uma norma específica atinente ao cumprimento de horários estabelecidos, é ainda possível a tradução de *müssen* com recurso à expressão portuguesa *ser horas de*, que transmite essa necessidade de respeitar este tipo de regra, como se ilustra no exemplo seguinte, no qual está em causa a saída de casa para o trabalho:

- (147) Er hielt den Wecker im Auge und gab ihr Bescheid, wenn sie das Haus verlassen mußte. (HOH 903)
Atento ao despertador, avisava-a quando eram horas de sair de casa.

Como já foi referido, fora de textos regulamentares, *müssen* com valor normativo surge traduzido em geral por *ter de/ter que* ou alternativas, mas não por *dever*, exceto num caso específico. Trata-se de *müssen* no *Konjunktiv II*, uma forma que associa o valor modal de necessidade correspondente ao verbo à incerteza de realização da situação que decorre da forma de *Konjunktiv II* (Engel, 2009: 219-220), como sucede no exemplo (148):

- (148) Jeder weiß, daß er es aus Opportunismus getan hat und unbelehrbar ist, aber er weiß es auch selber. Darum sagt es ihm keiner. Aber man müßte es ihm trotzdem sagen. (UMI102,1)

(TS) Toda a gente sabe que ele o fez por oportunismo e que é incorrigível, mas ele próprio também o sabe. Por isso ninguém lho diz. Mas, apesar de tudo, alguém lho deveria dizer.

(TM) Toda a gente sabe que ele agiu por oportunismo e que é incorrigível, mas ele próprio também o sabe. Por isso ninguém lho diz. Mas devia-se dizer-lho, apesar de tudo.

É óbvio nesta sequência o contraste entre a necessidade de dizer alguma coisa (*man müßte es ihm sagen*), um comportamento que o falante defende como mais adequado no contexto, e as circunstâncias reais em que ninguém diz nada (*Darum sagt es ihm keiner*), uma oposição que é ainda realçada pela conjunção *aber* e pelo advérbio *trotzdem* e da qual se infere como incerta ou improvável uma concretização da situação referida. Os equivalentes portugueses apresentados funcionam de forma semelhante à versão alemã: o verbo *dever* exprime necessidade e o Condicional/Futuro do Pretérito leva à interpretação de realidade hipotética de realização incerta em (148TS), enquanto em (148TM) é o Pretérito Imperfeito do Indicativo que assume um valor semelhante ao do Condicional/Futuro do Pretérito.

O *corpus* inclui ainda frases similares com a forma composta do *Konjunktiv II* de *müssen*, que, por dizerem respeito a situações passadas, eliminam totalmente a possibilidade de realização futura da situação referida, podendo resultar numa interpretação que implica arrependimento ou censura. É o que sucede no exemplo seguinte, em que o falante se reporta a regras de boa educação que não terão sido respeitadas:

- (149) Ich hätte Ihnen gewiß einen Imbiß anbieten müssen...
(LE136)
Eu devia decerto ter-lhe oferecido qualquer coisinha para comer...

Na versão portuguesa, o verbo principal surge no Infinitivo Composto, ao contrário do que sucedia no exemplo (148), mas

no que respeita à expressão da modalidade recorre-se à mesma solução de tradução, o verbo *dever*. No exemplo apresentado, a forma escolhida é o Imperfeito, mas a forma de Condicional/Futuro do Pretérito *deveria* seria igualmente aceitável do ponto de vista gramatical, tendo provavelmente sido preterida pelo tradutor neste caso específico por uma questão de registo, uma vez que se trata de um enunciado oral em situação informal em que o Condicional/Futuro do Pretérito se tornaria demasiado rebuscado.

Nos dois exemplos anteriores encontramos, uma vez mais, traduções de *müssen* por *dever* que se aproximam de casos paralelos em que o verbo modal alemão é *sollen*, como os dos exemplos (57) e (62) da secção 2.2., aqui repetidos como (150) e (151):

(150) Er allein konnte den Niedergang nicht aufhalten, obwohl er wußte, wie eine gute Zeitung aussehen sollte. (UMITM76)

Ele sozinho não conseguia sustar a decadência, embora soubesse como deveria ser um bom jornal.

(151) Ich hätte ihn ohrfeigen sollen. (UR, 186)

Eu devia era tê-lo esbofeteado. (MA, 183)

Apesar de termos, em alemão, verbos modais distintos, associados a diferentes graus de vinculação a uma norma, a proximidade das traduções por *dever* não parece, nestes casos, trazer grandes inconvenientes, possivelmente porque os enunciados se aproximam mais pela incerteza de realização transmitida pelo *Konjunktiv II* do que se afastam pela diferença entre *müssen* e *sollen*.

É de registar ainda uma ocorrência de *müssen* na forma composta de *Konjunktiv II* cuja tradução difere da apresentada em (149), acima, uma vez que a forma portuguesa é uma expressão fixa com o Pretérito Imperfeito do Indicativo, *devia saber*:

(152) [...] all das wäre besser bei einem Archivar abzulagern gewesen als bei mir. Er hätte wissen müssen, wie leicht ich ins Erzählen gerate. (UR113)

[...] tudo aquilo teria ficado mais bem guardado na mão de um arquivista do que na minha. Ele **devia saber** com que facilidade eu começo a contar histórias.

3.3. *Müssen* em leitura volitiva – expressão da vontade

A necessidade veiculada por *müssen* pode resultar, não de uma norma, mas da vontade de alguém, e este é o traço que caracteriza a vertente volitiva do significado de *müssen*. À semelhança do que acontecia no uso volitivo de *sollen*, *müssen* não põe em relevo o portador da vontade, mas antes o seu objeto ou o seu executor, que é o sujeito da frase, como se pode observar nos exemplos seguintes:

- (153) So was **muß** mehr sein. Ihr kauft mit Deutschmark Orgel ganz neu für Kirche Marii Panny. Wir machen alten Prospekt schön mit Blattgold, was kostet nicht viel. (UR299-301)

Tem de ser assim mais vezes. Vocês compram com marcos alemães órgão novinho em folha para igreja de Marii Panny. Nós pomos bufete antigo todo bonito com folha de ouro, e não fica muito caro.

- (154) Ich konnte nicht schießen, das **müssen** Sie einsehen. (UMITM396)

Eu não podia disparar, **têm de compreender** isso.

No exemplo (153), o sujeito sintático é o objeto da vontade do falante, que deseja que aquele tipo de acontecimento se repita, enquanto no exemplo (154), cabe a esse sujeito, que coincide com o interlocutor, executar a vontade do falante, compreendendo que ele não podia disparar.⁷⁴

⁷⁴ O portador da vontade pode também ser uma entidade diferente do falante, como em (158).

Ao contrário do que sucedia com *sollen*, é ainda possível haver uma coincidência entre portador da vontade e sujeito, designadamente quando o verbo surge na 1.^a pessoa,⁷⁵ como no exemplo seguinte:

- (155) Nachts um ein Uhr hatte sie plötzlich Lust, sich einen Salat zu machen, und dann kam sie [...] in Nellas Zimmer, die leere Essigflasche in der Hand, und brüllte in der Tür: »Sauerei – die Flasche ist wieder leer, und ich **muß**, ich **muß** einen Salat haben.« (HOH 368,1)

À noite, por volta da uma hora, assaltava-a o desejo repentino de fazer uma salada e [...] irrompia do quarto de Nella, empunhando a garrafa de vinagre vazia, e berrava à porta: «Mas que chatice, a garrafa está outra vez vazia e eu **tenho, tenho de comer** uma salada.»

Nos exemplos (153) a (155), *müssen* é adequadamente traduzido pelo verbo *ter* (*de*), que é, como já foi referido, a tradução mais frequente no *corpus* (cf. a nota 72). Na verdade, embora se trate de *müssen* em sentido volitivo, não é adequado recorrer ao verbo modal português especificamente volitivo *querer*, pois este destaca como sujeito sintático o portador da vontade, ao contrário de *müssen*, que foca o objeto ou executor da vontade. Mesmo quando há uma coincidência entre portador e executor da vontade, como em (155), acima, o verbo *querer* ficaria aquém da expressão da vontade apresentada como dando origem a uma necessidade imperiosa. A única ocorrência de *querer* em traduções de *müssen* volitivo que foi possível encontrar no *corpus* é a do exemplo seguinte:

⁷⁵ Recorde-se que, como foi referido na secção 2.3, em frases com *sollen* volitivo na 1.^a pessoa, o portador da vontade é necessariamente uma entidade externa ao sujeito, como no exemplo (73), aqui repetido: **Soll** ich Sie abholen? (Haus, 270) / **Quer** que a vá buscar? (Casa, 46). No caso de *sollen* pode, assim, falar-se de um uso inteiramente extrasubjetivo, o que não se aplica da mesma forma a *müssen*.

(156) Aber warten Sie noch einen Augenblick, ich **muß** Ihnen doch zeigen, warum ich hier ein wenig sitzenbleiben mußte. (SW 136)

Mas espere só um momento, é que **não quero deixar de** mostrar porque é que tive de sentar-me aqui um instante.

Esta é uma frase em que há dois elementos de valor negativo: o verbo *querer* é negado e, além disso, é combinado com uma perífrase verbal de sentido negativo, *deixar de*. Ou seja, o falante recusa-se a prescindir de realizar a ação de *mostrar*, o que lhe deixa como único caminho aceitável a realização dessa ação. Daí que *não querer deixar de* se torne mais compulsivo do que *querer*, e por isso, próximo de *ter de* e de *müssen*, constituindo uma boa solução de tradução.

Um outro correspondente possível para *müssen* volitivo em português é o verbo *haver (de)*, no exemplo seguinte:

(157) Was – das hat sie doch mal gut gemacht – oh, du hättest sie früher kennen müssen, so schlimm ist sie nicht. (HOH112)

Ora, foi bem feita – oh, **havia de a conhecer** noutros tempos, não é assim tão má.⁷⁶

Como foi mencionado na secção 2.3, *haver de* pode exprimir *intenção* ou *desejo* por parte do falante, constituindo uma opção válida para traduzir *müssen* nos contextos em que este exprime a vontade do falante. No exemplo (157), em que o verbo original se encontra na forma composta de *Konjunktiv II* (*hättest kennen müssen*) a forma de Pretérito Imperfeito de *haver (de)* revela-se perfeitamente adequada.⁷⁷ No entanto, ao contrário do que se

⁷⁶ Neste exemplo, teria sido possível usar o Infinitivo Composto do verbo *conhecer* – *havia de a ter conhecido* –, indicando claramente que o desejo se reporta a um contexto de passado.

⁷⁷ Gärtner (1998: 45) refere precisamente este uso de *haver de* como designando um desejo dificilmente realizável do falante, que no alemão é expresso por *müssen* no *Konjunktiv II*, mas o valor volitivo de *haver de* em correspondência com

verificava nas traduções de *müssen* (e *sollen*) normativos por *dever* (cf. *devia* e *deveria* em (148), (149), (150), (151)), com *haver* (*de*) não é possível uma alternância generalizada entre Imperfeito e Condicional/Futuro do Pretérito, encontrando-se a forma *haveria* (*de*) limitada à referência a um tempo posterior a um momento passado (cf. no exemplo, (100), acima, *este sentimento haveria de perdurar durante anos*).

Naturalmente que, em contextos específicos, é possível traduzir *müssen* de outras formas igualmente adequadas, como sucede no seguinte caso, em que o aprendiz cumpre a vontade e as ordens do mestre:

- (158) Der Tischlermeister war nett. Besonders nett war er zu Wilma; samstags, wenn der Lehrling die Werkstatt auskehrte, **mußte** er alle Holzklötze aus dem Dreck **heraussuchen**, sie abwaschen und sie Wilma heraufbringen [...]. (HOH321)

Era simpático, o carpinteiro. Especialmente para com Wilma; aos sábados, quando o aprendiz varria a oficina, **tinha ordens para separar** os blocos de madeira que havia misturados com o lixo, lavá-los e trazê-los a Wilma [...].

E é também possível encontrar situações em que a transposição correta para português consiste, simplesmente, na tradução zero do verbo modal:

- (159) Sie trank Wein und bestand darauf, er **müsse** Apfellimonade **trinken**, ein Getränk, das sie als Kind so geliebt hatte. (HOH1104)

Ela bebia vinho e **insistia** em que ele **tomasse** sumo de maçã, uma bebida que ela muito apreciara em criança.

o de *müssen* encontra-se também em frases no Presente e no *Präsens*, como se pode observar no seguinte exemplo, retirado da tradução alemã de um texto de Miguel Torga:

Malandro, que mas **hás-de** pagar todas hoje! (NCM, 197)

Schuft, heute **mußt** du mir alles **zurückzahlen**! (NEG, 158)

Neste caso, em que o narrador relata o discurso da avó dirigido ao neto, o verbo usado para introduzir esse discurso descreve simultaneamente a atitude da avó como insistência, pelo que a reprodução do verbo *müssen*, usado pela avó, acaba por se tornar relativamente redundante, na medida em que tem também uma componente de vontade. Por seu lado, o tradutor optou por evitar a redundância, traduzindo o verbo introdutor do discurso direto, mas não o verbo modal, o que resulta numa versão portuguesa perfeitamente adequada.⁷⁸

3.4. *Müssen* em leitura teleológica – atingir objetivos

Para além dos usos normativo e volitivo já descritos, *müssen* apresenta ainda um sentido teleológico, indicando que um determinado comportamento ou situação são necessários para a consecução de um objetivo. Nesse uso, a tradução mais recorrente para *müssen* é *ter (de)* – aquela que também surge com maior frequência na globalidade do *corpus*⁷⁹ –, como pode observar-se nos seguintes exemplos:

(160) Ausbildungsprogramme im Hochschulbereich und anderswo **müssen** laufend aktualisiert werden, damit den Studierenden die richtigen Kompetenzen vermittelt [...] werden [...]. (MultDE)

Os programas de formação no ensino superior e noutras estruturas de ensino têm de ser constantemente atualizados a fim de que os estudantes adquiram as competências adequadas [...]. (MultPT)

⁷⁸ Esta omissão de *müssen* volitivo na tradução, num contexto em que ele surge numa frase encaixada dependente de um verbo pleno com um sentido volitivo, é paralela a uma situação que já descrevemos na secção sobre *müssen* epistémico (cf. os exemplos (127) e (128), na secção 3.1.).

⁷⁹ Cf. a nota 72.

- (161) [...] der Preis, den der Verkäufer nannte, war ein hoher, und eigentlich **mußte** er jetzt ein paar Tage hungern, um seine Kasse in Ordnung zu halten. (LE 203)
 [...] o preço que o caixeiro indicou era alto e, em boa verdade, ia agora **ter de passar fome** por uns dias para manter as contas equilibradas.

Em ambos os casos, o objetivo a atingir é formulado numa frase subordinada final, tanto no texto original como na versão portuguesa.⁸⁰

Por vezes, quando se trata da única condição necessária para que o objetivo seja atingido, o modal alemão e o seu correspondente português surgem acompanhados dos advérbios *bloß / nur* e *só*, respetivamente:

- (162) Er **mußte** nur hin und wieder die Großmutter anblicken, um den Eindruck zu erwecken, er hörte ihr zu – [...]. (HOH868)
 Só de vez em quando **tinha de olhar** para a avó para dar a impressão de a escutar; [...].⁸¹
- (163) Vorhin, als die Königin [Klytaimnestra] aus dem Tor trat, ließ ich eine letzte sehr kleine Hoffnung in mir aufkommen, ich könnte ihr das Leben der Kinder abgewinnen. Ich hab ihr dann bloß in die Augen sehen müssen: Die tat, was sie mußte.⁸² (Kass, 45)

⁸⁰ Noutros exemplos que constam do *corpus* analisado, o objetivo em causa está apenas implícito (cf. o exemplo (166), em que o objetivo implícito é passível de reconstrução, eventualmente através das expressões inseridas em parênteses retos), havendo igualmente situações, como a de (163), em que o tradutor optou por explicitá-lo.

⁸¹ A formulação desta frase melhoraria se o advérbio *só* estivesse imediatamente antes de *ter de*, como acontece no exemplo seguinte: *só tinha de olhar para a avó de vez em quando para dar a impressão de a escutar*.

⁸² A propósito da segunda ocorrência de *müssen* neste exemplo, e embora não se trate de um uso teleológico de *müssen*, faz-se notar que em alemão é possível a

Há pouco, quando a rainha apareceu à Porta, deixei aflorar em mim uma última, ínfima esperança de ainda a poder convencer a poupar a vida aos meus filhos. Mas depois só **tive que** a **olhar** nos olhos para saber: ela fazia o que tinha de fazer. (Cass, 54-55)

Nestes casos, uma tradução alternativa a *só ter (de)* poderia ser *bastar*, que transmite a mesma ideia de condição necessária e suficiente,⁸³ permitindo eventualmente evitar a repetição de *ter (de)*, já por si a tradução mais usual para *müssen*, sobretudo nos textos em que este modal ocorra com frequência.

Para além das traduções com *ter (de)*, o uso teleológico de *müssen* apresenta ainda a possibilidade de tradução por um outro verbo português de sentido modal, *precisar (de)*, como se pode observar no exemplo seguinte:

- (164) [...] eine verschmutzte dünne, gelbliche Broschüre: »Was der Autoschlosser bei der Gehilfenprüfung wissen muß.« (HOH337)
 [...] uma brochura fina, amarela, manchada: *O que o Mecânico de Automóveis **Precisa de Saber** no Exame.*

elipse do verbo principal, o mesmo não acontecendo em português, o que obriga o tradutor a explicitá-lo a partir do contexto.

⁸³ Um outro caso de ocorrência do advérbio *só* veiculando em português o valor de *müssen* está atestado não no *corpus* de tradução alemão-português, mas numa tradução alemã de um texto português:

«Segue-se que **só dando** ao canelo por muito largo **conseguia** viver.» (NCM, p. 121)

»Daraus folgt, daß man **sich** ganz gehörig **abstrampeln muß**, um zu leben.« (NEG, p. 95)

Neste exemplo, em que *dar ao canelo por muito largo*, dito por um mendigo, significa pedir esmola em muitas terras, mais ou menos afastadas, o advérbio *só* tem um uso diferente do que foi observado no caso anterior. Aqui, esse advérbio não corresponde a uma expressão alemã semelhante, mas ao próprio verbo modal *müssen* e não indica a restrição das necessidades a uma única condição suficiente, mas sim a restrição das possibilidades a uma única opção – é essa a opção necessária.

Neste caso, a finalidade está indicada no título da brochura, uma vez que o objetivo desta é ajudar os seus leitores a passarem no exame, transmitindo-lhes os conhecimentos necessários para esse efeito. Este exemplo aproxima-se de *müssen* normativo, uma vez que há uma norma geral que estabelece o que é necessário saber para passar no exame, e isso implica, portanto, cumprir a norma.

Encontram-se com frequência no *corpus* outros exemplos em que a necessidade expressa por *müssen* é veiculada em português através de adjetivos predicativos, correspondendo o sujeito destas frases ao comportamento ou situação requerida para atingir o objetivo. É o que sucede no exemplo seguinte com o adjetivo *necessário*:

- (165) Und ich **mußte** es doch genau wissen, wenn ich weiterschreiben wollte. (Emil, 8-9)
 E, no entanto, para continuar o meu livro, era-me absolutamente necessário [sic] uma certeza sobre este ponto [...].
 (Emílio, 6)

No exemplo anterior descreve-se uma necessidade individual em ordem à consecução de um objetivo também ele individual, o que leva à formulação *era-me absolutamente necessário*, como contraponto da formulação do texto original em que o sujeito é *ich*. No entanto, em muitos outros dos exemplos analisados, *müssen* teleológico está associado a objetivos gerais ou de um coletivo mais ou menos bem definido, tendo como sujeito o pronome *man* ((166, abaixo), ou o pronome *wir* com referência a um sujeito coletivo institucional ((167) e (168)), ou ainda o objeto da ação necessária para alcançar a finalidade em causa (169):

- (166) Freilich ließ sich die Stille mit dem Mittagsschlaf erklären, in den zu dieser Zeit Mensch und Tier verfällt, umschwärmt von Wespen und Fliegen, aber so weit **mußte** man gar nicht denken [um die Stille zu erklären], denn eher war es anzunehmen, daß man diese Wohnungen zu Hinterräumen der großen Büros degradiert hatte, wenig benützte Hinterräume wohl [...]. (LE 56)

É certo que o silêncio se explicava por ser altura da sesta a que se entregam a esta hora homens e bichos, rodeados por vespas e moscas, mas não era preciso levar o raciocínio tão longe [para explicar o silêncio] – era mais de supor que tivessem degradado estas habitações a quartos traseiros dos grandes escritórios, provavelmente quartos traseiros pouco usados [...].

- (167) Eine zweite Frage, die wir aufgeworfen haben, ist, daß wir unbedingt das System der Anerkennung von im Ausland geleisteten Studien stärken müssen. [...] Wir brauchen dies verstärkt, damit junge Menschen die Zeit im Ausland dann auch anschließend zu Hause angerechnet bekommen [...]. (PE)

A segunda questão que levantámos tem a ver com o facto de ser imprescindível o reforço do sistema de reconhecimento de diplomas obtidos no estrangeiro [...]. Precisamos que ele seja fortalecido, por forma a que o tempo que os jovens passam a estudar no estrangeiro seja também contabilizado [...]. (PE)

- (168) Das reicht nicht, wir brauchen 2 Mrd. Euro. Das müssen wir auch haben angesichts der Erweiterung des Programms auf alle die Länder, die hinzustoßen wollen. (PE)

Precisamos de 2 mil milhões de euros. Na perspectiva do alargamento do programa a todos os países que querem ser admitidos, é imperioso que tenhamos essa verba à nossa disposição. (PE)

- (169) Unsere Aufgabe ist es, für gleiche Rahmenbedingungen zu sorgen und Diskriminierungen zu vermeiden. Deswegen muß ein einheitliches Verfahren zur Anwendung kommen und müssen gleiche Fristen für alle gelten. (PE)

A nossa missão é assegurar um quadro jurídico idêntico e evitar discriminações. Por conseguinte, torna-se necessário implementar um procedimento uniforme, impondo os mesmos prazos para todos. (PE)

Em qualquer dos casos, não é dado relevo ao agente que irá concretizar essa ação, o que legitima desde logo a tradução por construções impessoais com adjetivos predicativos nas quais o sujeito é, não um agente, mas a ação necessária. É o que sucede nos exemplos anteriores com os adjetivos *preciso*, *imprescindível*, *necessário* e *imperioso*, em frases que têm como sujeito uma frase completiva infinitiva ((166) e (169)), um nome deverbal (167) ou uma frase completiva introduzida por *que* (168). Em todos os exemplos anteriores, o sentido modal é veiculado, na versão portuguesa, pelo adjetivo predicativo. Relativamente ao último exemplo, note-se ainda que há duas formas de *müssen* coordenadas por *und*, pelo que o tradutor optou por traduzir a coordenação através do uso do gerúndio. Trata-se de um recurso linguístico do português que pode e deve ser usado na tradução de determinadas estruturas coordenadas alemãs, havendo, no entanto, a ter em conta as diversas leituras que uma frase gerundiva pode ter e que dependem das relações possíveis entre as situações em causa. Na verdade, neste caso, a versão portuguesa com o gerúndio acaba por sugerir que a segunda frase coordenada constitui um meio para concretizar a situação indicada na primeira, afastando-se da simples coordenação indicada pelo texto alemão, pelo que teria sido melhor opção recorrer simplesmente à coordenação de duas formas infinitivas: *implementar... e impor...*

Para além das construções com adjetivos como as que acabámos de observar, outros recursos de tradução possíveis para construções impessoais ou de sujeito coletivo institucional com *müssen* teleológico são o verbo impessoal *haver (que)* (cf. ex. (170), abaixo) e ainda o verbo *importar* em contextos como o do exemplo (171), abaixo, em que tem como sujeito uma frase infinitiva:

(170) [...] wir **müssen** alles tun, um die Festung um den europäischen Wein möglichst aufzubauen. (PE)

Há que fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, para construir uma fortaleza em torno do vinho europeu. (PE)

(171) DIE HOHEN VERTRAGSPARTEIEN – IN DER ERWÄGUNG, dass zur Regelung des Übergangs von

[...] zu [...] Übergangsbestimmungen vorgesehen werden müssen – SIND über folgende Bestimmungen ÜBEREINGEKOMMEN [...]: (VL)

AS ALTAS PARTES CONTRATANTES, CONSIDERANDO que, a fim de organizar a transição entre [...] e [...] importa prever disposições transitórias, ACORDARAM nas disposições seguintes, [...]: (TL)

Note-se que tanto *haver (que)* como *importar* exprimem o valor modal correspondente ao de *müssen*. A construção passiva dependente de *müssen* no texto original alemão em (171) poderia, naturalmente, também ter sido traduzida por uma estrutura análoga em português, como acontece com a passiva dependente de *ter (de)* em (160), acima.

É também de tipo passivo a estrutura infinitiva presente numa outra alternativa de tradução que pode observar-se no seguinte exemplo:

- (172) Ist die Kommission jedoch der Auffassung, dass die Beteiligungsvoraussetzungen nicht erfüllt sind, so gibt sie an, welche Bestimmungen zur Erfüllung dieser Voraussetzungen erlassen werden müssen, [...]. (VL)
 Contudo, se considerar que não estão preenchidas as condições de participação, a Comissão indicará as disposições **a tomar** para satisfazer essas condições [...]. (TL)

Trata-se de uma frase infinitiva atributiva de nome⁸⁴ que equivale a uma frase relativa passiva como *as disposições que devem/têm de ser tomadas* e que, como a paráfrase demonstra, transmite o valor modal de necessidade expresso por *müssen*.

⁸⁴ Sobre a proposta de classificação destas estruturas como construções passivas infinitivas, veja-se Peres/Móia (1995: 214).

O *corpus* inclui ainda casos em que o sentido modal de *müssen* é veiculado por um nome, como sucede com *necessidade*, no exemplo seguinte:

- (173) wie wichtig die Aktion III GRUNDTVIG ist [...] für Erwachsene, die ihre Kenntnisse und Kompetenzen erweitern möchten und erweitern müssen. (PE)
a importância da Acção III GRUNDTVIG [...] no caso de adultos com vontade, e com necessidade, de alargar o seu leque de conhecimentos e de competências. (PE)

Este é também um exemplo de *müssen* teleológico em que a necessidade se encontra associada a um objetivo não explicitado, mas facilmente deduzido a partir do contexto.

3.5. *Müssen* em leitura circunstancial – a força das circunstâncias

Em muitas das ocorrências de *müssen*, a necessidade advém simplesmente da inexistência de alternativas, o que torna impossível evitar a situação referida. É o que acontece no exemplo seguinte, em que a criança só não evita as preleções quando isso se torna completamente impossível:

- (174) Das Kind entflo, wenn es eben ging, sobald die Großmutter rief, aber meistens erwischte sie ihn, schleppte ihn ab, und er mußte stundenlange Lektionen über sich ergehen lassen [...]. (HOH 805)
Se havia possibilidade de o fazer, o pequeno fugia logo que a avó o chamava, mas quase sempre ela topava-o, arrastava-o consigo, e ele tinha de lhe aturar preleções que duravam horas inteiras [...].

Também no exemplo (175) os protagonistas estão a ser incomodados pelo ruído provocado por outros frequentadores do estabe-

lecimento, uma circunstância de tal modo perturbadora que poderá não lhes deixar alternativa se não a de saírem para outro lugar:

- (175) Haderer lachte und sagte: »[...] das ist wirklich eine unglaubliche Störung, und mein verehrter Freund, der Oberst von Winkler, könnte seine Leute auch zu mehr Ruhe anhalten... Wenn das so weitergeht, **müssen** wir uns noch nach einem anderen Lokal umsehen.« (UMITM 344)

O Haderer riu e disse: «[...] é realmente um distúrbio incrível e o meu prezado amigo, o coronel von Winkler, bem podia mandar os seus homens fazer menos barulho. Se isto assim continua ainda **teremos de procurar** outro poiso».

Tal como acontecia com *müssen* teleológico, também neste uso circunstancial do modal a tradução mais frequente é a que observamos em (174) e (175), *ter (de)*.

Estão ainda atestados no *corpus* casos em que a tradução portuguesa contém o verbo impessoal *haver* seguido de uma frase completa, como tradução de uma construção passiva:

- (176) Es war ein Risiko, am Morgen wach zu werden. Hatte Albert ein sauberes Hemd und einen Schlipps an, wenn er ihn weckte, dann war alles gut: dann gab es ein richtiges Frühstück [...]. War aber Albert noch ungekämmt, im Schlafanzug, mit Falten im Gesicht, dann **mußte** schnell der heiße Kaffee hineingeschlürft werden, und [...]. (Haus, 243)

Era sempre um risco acordar de manhã. Se Albert tinha camisa limpa e gravata posta quando ele despertava, não havia novidade: podia contar com um bom pequeno almoço [...]. Mas se ele estava despenteado, de pijama, com o rosto enrugado, então **havia que engolir** o café quente à pressa e [...]. (Casa, 13)

Com a omissão do agente, a forma portuguesa corresponde perfeitamente à estrutura passiva do texto original.

O oposto pode também ocorrer, ou seja, uma frase ativa com *müssen* pode ser traduzida com recurso a construções passivas como *ser forçado a* e *ser obrigado a*, em que os verbos *obligar* e *forçar* exprimem a noção de necessidade, e a estrutura passiva, ao colocar em evidência como sujeito sintático não a causa, mas aquele que é semanticamente o paciente, acentua a inevitabilidade da situação, da perspectiva deste, resultando em frases muito semelhantes às que contêm o verbo *müssen*:

(177) Ihr Licht fiel auf sein Gesicht, so daß er die Augen wieder schließen mußte; [...]. (G 2,1)

A claridade acertou-lhe no rosto e **foi forçado a fechar** os olhos novamente; [...].

(178) Ich sagte, ich sei in der Schule gewesen und man hätte meine älteren Brüder als Deserteure erschossen, ich sagte auch, daß ich zuletzt noch hatte mitmachen müssen, wie alle aus meiner Klasse. (UMITM257)

Eu disse que andava no liceu e que os meus irmãos mais velhos tinham sido fuzilados como desertores, disse ainda que por último **fora obrigado a colaborar** como todos os da minha turma.

O mesmo sucede no exemplo seguinte com *ver-se forçado a*, que, como defende Lehmann *et al.* (2010), é uma construção passiva com características semelhantes às dos exemplos anteriores:

(179) Aber mehr und mehr mußte ich sehen, daß er in der Tat unsre kleine bürgerliche Welt aus seinem luftleeren Raume, aus seiner Fremdheit und Steppenwölfigkeit heraus geradezu bewunderte und liebte [...]. (SW 176)

Mas cada vez mais **me vi forçado a admitir** que no fundo daquele vazio isolamento, por trás de todo o seu perfil de lobo das estepes, afinal admirava e amava sinceramente o pequeno mundo burguês [...].

A tradução do exemplo (180), abaixo, *ser levado (a)*, é estruturalmente muito semelhante a (177) e (178), acima.

(180) [...] [sie] kehrte mit einem grauen Tuche zurück, mit dem sie niederkniete und die Flecken aufwischte. Wieder **mußte** er an Matrosen beim Deckwaschen denken, [...].
(LE 131,2)

[...] [ela] voltou com um pano cinzento com que se ajoelhou e limpou as manchas. Mais uma vez **foi levado a pensar** em marinheiros a lavar o convés [...].

No entanto, neste caso não seria possível usar outros verbos, como *ser forçado (a)* e *ser obrigado (a)*, ou mesmo *ter (de)*. Esta impossibilidade deve-se ao facto de, neste contexto, o verbo principal *pensar* denotar uma situação de pensamento associativo que não é passível de controlo por parte de quem pensa.⁸⁵ Uma situação com estas características revela-se perfeitamente compatível com *müssen*, mas não com verbos portugueses usados noutros contextos para o traduzir na sua leitura circunstancial, como *forçar*, *obrigar* ou *ter (de)*.⁸⁶ Esta incompatibilidade obriga os tradutores a optarem por outros recursos, que, apesar de alterarem um pouco a expressão do valor modal de necessidade,

⁸⁵ O verbo *pensar* pode ser usado no sentido de *refletir*, implicando a possibilidade de controlo da situação por parte do sujeito, mas, no caso em análise, trata-se de ideias que ocorrem a esse sujeito, sem que ele tenha domínio sobre o processo.

⁸⁶ Relativamente ao verbo *ter (de)*, em Oliveira/Mendes (2013: 648) afirma-se igualmente que uma «leitura deontica [...] pode não estar disponível com predicados que denotam situações não controláveis», dando como exemplo dessa incompatibilidade a frase não aceitável «Tu tens de ser alto», que só se torna aceitável com uma frase subordinada final («Tu tens de ser alto para jogar basquetebol»), numa leitura que as autoras não comentam, mas que, no contexto do presente trabalho, podemos classificar como teleológica. Note-se, no entanto, que *ser alto* é um predicado estativo, característica de um indivíduo, completamente diferente dos exemplos de situações não controláveis pelo sujeito que mencionamos neste texto (*denken/pensar*, em (180) e, mais adiante, *gedenken/vir à ideia* (181), *lachen/vir* (191), *niesen/espirrar* (194), entre outros) não são predicados de estado, mas de evento.

não deixam de ser traduções adequadas ao contexto, como sucede com a expressão *vir à ideia*, no exemplo seguinte:⁸⁷

- (181) Dieses Wortes **mußte** ich beim Lesen der Aufzeichnungen oft gedenken. (SW 246)
Quando lia o manuscrito, estas palavras **vinham-me** muitas vezes à ideia.

Um outro recurso para a tradução de *müssen* em interpretação circunstancial são expressões fixas que negam a possibilidade de omissão da ação referida, como *não poder deixar de* e *não poder passar sem*, nos exemplos seguintes:

- (182) »Und wie heißen Sie?« fragte er den Dieb. »Herbert Kießling«, sagte der Kerl. Da **mußten** die Jungen – Emil, Gustav und der Professor – laut lachen. [...] »Mensch, so eine Rübe!« rief Gustav. »Erst hieß er Grundeis. Dann hieß er Müller. Jetzt heißt er Kießling! Nun bin ich ja bloß gespannt, wie er in Wirklichkeit heißt!« (Emil, 106)
– E o senhor, como se chama? perguntou ele ao ladrão.
– Herbert Kiesling, respondeu o figurão.
Os garotos – Emílio, Gustavo e o Professor – **não puderam deixar de rir**. [...] – Santo Deus! Que tipo! exclamou Gustavo. Chamava-se primeiro Grundeis; depois Müller. Agora é Kiesling. Gostava de saber como será que ele se chama na verdade! (Emílio, 175-176)
- (183) [...] doch erst nach einer kritischen Bemerkung – »**Mußte** sie unbedingt auf dem Friedhof rauchen!« – gesteht er ein [...]. (UR264)
[...] mas só depois de uma observação crítica – «Seria que ela **não podia passar sem fumar** no cemitério?» – confessa: [...].

⁸⁷ Outras traduções com estas características encontram-se nos exemplos (191) a (195).

A combinação do verbo modal *poder*, negado, com um verbo ou preposição de sentido negativo como *deixar* (*de*) e (*passar*) *sem* pode, tal como *müssen*, exprimir a inevitabilidade da situação; o mesmo se aplica à expressão fixa com duas negações *não ter outro remédio senão*, no exemplo seguinte:

- (184) Wenige Minuten später kam das Kriminalauto. Und Herr Grundeis-Müller-Kießling **mußte einsteigen**. (Emil, 108)
O carro da polícia chegou minutos depois. E o Sr. Grundeis-Müller-Kießling **não teve outro remédio senão entrar lá para dentro**. (Emílio, 178)

A tradução do exemplo seguinte não contém expressões fixas, mas segue o mesmo modelo com dois elementos de negação e obtém um efeito semelhante recorrendo, com grande criatividade e eficácia, a uma combinação de outros meios linguísticos, nomeadamente ao quantificador universal *nenhuma* (*mão*) e ao verbo de sentido negativo *resistir*:

- (185) Du mit deinem schmalen Kopf, dem weißen Gesichtsoval, dem wie mit dem Messer scharf geschnittenen Haaransatz. Mit dieser Haarflut, in die jeder Mann **hineingreifen mußte**. (Kass, 28)
Tu, com a tua cabeça esguia, o oval branco do rosto, a linha da raiz dos cabelos como que cortada à faca. Com essa cabeleira diluviana a que **nenhuma mão de homem resistia**. (Cass, 35)

Em todos os exemplos analisados até este ponto, o valor modal de *müssen* é transmitido na versão portuguesa por verbos de sentido modal ou por expressões contendo verbos, mas existe também no âmbito desta leitura circunstancial de *müssen* a possibilidade de o valor modal ser veiculado por outras classes de palavras, por exemplo o advérbio *forçosamente*, como pode observar-se em (186):

- (186) Wenn wir diese Änderungsanträge annehmen würden, dann würde es bei der Mindestbesteuerung bei Rolltabak

[...] plötzlich zu Preiserhöhungen von 30% **kommen müssen**, weil wir dann die Steuern drastisch erhöhen würden. (PE)

Caso aceitássemos estas alterações, chegaríamos **forçosamente** a aumentos na tributação mínima e no preço do tabaco de enrolar [...] na ordem dos 30%, uma vez que depois teríamos que aumentar drasticamente os impostos. (PE)

Em determinados contextos, como o do exemplo seguinte, é também possível encontrarmos como tradução de *müssen* formas de Imperativo do verbo principal:

- (187) »Da hilft nur eins«, meinte Emil. »Wir **müssen** unsern Plan **ändern**. [...]« (Emil, 95)
 – Há só uma coisa que se pode fazer, sugeriu Emílio.
Mudemos de planos. [...]. (Emílio, 157)

De um modo geral, o Imperativo pode ter um sentido de necessidade, mas neste caso, conjugado na primeira pessoa, poderia indicar apenas vontade, não fora a ausência de alternativas claramente expressa na frase anterior: *da hilft nur eins/há só uma coisa que se pode fazer*. Inserida neste contexto, a tradução por Imperativo é perfeitamente adequada, tal como o recurso à expressão fixa *toca a marchar*⁸⁸ no exemplo seguinte, em que as circunstâncias causadoras da necessidade de todos se apressarem estão também claramente indicadas:

- (188) »Hoppla«, rief die Mutter, »wir **müssen zum Bahnhof**. Es ist schon Viertel nach eins. Und der Zug geht kurz vor zwei Uhr.« (Emil. 31)
 – Olá, disse a mãe, **toca a marchar**, para a estação. Já é uma hora e um quarto, e o comboio parte antes das duas. (Emílio 47)

⁸⁸ Esta criatividade na tradução resulta, possivelmente, de se procurar reproduzir com autenticidade a linguagem oral de um grupo de crianças.

Note-se que, neste e noutros exemplos deste tipo, em que existe uma expressão adverbial de direção normalmente associada a um verbo de movimento, mas esse verbo está ausente da frase, *müssen* acaba por funcionar como verbo principal da frase alemã. Todavia, este tipo de estrutura não existe em português, pelo que o tradutor é obrigado a reconstituir a partir do contexto o equivalente português do verbo de movimento, ou uma expressão que possa substituí-lo, como acontece no exemplo referido.

O exemplo seguinte ilustra um outro sentido específico do verbo *müssen*, associado à partícula modal *mal*, e referente a necessidades fisiológicas, que exige ao tradutor a busca de um equivalente português adequado ao contexto em causa:

- (189) Nach einer halben Stunde etwa geht auch richtig die Tür von 61 auf. Und wer kommt rausgedusselt? Unser Herr Dieb! Er **mußte mal** – na ja, ihr wisst schon. (Emil, 91)
 No fim de meia hora, a porta do 61 abriu-se e quem há-de de lá sair muito sossegado da sua vida? O senhor ladrão!
Ia... enfim, onde vocês podem imaginar. (Emílio, 151)

Neste caso, o tradutor optou por recorrer ao verbo *ir* e sugerir apenas o local de destino, uma solução apropriada num contexto narrativo em que o protagonista, enquanto vigia o ladrão, o vê sair do quarto de hotel para se deslocar à casa de banho.

Seja nos usos específicos que acabámos de observar, ou não, verifica-se que, em contextos que tornam clara a inexistência de alternativas à situação referida, *müssen* pode ter como correspondentes portugueses aceitáveis expressões que não veiculam claramente ou não exprimem sequer o significado modal de necessidade. É o que sucede no exemplo seguinte, em que a ausência de registos claros e detalhados no diário da personagem em que o narrador se baseia para contar a sua história não deixa a este outra possibilidade se não a de imaginar os pormenores do cenário e da ação:

- (190) Sein Tagebuch bestätigt Allerseelen [...] Sein Bemühen, die [...] Person leibhaftig zu machen, bleibt vage wie

sein Versuch, in mehreren Anläufen ihr Kopftuch zu bestimmen: »Kein eigentliches Umbra, mehr Erdbraun als Torfschwarz...« [...] Den Rest **muß** ich mir einbilden. (UR15)

O diário dele confirma o dia de Finados [...].O seu empenho em dar uma certa vivacidade à figura [...] permanece tão indefinido como a tentativa repetida de descrever o lenço de cabeça que ela usava: «Não era bem um castanho ferruginoso, era mais cor de terra que negro como a turfa...» [...] O resto **fica entregue à minha imaginação**.

Em certos casos de tradução de *müssen* por expressões que não veiculam o significado modal de necessidade, esse facto fica a dever-se à especificidade das situações em causa. Por exemplo, os verbos *rir/lachen* denotam uma ação que não é facilmente controlável pelo sujeito, o que não parece impedir a associação de *lachen* com o modal *müssen*, mas dificulta a tarefa do tradutor, uma vez que os correspondentes mais diretos de *müssen* em português, como *ter de* ou *ser obrigado/forçado a*, se mostram incompatíveis com situações que não são passíveis de controlo por parte do sujeito, como já foi referido acima a propósito dos exemplos (180) e (181). Esta incompatibilidade faz com que os tradutores lancem mão de outros recursos existentes no português, como as perífrases verbais que sinalizam o início de uma situação *pôr-se a* ou *desatar a*, nos exemplos seguintes:⁸⁹

(191) Aber niemand konnte merken, daß die zweite Autodroschke besetzt war. Sie schien leer. Die Jungen duckten sich geradezu vorbildlich. Der Chauffeur drehte sich um, sah die Bescherung und **mußte lachen**. (Emil, 78)

⁸⁹ Alternativas para a tradução de *lachen müssen* com expressão do valor modal são *não poder deixar de rir*, já observada no exemplo (182), acima, ou outras expressões em que se recorre à mesma estratégia da combinação de dois elementos negativos, como *não poder evitar* ou *não conseguir conter o riso*.

Mas ninguém poderia dizer que o segundo táxi estava ocupado. Parecia vazio: os garotos estavam muito quietos no chão. O chauffeur voltou-se, entendeu o que se passava, e **pôs-se a rir**. (Emílio, 128)

- (192) »Ordnung!« rief der Professor, »keilt euch morgen! Was sind das für Zustände? Ihr benehmt euch ja wahrhaftig wie ... wie die Kinder!« »Wir sind doch auch welche«, sagte der kleine Dienstag. Und da **mußten** alle **lachen**. (Emil, 72)
 – Silêncio! gritou o professor. Se quiserem esmurrem-se amanhã. Que quer isto dizer? Em verdade, vocês estão-se portando como... crianças!
 – Mas somos crianças, disse o pequeno Terça-feira.
 E todos **desataram a rir**. (Emílio, 118)

Neste tipo de contexto narrativo em que a situação inevitável decorre no passado, estas perífrases verbais adequam-se à tradução de (*lachen*) *müssen*, pois, apesar de não transmitirem o sentido modal de necessidade, destacam o início da situação tornada inevitável por causas expressas no contexto e, sobretudo no caso de *desatar a*, indiciam um início abrupto, apresentando o riso como reação instintiva suscitada por um estímulo exterior ou pela sua recordação. O exemplo seguinte não admite o uso das mesmas perífrases, por se tratar de *müssen* na primeira pessoa em discurso direto, pelo que a tradutora recorre ao verbo *deixar*, uma tradução adequada num contexto em que, tal como nas anteriores, as causas do riso estão patentes:

- (193) Sie behaupten doch wohl nicht, daß Gänse braten und Bücher schreiben dasselbe ist? Sie nehmen's mir, bitte, nicht allzu übel, lieber Herr Nietenführ, da **muß** ich rasch mal **lachen**. (Emil, 10)
 Você não tem decerto a pretensão de me convencer que escrever um livro e assar um ganso são uma e a mesma coisa? Tenha paciência, meu caro Nietenführ, e **deixe-me rir**. (Emílio, 8)

A incompatibilidade com os equivalentes mais diretos e frequentes de *müssen* em português não se limita à tradução de frases com o verbo *lachen*, mas estende-se também a outras reações dificilmente controláveis pelo sujeito, como *espirrar* ou *chorar*.⁹⁰ No exemplo seguinte, com *niesen* como verbo principal, não há qualquer tradução de *müssen*, estando presente na frase portuguesa apenas o verbo principal, *espirrar*, o que corresponde ao uso normal do verbo neste contexto e constitui, por isso, uma boa solução de tradução:

- (194) »Woher soll ich das wissen?«, sagte Frau Wirth und **mußte niesen**. Ihr war Seifenschaum in die Nase gekommen. (Emil, 27)
 – Como queres tu que eu saiba? disse a Sr.^a Wirth; e **espirrou**; a espuma do sabão entrara-lhe pelo nariz dentro. (Emílio, 38-39)

Para além de reações instintivas como *rir*, *chorar* ou *espirrar*, existem ainda outros casos em que a não tradução do verbo modal

⁹⁰ Este tipo de reação instintiva a um estímulo parece ser naturalmente expressa através do verbo modal alemão *müssen*, como sugere a presença de *Sie muss weinen* (associado à imagem de alguém a cortar cebolas) entre exemplos de frases destinadas a apresentar o significado deste verbo modal num manual de aprendizagem de Alemão para estrangeiros (Aufderstraße *et al.*, 2003: 39). No entanto, pelo menos em português, esse uso de *müssen* não encontra correspondência em nenhuma expressão especificamente modal. Embora a associação de *weinen* e *müssen* não ocorra no *corpus* de tradução analisado, pode observar-se, num texto publicado em linha em diversas línguas a partir de um original italiano, que só a versão alemã recorre a um verbo modal, enquanto outras línguas apresentam perífrases verbais: em português *comecei a chorar*; em italiano *mi misi a piangere*, em francês *je me suis mise à pleurer* e em inglês *I began to cry*. Apresentam-se em seguida apenas as versões alemã e portuguesa:

Ich **musste** weinen, weil mich das Sonnenlicht aus einem schönen Traum gerissen hatte. (30giorniDE)

E me lembro de que **comecei a chorar**, porque a luz do sol tinha me [sic] acordado de um belo sonho. (30giorniPT)

müssen em leitura circunstancial é justificada, nomeadamente aqueles em que a situação em causa é só por si e independentemente das circunstâncias algo de negativo mas inevitável, que o sujeito só não controla e impede porque essa não é uma possibilidade que esteja de todo ao seu alcance. É o que sucede com as dores da personagem em (195):

- (195) Er war nicht traurig, nur spürte er ein dunkles hartes Mitleid mit Leen wegen der Schmerzen, die sie hatte ertragen müssen: schreiend im Operationssaal verschwunden – und so ruhig in dieser Kapelle liegend. (HOH1044)
 Não estava triste; sentia apenas uma compaixão sombria e dura por Leen, pelas dores que ela tinha sofrido, desaparecendo aos gritos na sala de operações – e agora tão serena nesta capela.

A versão portuguesa não apresenta uma expressão que veicule o sentido de *müssen*, nem ela se torna necessária, dado que, normalmente, não se tem dores se elas puderem ser evitadas. Uma tradução que explicitasse a necessidade, como *tinha tido de suportar*, tornar-se-ia tautológica e alternativas como *ter de sofrer* ou *ser obrigada a ter dores* seriam mesmo inaceitáveis. É este mesmo efeito de tautologia ou de pouca aceitabilidade que se observa no exemplo seguinte, em que duas traduções diferentes de uma ocorrência de *müssen* deste tipo recorrem a expressões portuguesas com sentido modal:

- (196) Das hieß, daß der Irrfahrer und Dulder in ihm schwieg und der Titan zu Wort kam, daß er sich nicht mehr klein machen und der Schläge rühmen mußte, die er hatte hinnehmen müssen, sondern derer sich rühmen konnte, die er ausgeteilt hatte. (UMI34)
 Isto significava que o herói errante e o mártir que havia nele se calavam e o titã vinha à fala, que ele já não precisava de se diminuir e de se gabar das pancadas que tinha tido que apanhar, antes se podia gabar das que tinha dado. (TM)

Isto queria dizer que herói errante e mártir tinham sido nele reduzidos ao silêncio para dar lugar ao Titã, que já não tinha de se fazer pequeno e vangloriar-se daquela pancada que **se tinha visto obrigado a levar**, mas que podia vangloriar-se da pancada que tinha distribuído. (TS)

O *corpus* analisado indica ainda a existência de outros contextos em que a tradução zero do verbo modal *müssen* em leitura circunstancial é aceitável, nomeadamente em texto literário, por razões estilísticas que se prendem com o ritmo da frase, como se pode observar no exemplo seguinte:

- (197) [...] möglichst drückte er sich daran vorbei [...], aber die Flucht war nur ein Hinausschieben, denn die Großmutter erwischte ihn [...] schleppte ihn [...] mit [...], es lag ihr daran, ihn an gewaltiges Essen zu gewöhnen. Gänseknochen **mußten** vor seinen Augen **gekackt** und **ausgesogen**, Fleisch **mußte** gegessen, blutige Steaks **mußten** vor seinen Augen **zerschnitten werden**, und er haßte sie alle. (HOH 1163)
- [...] sempre que possível, procurava escapular-se [...] mas a fuga era apenas um adiamento, pois a avó acabava por apanhá-lo [...] arrastava-o consigo [...], empenhada como estava em o habituar a ser um bom garfo. Diante dos olhos do rapaz **partiam-se** e **chupavam-se** ossos de ganso, **comiam-se** carne, **retalhavam-se** bifés em sangue – e tudo isto ele detestava.

Na sua visita ao restaurante, a personagem é forçada a testemunhar todos aqueles atos que lhe causam repugnância, e a repetição de *müssen* faz parte dos meios linguísticos usados para expressar o cansaço, a exaustão e o mal-estar que tudo aquilo lhe provoca. Esse ritmo repetitivo é mais facilmente conseguido em português com a omissão de expressões modais que alongariam a frase e não representariam, na verdade, um ganho de significado, dado que as circunstâncias que tornam a situação inevitável,

designadamente a insistência da avó em incluir as visitas ao restaurante na educação do neto, estão bem patentes no texto.

Mas nem sempre os exemplos de não tradução de *müssen* circunstancial que encontramos no *corpus* nos parecem justificados, nomeadamente quando o contexto não torna claras as circunstâncias que levam à inevitabilidade da situação. É o que sucede na primeira tradução do exemplo seguinte, em que não é claro o que leva Emil a descer da bicicleta:

- (198) Emil radelte durch die Schumannstraße. Und Hütchen rannte hinter ihm her, hielt den Sattel fest und behauptete, das sei nötig, sonst fliege der Vetter hin. Dann mußte er absteigen, und sie fuhr ihm Kreise und Dreien und Achten vor. (Emil, 119)

[TA] Emílio pedalava na Rua Schumann. Pony corria atrás dele e segurava a sela; pretendia que era indispensável para impedir o primo de cair. Depois, quando ele se apeou, montou ela na bicicleta e ensinou a Emílio como se faziam círculos, voltas da forma de um três e de um oito. (Emílio, 196)

[TJ] Emílio pedalava pela Rua Schumann e Pony Hütchen corria atrás dele, segurava o selim com força e insistia que se não fizesse isso, o primo caía dali. Depois quando ele teve de desmontar e ela mostrou-lhe como se faziam círculos e três e oitos. (Emílio2, 124)

Uma tradução como *teve de desmontar*, preferida pela segunda tradutora, indica a necessidade, sendo suficientemente aberta para não excluir nenhuma das causas plausíveis no contexto, nomeadamente alguma dificuldade ou cansaço de Emil ou um pedido da personagem feminina.

No próximo exemplo, o tradutor talvez tenha omitido o verbo modal na versão portuguesa devido ao facto de o verbo principal ser *hören* e de a perceção auditiva ser algo que o sujeito não pode controlar, o que cria incompatibilidades com expressões portuguesas de sentido modal, como foi referido acima.

- (199) [...] sie riefen »Entzückend« –, und er mußte, mußte mit ihnen gehen, Schokolade in Empfang nehmen, aufdrehbare Autos, und als er sich endlich wieder wegschleichen durfte, **mußte** er anhören, was sie sich zuflüsterten: »Ein phantastisches Kind.« (HOH 138)
 [...] exclamaram: «Que encanto!» – e ele teve, sim, teve de ir com eles, de aceitar chocolates, automóveis de corda, e quando, por fim, logrou escapular-se, ouveu ainda o que eles segredavam entre si: «Uma criança fantástica!»

No entanto, uma vez que os outros elementos contextuais não tornam clara a inevitabilidade da situação, teria sido possível recorrer a expressões alternativas compatíveis com situações não controláveis (cf. um exemplo análogo na nota 89, acima), por exemplo *não pôde deixar de ouvir*, ou *não teve como não ouvir*.

3.6. *Müssen* em expressões fixas ou semifixas

A análise do *corpus* revelou um conjunto de ocorrências de *müssen* com verbos do dizer, nomeadamente (*sich*) (*ein*)*gestehen*, *zugeben* e *sagen*, configurando expressões fixas ou semifixas, como se pode observar nos exemplos seguintes, aos quais parece ser comum o facto de, com as expressões em causa, serem introduzidas no discurso declarações inesperadas ou contrastantes com outras feitas no mesmo contexto. A oposição às expectativas é óbvia no exemplo (200), em que o locutor refere precisamente a sua surpresa perante o que observou:

- (200) Als es bei Haderer anlangte, beobachtete ich ihn genau und **mußte** mir eingestehen, daß ich überrascht war. (UMI66)
 (TM) Quando chegou ao Haderer, observei-o com atenção e **tive de confessar** a mim mesmo que fiquei surpreendido.
 (TS) Quando chegou às mãos de Haderer, observei-o atentamente, e **devo confessar** que fiquei surpreendido.

No exemplo seguinte, é também surpreendente para o próprio narrador que um saco de compras em rede, objeto pertencente a uma personagem feminina, condiga com uma personagem masculina:

- (201) Ich lasse den Witwer das Erbstück tragen und **muß** **zugeben**, daß ihm, wie er leicht vornübergebeugt neben der stöckelnden Witwe schlurft, außer der Baskenmütze das Einkaufsnetz wie angepaßt ist, als habe nicht sie, als hätte er geerbt [...]. (UR159)

Deixo o viúvo transportar a peça herdada e **devo confessar** que, no seu passo arrastado, levemente curvado para a frente, ao lado da viúva saltitante, a rede lhe fica tão bem como se ele e não ela a tivesse herdado [...].

O exemplo (202) é o relato de um diálogo em que uma das personagens exprime a sua revolta relativamente ao estado de degradação das lápides de um cemitério alemão na Polónia, ao que a outra, apesar de ser alemã, irá reagir com moderação, dando alguma razão à personagem indignada, mas aduzindo igualmente argumentos que relativizam essa perspetiva, o que configura um contraste no seu discurso:

- (202) »[...] Schande für Polen ist das! [...]« Wenn ich Reschkes Notizen folge, versuchte er, die laut gewordene Witwe zu beruhigen [...] Auch ihn, das **müsse** er **zugeben**, stimme der Anblick solch vergessener Grabsteine wehmütig. [...] »[...] Glauben Sie mir, Frau Piatkowska, ich begreife Ihre Empörung. Mir allerdings war nur Trauer möglich, die sich durch mittlerweile geschichtlich gewordene Tatsachen relativiert hat. [...]« (UR237)

«[...] Vergonha para Polónia é isto! [...]» Se bem entendo os apontamentos de Reschke, ele tentou acalmar a viúva que começara a falar demasiado alto [...] Também ele, **tinha de o confessar**, se enchia de melancolia ao ver lápides assim abandonadas. [...] «[...] Pode crer, senhora Piatkowska, que compreendo a sua indignação. No entanto, mais não

me foi possível que sentir uma enorme tristeza que acabou por se tornar relativa por força dos factos históricos. [...]»

Nos exemplos (203) e (204), o elemento inesperado provém de comportamentos menos éticos revelados pelo locutor: no primeiro, o ato de espiar outra pessoa e, no segundo, a admissão de que foi influenciado no juízo de valor sobre um texto pela informação de qual era o seu autor:

- (203) Dagegen habe ich allerdings, dies **muß** ich gestehen, schon von allem Anfang an den Mann ein wenig beobachtet, auch zuweilen während seiner Abwesenheit sein Zimmer betreten [...]. (SW 63)

Em contrapartida, **devo** confessá-lo, desde a primeira hora andei um pouco de olho nele, e inclusive cheguei a entrar-lhe uma vez ou outra no quarto em sua ausência [...].

- (204) Was nun die Aufzeichnungen Hallers betrifft, diese wunderlichen, zum Teil krankhaften, zum Teil schönen und gedankenvollen Phantasien, so **muß** ich sagen, daß ich diese Blätter, wären sie mir zufällig in die Hand gefallen und ihr Urheber mir nicht bekannt gewesen, gewiß entrüestet weggeworfen hätte. (SW 230)

Passando então aos escritos de Haller, essas singulares fantasias, em parte doentias, em parte belas e ricas de pensamentos, **tenho de confessar** que, se essas folhas me tivessem vindo parar à mão por acaso, e eu não soubesse quem era o autor, de certeza que as teria deitado fora, indignado.

Quanto ao exemplo (205), trata-se de argumentar contrariando acusações que antecederam esta intervenção e que são referidas num passo anterior da mesma:

- (205) [...] in einer Pressemitteilung meiner Kollegin Lulling, wo mir Besessenheit und Verzögerungen im Umweltausschuß

unterstellt werden [...] Ich **muß** sagen, das ist keine Besessenheit, Frau Lulling, sondern es zeugt von Unkenntnis, wenn in Ihrer Pressemitteilung steht: [...]. (PE)

[...] como sucedeu durante uma comunicação à imprensa da minha colega, senhora deputada Åstrid Lulling, em que me foi imputado um comportamento obsessivo e dilatatório no seio da Comissão do Meio Ambiente [...] Colega Astrid Lulling, **devo dizer** que não se trata aqui de uma obsessão, mas de mostrar o desconhecimento presente na comunicação à imprensa da Senhora Deputada, quando é dito: [...]. (PE)

Por último, no exemplo (206), as poucas informações de que o locutor dispõe sobre a pessoa de quem fala levariam a supor que não tinha formado opinião sobre ela, algo que se constata não ser verdade, contrariando expectativas razoáveis:

(206) Es ist nur wenig, was ich über ihn weiß, und namentlich ist seine ganze Vergangenheit und Herkunft mir unbekannt geblieben. Doch habe ich von seiner Persönlichkeit einen starken und, wie ich trotz allem sagen **muß**, sympathischen Eindruck behalten. (SW 5)

É bem pouca coisa aquilo que sei dele, como aliás de todo o seu passado e do seu futuro, que para mim ainda são uma incógnita. No entanto, a sua personalidade deixou em mim uma impressão forte e, valha a verdade, apesar de tudo simpática.

Quanto às versões portuguesas, em quatro dos oito exemplos desta secção, *müssen* é traduzido por *dever* (combinado com *confessar* ((200TS), (201) e (203)) ou *dizer* (205)), sempre na 1.^a pessoa do singular e no Presente do Indicativo, enquanto em outros três exemplos é usado o verbo *ter* (*de confessar*), que surge no Presente (204), no Pretérito Perfeito (200TM) e no Pretérito Imperfeito (202), quer na 1.^a quer na 3.^a pessoa. Este padrão sugere

que *devo dizer* e *devo confessar* são expressões fixas, sem variação de pessoa e número (cf. Campos 1998: 181) enquanto *ter de* consente essa variação e, por isso, é usado nos casos em que a versão original requer tempos e pessoas diferentes. É o que acontece no exemplo (200), em que o reconhecimento da surpresa é relatado no texto original como tendo ocorrido no passado, o que não pode ser expresso pela expressão fixa com Presente *devo confessar* (200TS), sendo, no caso, mais adequado o recurso ao verbo *ter (de)* (200TM).

No que diz respeito aos verbos principais usados no português, *confessar* corresponde a (*ein*)*gestehen* ou a *zugeben*, exprimindo, como os verbos alemães, o reconhecimento de uma atitude incorreta ou inesperada⁹¹ ou de uma posição ambivalente e a sua verbalização (eventualmente apenas interior), e *dizer* corresponde a *sagen* (e a uma verbalização de uma posição contrastante),⁹² exceto no exemplo (204), em que *sagen* é traduzido por *confessar*, o que, no entanto, nos parece uma opção adequada, por se tratar de um comportamento questionável.

Bastante diferente é a tradução de *müssen (sagen)* no exemplo (206), em que se recorre a uma outra expressão fixa, *valha a verdade*. Esta expressão desempenha um papel semelhante ao de *dever/ter (de) confessar/dizer* nos exemplos anteriores, na medida em que introduz uma declaração contendo informação verdadeira, mas que contraria expectativas.

⁹¹ Relativamente à expressão *devo confessar/admitir que...*, veja-se Campos (1998: 182): «o enunciador-locutor impõe a si próprio a realização de algo que lhe é desagradável – confessa uma falta, admite o que antes recusara. Ao fazê-lo, está a contrariar, em princípio, o sentido da sua argumentação anterior.»

⁹² A propósito de *devo informar/avisar/lembrar que...*, veja-se Campos (1998: 183): «a informação, aviso, lembrança, etc., são introduzidos como uma ruptura na sequência discursiva, e podem ser, ou não, desagradáveis para o coenunciador. Em qualquer dos casos, o enunciador-locutor só informa (avisa, lembra, etc.) porque a isso o obrigam as suas funções, ou a importância do que tem a transmitir, ou qualquer outra fonte deóntica».

Notas finais

A análise das ocorrências de *sollen* e *müssen* num *corpus* de tradução, que visava estudar a diversidade de leituras desses verbos em diferentes contextos, em paralelo com os recursos usados para exprimir esses valores em português, demonstrou que as diferentes interpretações de *sollen* e *müssen* se refletem claramente no uso de recursos de tradução distintos. Essa distribuição diferenciada está patente na tabela-resumo apresentada em anexo, após estas notas finais, e as observações que se seguem retomam apenas alguns aspetos mais salientes da análise efetuada.

No que respeita ao verbo *dever*, que é indicado em muitos dicionários bilingues como tradução de *sollen* e também como uma das traduções possíveis para *müssen*, o estudo revela que ele surge, de facto, como correspondente português para ambos os verbos, mas mostra também que a sua utilização se restringe a algumas interpretações e contextos específicos. Assim, no que diz respeito a *sollen*, encontramos *dever* como tradução muito frequente deste verbo na sua leitura normativa (cf. por exemplo, (52), (53), (54), (55), (61) acima), sendo ainda possível verificar a sua presença esporádica como tradução de *sollte* em alguns outros contextos, nomeadamente perguntas indiretas (cf. (71)), – igualmente incluídas na leitura normativa de *sollen* –, mas também na expressão de desejos dificilmente realizáveis (cf. nota 49), – estes enquadrados numa leitura volitiva – e ainda na indicação de uma situação planeada para o futuro (cf. (106)). Quanto ao verbo *müssen*, encontramos *dever* na sua tradução em interpretação epistémica, quando a situação é interpretada pelo falante como provável (cf., por ex. (114), (115) e (116)), mas também na sua interpretação normativa, nomeadamente quando se trata de normas institucionais e textos regulamentares (cf., por ex. (130), (131)) e ainda em outros contextos, com formas de Konjuntiv II simples e composto (cf., por ex. (148TM) e (149)), bem como na expressão fixa *devo dizer* (cf. (205)). Noutros contextos, *dever* não é, muitas vezes, o equiva-

lente adequado de *sollen* ou *müssen*, ao contrário do que sugerem as indicações fornecidas por dicionários bilingues, que, como o nosso estudo indica, poderiam e deveriam ser mais específicas.

Outra das conclusões que podemos retirar da nossa análise é a de que, para além do verbo *dever*, o tradutor português tem à sua disposição um vastíssimo leque de recursos para traduzir *müssen* e *sollen*. Alguns destes recursos são verbos com sentido modal, entre os quais *ter de* – frequente na tradução de *müssen* em quase todas as suas leituras – e ainda *haver de* – que pode ocorrer na tradução de *sollen* e *müssen* em diferentes contextos – ou até *querer*, que ocorre sobretudo na tradução de *sollen* em leitura volitiva. A estes e outros verbos juntam-se inúmeras expressões e estruturas que reproduzem adequadamente o valor modal de *sollen* e *müssen* em diferentes contextos. Os recursos encontrados no âmbito da nossa análise, que estão elencados na tabela-resumo que se segue a estas notas finais, ilustram, mas, obviamente, não esgotam as possibilidades ao dispor dos tradutores portugueses.

Uma referência ainda para alguns contextos em que, de acordo com os dados analisados, a tradução adequada pode não passar por nenhum elemento com valor modal. Trata-se, essencialmente, de contextos em que *müssen*, em leitura circunstancial, surge associado a verbos que denotam uma reação incontrolável a um estímulo, como rir, espirrar, ou pensar involuntariamente em alguma coisa que nos ocorre, e em que quem traduz pode usar um conjunto limitado de expressões modais, como por exemplo *ser levado a* (180) ou *não poder deixar de* (182) ou optar por não usar qualquer expressão portuguesa com valor modal (cf., por ex. (191) ou (194)).

O estudo efetuado confirma que os verbos modais alemães *sollen* e *müssen* podem ter múltiplas leituras e que a sua interpretação é altamente dependente do contexto – o mesmo se aplicando, aliás, a verbos modais portugueses usados para os traduzir, como *dever*. A tradução de *sollen* e *müssen* implica, pois, que o texto original seja lido sem precipitações e que se tenha sempre em consideração todo o contexto relevante. A consulta de dicionários bilingues deve ser feita com grande prudência, por conterem frequentemente indicações vagas que, na ausência de exemplos claros para ilustrar

diferentes leituras, sugerem correspondências simplistas entre as duas línguas: por exemplo, a sugestão de uma correspondência abstrata entre *sollen* e *dever* contraria os dados observados, que mostram que o verbo *dever* não pode ser considerado, no que respeita a *sollen*, «the closest natural equivalent» (Nida 1964: 166). Por outro lado, em dicionários monolíngues existem muitas vezes longas listas de exemplos para uma profusão de leituras destes verbos, nunca dispensando, ou mesmo reforçando a necessidade de uma leitura atenta do texto para que se possa identificar a interpretação mais adequada. Para além do cuidado na compreensão do original, a tradução dos verbos modais alemães requer ainda o conhecimento dos recursos linguísticos correspondentes em português, uma área em que há ainda muito trabalho a fazer, e para a qual esperamos ter dado um contributo válido com o presente estudo.

Anexo

Tabela-resumo

Nesta tabela apresenta-se, para facilidade de consulta e sem nenhum propósito normativo, uma síntese das correspondências de tradução adequadas encontradas no *corpus* e sugeridas no texto dos capítulos. Essas correspondências encontram-se distribuídas por aceções e são acompanhadas de comentários relevantes, sempre com referência aos números dos exemplos respectivos, para facilitar a consulta do contexto integral, uma vez que na tabela elas surgem descontextualizadas.

<i>sollen</i> – leitura reportativa – informação relacionada		
Tradução por diferentes expressões com significado reportativo, e também por Futuro Composto ou Condicional/Futuro do Pretérito	<i>sollen</i> (<i>zitiert haben</i>)	<i>parece que</i> (43)
	<i>soll</i> (<i>verteilt haben</i>)	<i>diz que</i> (44)
	<i>soll</i> (<i>ausgelöst haben</i>)	<i>consta que</i> – sugestão, nota 38
	<i>soll</i> (<i>versucht haben</i>)	<i>segundo parece</i> (45)
	<i>soll</i> (<i>gelacht/gezungen haben</i>)	<i>ao que parece</i> (46)
	<i>soll</i> (<i>gesprachen haben</i>)	Futuro Composto: <i>terá começado</i> (47), <i>terá obrigado</i> – sugestão para (51)
<i>sollen</i> – leitura normativa – referência a normas ou padrões	<i>soll</i>	Condicional/Futuro do Pretérito (<i>falaria</i>) – sugestão para (50), nota 39
	Referência a normas gerais, trad. <i>dever</i> (Presente ou Futuro)	
	<i>sollte</i>	<i>deve</i> (52)
	<i>sollte(n)</i>	<i>deve</i> (58)
	<i>sollten</i>	<i>deverão</i> (53), <i>deverá</i> (54)
	<i>sollten</i>	<i>devem</i> (59)
Formulação de normas por entidade competente, trad. <i>dever</i> (Presente ou Futuro)	<i>sollten</i>	<i>devia</i> (55)
	<i>sollte(n)</i>	<i>deveríamos</i> (56), <i>deveria</i> (57)
	<i>sollte</i>	<i>deve</i> (60) (pedido insistente que o falante pretende tornar vinculativo)
Conselho ou opção mais sensata segundo o falante, trad. <i>dever</i> (Imperfeito ou Condicional/Futuro do Pretérito)	<i>sollte</i>	<i>devia ter esbofetado</i> (61), <i>devia ter esbofetado</i> (62)
Censura por decisão passada – forma composta de <i>Konjunktiv II</i> e <i>dever</i> com Infinitivo Composto	<i>sollte</i>	

Traduções diferentes de <i>dever</i>	<i>sollte</i>	<i>a palavra de ordem era (63)</i>
	<i>soll</i>	<i>programa a substituir (64)</i>
	<i>sollte(n)</i>	<i>é necessário (65), é conveniente (66)</i>
	<i>sollte</i>	<i>bom (67)</i>
Perguntas diretas e indiretas	<i>soll</i>	<i>há-de ser (68), há-de alumiarm/fazer (69), hei-de interpretar (70) (perguntas)</i>
	<i>sollte</i>	<i>deveria (71) (pergunta indireta)</i>
	<i>soll</i>	<i>queres (72) (pergunta: woher soll ich das wissen? – Como queres tu que eu saiba?)</i>
<i>sollen</i> – leitura volitiva – expressão de vontade alheia ao sujeito		
Tradução por diferentes verbos que exprimem vontade (<i>querer, haver de, gostar, pretender</i>)	<i>soll</i>	<i>quer (73) (auscultação da vontade: Soll ich...? – Quer(es)em que...?)</i>
	<i>soll</i>	<i>quisermos (74TS)</i>
	<i>soll</i>	<i>há-de (74TM), (75TM)</i>
	<i>soll</i>	<i>gostava (75TS), (76)</i>
	<i>sollte</i>	<i>havia de (77)</i>
	<i>soll</i>	<i>pretendem (78)</i>
Tradução por <i>devia/havia de</i>	<i>sollte</i>	<i>devia, havia de (sugestões nota 49) – desejos dificilmente realizáveis com <i>sollte</i></i>
Tradução por <i>que</i> + Conjuntivo	<i>sollte(n)</i>	<i>que fizesse (80), que vivesse (81), que fosse (82), que acreditasse (84)</i>
	<i>soll</i>	<i>que diga (83)</i>
	<i>sollte</i>	<i>a condição de (85)</i>

<i>sollen</i> – leitura teleológica – formulação de objetivos	
Tradução por diversas expressões de finalidade	<i>sollte</i> <i>soll(ten)</i> <i>soll</i> <i>soll</i> <i>soll</i> <i>era para (dar nas vistas) – sugestão para (86)</i> <i>para elas treparem (89), para a assessorar (90)</i> <i>com a finalidade de (91)</i> <i>a fim de (92)</i> <i>no intuito de (93)</i>
<i>sollen</i> – outros usos	
CONDICIONAL – Tradução por estruturas condicionais	<i>sollte</i> <i>se..., caso..., no caso de... (94) e nota 53</i>
CONCESSIVO – Tradução por estruturas concessivas	<i>sollte</i> <i>ainda que (95)</i>
PERGUNTA RETÓRICA – DÚVIDA	<i>sollte</i> <i>será que devia...? (96)</i>
FUTURO DO PASSADO – Tradução por perífrases diversas ou por Condicional/Futuro do Pretérito	<i>sollte</i> <i>iria (97)</i> <i>viria(m) a (98), (99)</i> <i>haveria de (100)</i> Condicional/Futuro do Pretérito (<i>se atingiria</i>) (101)
SITUAÇÃO PLANEADA – FUTURO – Tradução por Presente, Futuro ou verbo <i>dever</i> no Futuro	<i>soll</i> <i>soll</i> <i>soll</i> Presente (Indicativo, Conjuntivo) <i>tenha lugar (103), desloca-se (104)</i> Futuro <i>ficará a viver (105)</i> <i>deverá (106)</i>

ESTRUTURAS SEM INFINITIVO	<i>soll</i>	<i>a que propósito vem</i> (107) (pergunta: <i>Was sollen denn diese Unkenrufe? – A que propósito vem esse mau agouro?</i>)
	<i>sollte</i>	<i>de que me servia</i> (108) (pergunta: <i>De que me servia...? – Was sollte mir...?</i>)
müssen – leitura epistêmica – avaliação de probabilidade		
Situação indicada pelo Infinitivo interpretada como provável – tradução por <i>dever</i>	<i>mus</i>	<i>deve</i> (114)
	<i>musste gelangt sein/bekommen haben</i>	<i>devia ter chegado</i> (115), <i>devia ter apanhado</i> (117)
	<i>mus gewesen sein</i>	<i>deve ter sido</i> (116)
	<i>musste</i>	<i>deveria</i> (126)
	<i>musste</i>	<i>tinha de haver</i> (118)/ <i>tinha de ser</i> (119)
	<i>mus</i>	<i>tem que ter</i> (120)
Tradução por <i>haver de</i>	<i>há(s)-de</i> (122), (123)	
Tradução por expressão adverbial	<i>musste</i>	<i>com toda a certeza</i> (124)
Tradução por Condicional/Futuro do Pretérito	<i>musste (wohl)</i>	<i>(decerto) haveria</i> (125)
Em frases dependentes de verbos com matiz epistêmico – sem tradução	<i>(schätzte/schien) ...müsse/müsste</i>	<i>calcula</i> (127), <i>aparentava</i> (128), <i>dava a impressão de</i> (129)
müssen – leitura normativa – referência a normas ou padrões		
Normas institucionais, textos regulamentares – tradução por <i>dever</i>	<i>mus, müssen</i>	<i>deve(m)</i> (130), (131), (132), (141)

Normas institucionais – exemplos de outros recursos de tradução	<i>miss</i>	<i>a necessidade de</i> (134)
	<i>missen</i>	<i>é obrigado a</i> (135)
	<i>miss</i>	<i>obrigatoriamente</i> (136)
	<i>müssen</i>	<i>determine</i> (137)
	<i>miss</i>	<i>é aplicável</i> (138)
Normas em outros contextos – tradução por <i>ter de</i>	<i>miss, müssen</i>	<i>têm de</i> (142), <i>tem de</i> (143)
Exemplos de outros recursos de tradução	<i>müssen</i>	<i>a obrigação de</i> (144)
	<i>miss</i>	<i>é preciso</i> (145)
	<i>müssen</i>	<i>é imperativo que</i> (146)
	<i>musste</i>	<i>eram horas de</i> (147) (cumprimento de horário)
	<i>miss</i>	<i>deveria</i> (148TS)
<i>Konjunktiv II</i> , incerteza de realização – tradução por <i>dever</i> (Condicional/Futuro do Pretérito ou Imperfeito)	<i>miss</i>	<i>devia</i> (148TM)
	<i>hätte anbieten müssen</i>	<i>devia ter oferecido</i> (149) (censura)
Forma composta de <i>Konjunktiv II</i> , arrependimento ou censura – tradução por <i>dever</i> + Infinitivo Composto	<i>hätte wissen müssen</i>	<i>devia saber</i> (152)
<i>müssen</i> – leitura volitiva – expressão da vontade		
Tradução por <i>ter de</i>	<i>miss, müssen</i>	<i>tem de</i> (153), <i>tenho de</i> (155), <i>têm de</i> (154)

Traduções por outros recursos, como <i>haver de</i> , <i>não querer deixar de</i>	<i>muss</i>	<i>não quero deixar de</i> (156)
	<i>hättest kennen müssen</i>	<i>haviás de a ter conhecido</i> – sugestão para (157), nota 76)
	<i>musst</i>	<i>hás-de</i> (nota 77)
	<i>musste</i>	<i>tinha ordens para</i> (158)
Em frase dependente de verbo volitivo – sem tradução	<i>(bestand darauf, er) müsste</i>	<i>insistia em que tomase</i> (159)
müssen – leitura teleológica – atingir objetivos		
Tradução por <i>ter de</i>	<i>müssen, musste</i>	<i>têm de</i> (160), <i>ia ter de</i> (161)
Contextos com <i>nur/bloß</i> – tradução por <i>só/apenas</i> ou <i>bastar</i>	<i>mußte (nur/bloß)</i> <i>(nur/bloß) müssen</i>	<i>só tinha de</i> (162), <i>só tive que</i> (163) <i>bastar</i> – sugestão para (162), (163)
Tradução por <i>só</i>	<i>muss</i>	<i>só dando... conseguia</i> (nota 83)
Tradução por <i>precisar de</i>	<i>muss</i>	<i>precisar de</i> (164)
Outros recursos de tradução – construções impessoais	<i>musste</i>	<i>era necessário</i> (165)
	<i>musste</i>	<i>era preciso</i> (166)
	<i>müssen</i>	<i>ser imprescindível</i> (167)
	<i>müssen</i>	<i>é imperioso</i> (168)
	<i>müssen</i>	<i>torna-se necessário</i> (169)
	<i>müssen</i>	<i>há que</i> (170)
	<i>müssen</i>	<i>importa</i> (171)
	<i>müssen</i>	<i>disposições a tomar</i> (172)
	<i>müssen</i>	<i>necessidade de</i> (173)

<i>müssen</i> – leitura circunstancial – a força das circunstâncias		
Tradução por <i>ter de</i>	<i>musste, müssen</i>	<i>tinha de</i> (174), <i>teremos de</i> (175)
Outros recursos de tradução menos frequentes, entre eles expressões com dois elementos negativos como <i>não poder deixar de</i> <i>passar sem</i> , e também expressões compatíveis com reações incontroláveis a estímulos (<i>não poder deixar de rir/ouvir, ser levado a pensar, vir à ideia</i>)	<i>musste</i>	<i>havia que</i> (176)
	<i>musste</i>	<i>foi forçado a</i> (177)
	<i>hatte mimachen müssen</i>	<i>foi obrigado a</i> (178)
	<i>musste</i>	<i>vi-me forçado a</i> (179)
	<i>musste (denken)</i>	<i>foi levado a pensar</i> (180)
	<i>musste (gedenken)</i>	<i>vinham-me à ideia</i> (181)
	<i>mussten (lachen)</i>	<i>não puderam deixar de rir</i> (182)
	<i>musste</i>	<i>não podia passar sem</i> (183)
	<i>musste</i>	<i>não teve outro remédio senão</i> (184)
	<i>musste</i>	<i>nenhuma... resistia</i> (185)
	<i>müssen</i>	<i>forçosamente</i> (186)
	Tradução sem elemento modal, possível quando a ausência de alternativas é clara no contexto	<i>musste (anhören)</i>
<i>müssen, muss</i>		<i>mudemos</i> (Imperativo) (187), <i>toca a marchar</i> (188), <i>fica entregue à minha imaginação</i> (190)
Sentido específico com <i>mal</i>	<i>musste mal...</i>	<i>ia...</i> (189) (contexto ajuda a clarificar)

Tradução sem elemento modal por serem situações de reação não controlável a um estímulo, incompatíveis com <i>ter de</i> e outras expressões modais de necessidade	<i>musste lachen</i>	<i>pôs-se a rir (191)</i>
	<i>mussten lachen</i>	<i>desataram a rir (192)</i>
	<i>muß lachen</i>	<i>deixe-me rir (193)</i>
	<i>musste niesen</i>	<i>espirrou (194)</i>
	<i>musste weinen</i>	<i>comecei a chorar (nota 90)</i>
	<i>hatte ertragen müssen</i>	<i>tinha sofrido (195)</i>
müssen – expressões fixas ou semifixas (verbos do dizer)		
Tradução por <i>dever</i> – 1.ª pessoa Presente	<i>muß zugeben/gestehen</i>	<i>devo confessar (201), (203)</i>
	<i>muß sagen</i>	<i>devo dizer (205)</i>
Tradução por <i>ter de</i> – várias pessoas e tempos	<i>musste mir eingestehen</i>	<i>teve de confessar (200TM), (ele) tinha de confessar (202)</i>
	<i>muß sagen</i>	<i>tenho de confessar (204)</i>
	<i>muß sagen</i>	<i>valha a verdade (206)</i>

Referências bibliográficas

- Aufderstraße, H./ J. Müller/ T. Storz (2003), *Delfin*. Lehrbuch + Arbeitsbuch, Dreibändige Ausgabe, Teil 1, Lektionen 1-7, Ismaning, Hueber.
- Bechara, Evanildo (1999), *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*, 37.^a edição revista e ampliada, Rio de Janeiro, Editora Lucerna.
- Bußmann, Hadumod (1990), *Lexikon der Sprachwissenschaft*, Stuttgart, Kröner.
- Campos, Henriqueta Costa (1997), *Tempo, Aspeto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- Campos, Henriqueta Costa (1998), 'Dever' e 'poder': *Um subsistema modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, Celso/ Luís Filipe Lindley Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- De Haan, Ferdinand (1999), «Evidentiality and Epistemic Modality: Setting Boundaries», *Southwest Journal of Linguistics*, 18, 83-101.
- DELP = *Dicionário Editora da Língua Portuguesa* (2004), Porto, Porto Editora.
- DELP = *Dicionário Editora da Língua Portuguesa* (2013) (Acordo Ortográfico), Porto, Porto Editora.
- Diewald, Gabriele (1999), *Die Modalverben im Deutschen: Grammatikalisierung und Polyfunktionalität*, Tübingen, Niemeyer.
- Diewald, Gabriele/ Elena Smirnova (2010), *Evidentiality in German: Linguistic Realization and Regularities in Grammaticalization*, Berlin/NewYork, Mouton de Gruyter.
- DLPC = *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), Academia das Ciências de Lisboa/Fundação Calouste Gulbenkian, 2 volumes, Lisboa, Editorial Verbo.

- DBLP = *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch: Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch* / *Dicionário de Bolso Langenscheidt Português: Português-Alemão, Alemão-Português* (2001), München/Wien, Langenscheidt.
- DPEAP = *Dicionário de Alemão-Português* (1999), Porto, Porto Editora.
- Droessiger, Gražina (2009), »Zu Übersetzungsmöglichkeiten des Modalverbs *müssen* in epistemischer Lesart ins Litauische«, *KALBOTYRA*, 60(3), 14-25.
- Duden = Dudenredaktion (ed.) (2005), *Duden: Die Grammatik*, Mannheim/Leipzig/ Wien/Zürich, Dudenverlag.
- Engel, Ulrich (1996), *Deutsche Grammatik*, Heidelberg, Groos.
- Engel, Ulrich (2009), *Deutsche Grammatik*, München, Iudicium.
- Gärtner, Eberhard (1998), *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Tübingen, Niemeyer.
- Götze, Lutz/ Ernest W. B. Hess-Lüttich (2002), *Grammatik der deutschen Sprache*, Gütersloh/München, Wissen Media Verlag.
- Harden, Theo (1989), »Ausdrucksweisen der deontischen Modalität im Deutschen und im Portugiesischen«, in: António Franco (ed.), *Duas línguas em contraste. Português e Alemão*. Actas do 1.º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão, Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 123-136.
- Helbig, Gerhard (2009), »Modalität, Modalverben, Konfrontation. Notizen zu einigen umstrittenen Fragen«, in: Thomas Grimm/ Elisabeth Venohr (eds.), *Immer ist es Sprache: Mehrsprachigkeit – Intertextualität – Kulturkontrast*. Festschrift für Lutz Götze zum 65. Geburtstag, Frankfurt a. M., Peter Lang, 3-18.
- Helbig, Gerhard/ Joachim Buscha (1991), *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, Berlin, Langenscheidt.
- Helbig, Gerhard/ Joachim Buscha (2001), *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, Berlin, Langenscheidt.
- Hörster, Maria António/ Francisca Athayde / Judite Carecho (2011), »Die trickreichen deutschen Modalverben und ihre

- Übersetzung ins Portugiesische. Der Fall *sollen* anhand von Beispielen aus literarischen und pragmatischen Texten«, *REAL Revista de Estudos Alemães*, n.º 2, 88-108.
- Hörster, Maria António/ Francisca Athayde/ Judite Carecho (2012), «*Was soll soll bedeuten? Os valores do verbo modal alemão sollen e a sua expressão em português*», in: Raúl Sanchez Prieto/ Mar Soliño Pazó (eds.), *Contrastivica I. Aktuelle Studien zur Kontrastiven Linguistik Deutsch-Spanisch-Portugiesisch I*, Stuttgart, ibidem-Verlag, 107-123.
- Hörster, Maria António/ Francisca Athayde/ Judite Carecho (2013), «*So muss es gewesen sein! Deve ter sido assim. Epistemisches müssen und seine Übersetzungsmöglichkeiten ins Portugiesische*», *REAL Revista de Estudos Alemães*, n.º 4, 131-151.
- Houaiss, Antônio/ Mauro Villar (2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 6 vol. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Johnen, Thomas (2003), *Die Modalverben des Portugiesischen (PB und PE): Semantik und Pragmatik in der Verortung einer kommunikativen Grammatik*, Hamburg, Kovač.
- Kanala, Tanja (2006), *Die deutschen notwendigkeitsbezeichnenden Modalverben müssen und sollen in Relation zu den schwedischen måste, skola und böra: Eine kontrastive Untersuchung im Rahmen des Variantenansatzes*, Pro Gradu-Arbeit, Institut für moderne und klassische Sprachen/ Deutsche Sprache und Kultur, Universität Jyväskylä.
- Kratzer, Angelika (1978), *Semantik der Rede. Kontexttheorie, Modalwörter, Konditionalsätze*, Königstein, Scriptor.
- Kratzer, Angelika (1981), «The notional category of modality», in: H.-J. Eikmeyer/ H. Rieser (eds.), *Words, Worlds and Contexts*, Berlin, de Gruyter, 38-74.
- Kratzer, Angelika (2012), «The notional category of modality», in: Angelika Kratzer, *Modals and Conditionals*, Oxford, Oxford University Press, 21-69.
- LGDaF = *Langenscheidts Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (2000).

- Lehmann, Christian/ José Pinto de Lima/ Rute Soares (2010), «Periphrastic voice with ‘see’ in Portuguese», in: Gabriele Diewald/ Elena Smirnova (eds.), *Paradigmaticity and Obligatoriness*, London, Routledge, 75-100. (= *Acta Linguistica Hafniensia: International Journal of Linguistics*, special issue, 42, 1, 75-100)
- Lima, José Pinto de (2006), «Gramaticalização em Alemão e em Português: a formação de verbos semi-modais», in: Maria Francisca Athayde (ed.), *Estudos sobre léxico e gramática*, Coimbra, CIEG/Minerva, 35-66.
- Martins, Maria Teresa Hundertmark-Santos (1982), *Portugiesische Grammatik*, Tübingen, Niemeyer.
- Mateus, Maria Helena/ Ana Maria Brito/ Inês Duarte/ Isabel Hub Faria (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Mateus, Maria Helena/ Ana Maria Brito/ Inês Duarte/ Isabel Hub Faria (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Milan, Carlo (1995), «Das deutsche Modalverb *sollen* und seine Entsprechungen im Italienischen», in: Wolfgang Dahmen/ Günter Holtus/ Johannes Kramer/ Michael Metzeltin/ Wolfgang Schweickard/ Otto Winkelmann (eds.), *Konvergenz und Divergenz in den romanischen Sprachen*, Tübingen, Gunter Narr, 151-190.
- Mortelmans, Tanja (2013), «Wie viel Modalverb braucht der Mensch?», *German as a foreign language – ISSN 1470-9570-2*, 65-91.
- Nida, Eugene A. (1964), *Toward a Science of Translating*, Leiden, E. J. Brill.
- Oliveira, Fátima (1988), *Para uma semântica e pragmática de ‘dever’ e ‘poder’*, Diss. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, Fátima (2013), «Tempo verbal», in: E. B. P. Raposo/ M. F. B. Nascimento/ M. A. C. Mota/ L. Segura/ A. Mendes (eds.), *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 509-553.
- Oliveira, Fátima/ Amália Mendes (2013), «Modalidade», in: E. B. P. Raposo/ M. F. B. Nascimento/ M. A. C. Mota/ L. Segura/

- A. Mendes. (eds.), *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 623-669.
- Peres, João Andrade/ Telmo Mória (1995), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Portner, Paul (2009), *Modality*, Oxford, Oxford University Press.
- Raposo, E. B. Paiva (2013), «Verbos auxiliares», in: E. B. P. Raposo/ M. F. B. Nascimento/ M. A. C. Mota/ L. Segura/ A. Mendes (eds.), *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1221-1281.
- Schemann, Hans (1982), *Die Definitionskriterien von Verbalperiphrasen. Die portugiesischen Verbalperiphrasen. Corpus und Analyse*, Tübingen, Niemeyer.
- Silva, António Carvalho da (2013), «A definição do condicional como modo ou tempo verbal: uma análise das propostas de gramáticas escolares de Português», *Moenia*, 19, 497-521. <http://www.usc.es/revistas/index.php/moenia/article/view/1948/1809> [último acesso: 14.10.2014]
- Smirnova, Elena/ Gabriele Diewald (2013), »Kategorien der Redewiedergabe im Deutschen: Konjunktiv I versus *sollen*«, *Zeitschrift für germanistische Linguistik*, 41 (3), 443-471. <https://doi.org/10.15488/165> [último acesso: 14.10.2014]
- Weinrich, Harald (1993), *Textgrammatik der deutschen Sprache*, Mannheim, Dudenverlag.
- Zifonun, Gisela/ Ludger Hoffmann/ Bruno Strecker/ Joachim Ballweg (1997), *Grammatik der deutschen Sprache*, Berlin/ New York, de Gruyter.

Fontes do corpus

[30giorniDE] = http://www.30giorni.it/articoli_id_21283_l5.htm
[último acesso: 14.10.2014]

[30giorniPT] = http://www.30giorni.it/articoli_id_21247_l6.htm
[último acesso: 14.10.2014]

[Casa] = [HOH]

[Cass] = Wolf, Christa (1989), *Cassandra*, Lisboa, Edições Cotovia. (Tradução de João Barrento)

[Emil] = Kästner, Erich. (s.d.), *Emil und die Detektive. Emil und die drei Zwillinge*, [Jubiläumsausgabe zum 75. Geburtstag des Cecilie Dressler Verlags] Hamburg/ Zürich, Cecilie Dressler Verlag/ Atrium Verlag.

[Emílio] = Kästner, Erich (1970), *Emílio e os detectives*, 8.^a edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora. (Tradução de Virgínia de Castro Almeida)

[Emílio2] = Kästner, Erich (1989), *Emílio e os detectives*, Lisboa, Vega. (Tradução de Maria Augusta Júdice)

[G] = Aichinger, Ilse (1978), »Der Gefesselte«, in: Ilse Aichinger, *Meine Sprache und ich*, Frankfurt a. Main, Fischer, 7-19.

[G] = Aichinger, Ilse (1984), »O amarrado«, in: Ludwig Scheidl (ed.), *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 93-104. (Tradução de Maria António Hörster)

[HFL] = Schier, Carmen (1999), »Heimkehr in ein fremdes Land oder Von der Chance durch Veränderung«. («Regresso a um País Estrangeiro ou Das oportunidades através da mudança», Tradução de Maria António Hörster). Comunicação no âmbito do Colóquio *A Alemanha 10 anos após a queda do Muro de Berlim*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 04.03.99.

[Haus] = [HOH]

[HOH] = Böll, Heinrich (s. d.), *Casa indefesa*, 3.^a ed., Lisboa, Edição Livros do Brasil. (Tradução de Jorge Rosa)

[HOH] = Böll, Heinrich (1977), *Haus ohne Hüter*, in: Bernd Balzer (ed.), *Heinrich Böll. Werke, Romane und Erzählungen*, 2, Köln, Kiepenheuer & Witsch, 237-498.

[JOS] = Bachmann, Ingeborg (1962), »Jugend in einer österreichischen Stadt«, in: Ingeborg Bachmann, *Das dreissigste Jahr*, München, Piper, 5-17.

- [JOSTM] = Bachmann, Ingeborg (1984), «Juventude numa cidade austríaca», in: Ludwig Scheidl (ed.), *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 131-138. (Tradução de Idalina Aguiar de Melo)
- [JOSTS] = Bachmann, Ingeborg (1988), «Juventude numa cidade austríaca», in: Ingeborg Bachmann, *Trinta anos*, Lisboa, Relógio d'Água, 9-18. (Tradução de Leonor Sá)
- [Kass] = Wolf, Christa (2002), *Kassandra*, München, dtv.
- [LE] = Broch, Hermann (1984), «Uma ligeira decepção», in: Ludwig Scheidl (ed.), *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 19-32. (Tradução de António Sousa Ribeiro)
- [LE] = Broch, Hermann (1980), «Eine leichte Enttäuschung», in: Hermann Broch, *Kommentierte Werkausgabe*, Band 6, Frankfurt a. M., Suhrkamp, 127-144.
- [MA] = [UR]
- [MerkelD] = <http://www.tagesspiegel.de/politik/merkel-staatsbesuch-in-lissabon-unerwuenscht-in-portugal/7375352.html> [último acesso: 14.10.2014]
- [MerkelP] = <http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/angela-merkel-vem-a-portugal-visitar-a-autoeuropa-e-conceder-bolsas-de-estaacutegio> [último acesso: 14.10.2014]
- [MultDE] = *Eine neue Rahmenstrategie für Mehrsprachigkeit*, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0596:FIN:DE:PDF> [último acesso: 02.11.2009]
- [MultPT] = *Um novo quadro estratégico para o multilinguismo*, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2005:0596:FIN:PT:PDF> [último acesso: 02.11.2009]
- [NCM] = Torga, Miguel (1991), *Novos contos da montanha*, Coimbra.
- [NEG] = Torga, Miguel (1991), *Neue Erzählungen aus dem Gebirge*, München, Piper. (Tradução de Curt Meyer-Clason)
- [Papa] = <https://www.publico.pt/2013/02/26/mundo/noticia/bento-xvi-passara-a-ser-tratado-como-papa-emerito-1585842> [último acesso: 14.10.2014]

- [Papst] = <http://www.spiegel.de/panorama/papst-benedikt-xvi-bleibt-nach-ruecktritt-seine-heiligkeit-a-885651.html> [último acesso: 14.10.2014]
- [PE] = Relato integral das sessões do Parlamento Europeu (24 a 25 de fevereiro de 1999, intervenções em alemão e respetiva tradução portuguesa), <http://bookshop.europa.eu/pt/jornal-oficial-das-comunidades-europeias-debates-do-parlamento-europeu-sess-o-1999.-relato-integral-das-sess-es-de-24-a-25-de-fevereiro-de-1999-pbAXAA99004/> [último acesso: 30.12.2013].
- [Schwarz] = <https://www.muenchen.tv/deutschlandweit-schwarzfahren-soll-kuenftig-60-euro-kosten-75443/> [último acesso: 14.11.2014]
- [SegDE] = DE L 263/12 *Amtsblatt der Europäischen Union* 7.10.2009, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2009:263:0011:0031:DE:PDF> [último acesso: 13.10.2009]
- [SegPT] = PT L 263/12 *Jornal Oficial da União Europeia* 7.10.2009, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2009:263:0011:0031:PT:PDF> [último acesso: 13.10.2009]
- [SW] = Hesse, Hermann (1987), »Der Steppenwolf«, in: *Gesammelte Werke* (in zwölf Bänden), Band 7, Frankfurt a. Main, Suhrkamp.
- [SW] = Hesse, Hermann (1994), *O lobo das estepes*, Porto, Afrontamento. (Tradução de Sara Seruya)
- [TL] = «Tratado de Lisboa que altera o Tratado da União Europeia e o Tratado que institui a Comunidade Europeia, assinado em Lisboa em 13 de Dezembro de 2007». *Jornal oficial da União Europeia* 17.12.2007. 2007/c 306/01. <http://eur-lex.europa.eu/JOHtml.do?uri=OJ:C:2007:306:SOM:PT:HTML> [último acesso: 14.10.2014]
- [UMI] = Bachmann, Ingeborg (1962), »Unter Mördern und Irren«, in: Ingeborg Bachmann, *Das dreissigste Jahr*, München, Piper, 105-141.

- [UMITM] = Bachmann, Ingeborg (1984), «No meio de assassinos e de loucos», in: Ludwig Scheidl (ed.), *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 139-158. (Tradução de Idalina Aguiar de Melo)
- [UMITS] = Bachmann, Ingeborg (1988), «Entre loucos e assassinos», in: Ingeborg Bachmann, *Trinta anos*, Lisboa, Relógio d'Água, 87-116. (Tradução de Leonor Sá)
- [UR] = Grass, Günther (1994), *Mau Agoiro*, Venda Nova, Bertrand. (Tradução de Maria Antonieta C. Mendonça)
- [UR] = Grass, Günther (1992), *Unkenrufe*, Göttingen, Steidl.
- [VL] = »Vertrag von Lissabon. Zur Änderung des Vertrags über die Europäische Union und des Vertrags zur Gründung der Europäischen Gemeinschaft«, *Amtsblatt der Europäischen Union* 17.12.2007. 2007/c 306/01.
- <http://eur-lex.europa.eu/JOHtml.do?uri=OJ:C:2007:306:SOM:DE:HTML> [último acesso: 14.10.2014]

